

A low-angle, close-up photograph of a person's legs and feet walking on a paved surface. The person is wearing light-colored, possibly white, jeans and dark, pointed-toe shoes. To the right of the person is a large, dark-colored rolling suitcase. The scene is bathed in the warm, golden light of a sunset or sunrise, with long shadows cast across the pavement. The background is blurred, showing hints of buildings and trees. The overall mood is contemplative and evocative of travel or displacement.

A GAROTA DOS
OLHOS TRISTES
NOELIA HONTORIA

"QUANDO VOCÊ NÃO TEM PARA ONDE VOLTAR,
PERDER-SE É O ÚNICO CAMINHO"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A garota dos olhos tristes

Noelia Hontoria

Traduzido por Thais Campos

“A garota dos olhos tristes”

Escrito por Noelia Hontoria

Copyright © 2017 Noelia Hontoria

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Thais Campos

Editado por Mauro Antunes

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[A garota dos olhos tristes](#)

[Índice](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Fim](#)

Aos meus companheiros de vida,
por serem parte da melhor viagem
que podemos fazer

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

Capítulo 1

Adriana amava viajar. Desde pequena sempre soube que não queria viver uma vida pré-moldada como os outros, ela era especial. Acima de tudo, desejava conservar em sua retina paisagens de beleza incomensurável, desfrutar de cenas urbanas do dia a dia, integrar-se a outras culturas desconhecidas e servir-se de milhares, quem sabe milhões de quilômetros percorridos. Gostava de imaginar que levava em suas costas uma mochila mágica, na qual conservava a essência de cada passo andado, cada quilômetro viajado.

Nunca soube de quem tinha herdado esta paixão. Quem sabe de sua tia preferida, Carla, que sempre tinha uma anedota a contar sobre cada cidade que visitara. Ou talvez dos pais, que, sem saber, tinham incutido nela o desejo de conhecer o mundo. Apesar de ambos terem uma coleção pequena de carimbos no passaporte, os dois possuíam amplos conhecimentos desse mundo que nos rodeia, cada um por uma razão diferente: a mãe de Adriana era uma respeitada professora de geografia, enquanto o pai, cozinheiro, tinha editado, sem sucesso, dois livros de receitas internacionais.

Sem dúvidas, sua gana por viajar tinha-a levado a viver os melhores momentos de sua vida, e se havia algo de que não se arrependia, era de cada minuto vivido em cidades que não lhe pertenciam.

Adriana era filha única, mas nunca fora uma menina malcriada. Jamais faltou a ela um capricho ou um presente sob a árvore de Natal, mas também não faltou educação, carinho e a disciplina que merecia.

Cresceu em um lugar sem altos e baixos, sem problemas econômicos ou familiares, e passou sua adolescência como qualquer outra jovem de sua idade: gostava de tomar café com as amigas às sextas-feiras, olhar roupas no shopping e, de vez em quando, sair à noite para tomar um Malibu com abacaxi em bares para “adultos”. Queria crescer rápido e ser como eles, saber dançar, não ter horário para chegar em casa e não ser obrigada a dar explicações sobre com quem andava e aonde ia. Quem sabe, se Adriana soubesse o que lhe esperaria alguns anos depois da maioridade, teria desejado que sua vida se resumisse a esses cafés de sextas-feiras à tarde.

Feliz ou infelizmente para ela, a vida seguiu seu curso e Adriana transformou-se em uma bela jovem de cabelos negros e olhos cor de mel. Entrou na Universidade, mas nunca chegou a terminar. A vida tinha reservado-lhe outro destino, escolheu outros caminhos e passou de uma adolescente feliz a uma marionete daquele que, por capricho, movimenta os fios de nossa vida. Quem decide quem merece viver uma boa vida e quem se afogará em uma existência marcada pelas sombras? Somos nós que, com nossas ações, marcamos nosso futuro ou realmente existe um destino escrito para cada um desde o momento em que surgimos no mundo?

A jovem não conhecia a resposta para a pergunta que se repetia todas as noites, mas, em um bom dia, decidiu que não era o momento de buscar uma saída de um trem que havia descarrilado há muito tempo. Foi-se embora. Fugiu pela janelinha do serviço de bordo, como os covardes, atravessou as vias, mudou de estação e, inclusive, de meio de transporte. Tinha chegado o momento de romper com tudo o que a prendia à sua vida anterior: família, amigos, cidades... montou uma caixa de recordações e guardou nela tudo o que mais importava. Eram objetos que jamais teriam valor material em um mercado de usados, mas, para ela, eram todo o seu mundo. Com muito cuidado, selecionou suas fotos preferidas, com o cuidado de não aparecer em nenhuma. Fechou a caixa e fez da chave um pingente em seu colar. Acreditava no poder dos amuletos e, se queria começar de novo, para reescrever sua história, necessitaria de um.

Com suas próprias mãos, trocou seus longos cabelos negros por uma juba loura na altura dos ombros, e voltou a estudar, mas dessa vez, não foram as aulas da universidade que gozaram de sua inteligência:

em uma manhã de janeiro, matriculou-se em um curso de comissários de bordo ou, como muitas pessoas costumam chamar, aeromoças.

Começar uma nova vida não foi fácil: em uma cidade grande como Madri, organizar a documentação foi praticamente mais difícil que encontrar um apartamento decente e barato. Queria algo próximo da escola, mas com um aluguel adequado à sua conta no banco: tivera somente poucos meses para economizar e os luxos não teriam lugar em seu novo plano de vida.

Após duas noites dormindo em uma pousada de reputação duvidosa, conseguiu encontrar moradia em um apartamento modesto, mas limpo. Seu novo lar contava com uma decoração em tons de azul e um mobiliário bastante básico: uma cama velha, mas confortável, uma escrivaninha de melanina, um armário pequeno, mas suficiente para sua bagagem e uns dois quadros de temas marinhos. Muito relutantemente, teve que se resignar a compartilhar o apartamento com duas garotas de nacionalidade alemã, participantes de um programa de intercâmbio europeu, com as quais trocou somente uma centena de palavras durante todos os meses que durou a sua estadia.

Adriana se esquivava nos obstáculos do idioma para não conversar muito com suas alegres colegas, mas ela sabia que esse não era o motivo real. Estava consciente de que sua vida se encontrava em uma etapa absolutamente temporária, que isso não duraria muito. Gostava de Madri, fazia sentir-se uma forasteira em um mar de gente, mas não queria passar ali o resto de sua vida.

Nesse momento, fazer amizade com as alemãs não entrava entre as prioridades de sua nova vida. Tampouco lhe interessava conhecer seus colegas de classe. Oito garotas e somente um rapaz que ficavam nos finais de semana para desfrutar da noite madrilenha. Depois de três negativas da parte de Adriana, desistiram de tentar convencê-la a sair com eles. Achavam-na estranha, taciturna e solitária. E não estavam errados.

Às vezes, falavam dela pelas costas e todos concordavam que era uma garota amável, responsável e educada, mas não entendiam como alguém tão jovem podia ter tão pouca vida social. Alguns apostavam que teria algum problema psicológico, outros simplesmente atribuíam sua atitude a um possível relacionamento e carente. Fosse o que fosse o que definia a atitude de Adriana com o mundo, todos estavam de acordo que não era a melhor personalidade para uma futura comissária de voo.

A realidade era bem diferente: seus fantasmas não permitiam que se abrisse outra vez para o mundo. Desde que aconteceu aquilo que nunca deveria ter acontecido, deitava-se a cada noite imaginando que todos teriam uma segunda oportunidade, bastando um pedido de desculpas ou uma explicação para corrigir todos os nossos atos. Porém, a cada amanhecer, seus sonhos sempre se transformavam em pesadelos.

A vida seguiu seu curso e, poucos meses depois, abandonou a escola que tinha lhe dado uma nova oportunidade, desta vez com um certificado em baixo do braço. Contra todos os prognósticos, Adriana foi a primeira de sua turma a conseguir ser selecionada em uma das entrevistas que a escola organizava com algumas companhias aéreas. Apesar de seu trem ter descarrilhado há apenas um ano, tinha conseguido dar a partida nos motores do avião de sua nova vida. Aceitou sem duvidar: diante da oportunidade que se abria diante dela, nem sequer revisou as condições de seu contrato. A ela não interessava o salário, as horas de trabalho ou o convênio médico. Só queria começar, enfim, a sua vida. Dizem que nunca é tarde para recomeçar e Adriana estava a ponto de começar a viagem para onde realmente merecia.

Em 7 de outubro de 2007, decolou de madrugada, com nebulosidade e praticamente como se não quisesse ser notada. Não foi necessário cobrar. Em sua pequena mala de mão, levava algumas mudas de roupa, sua documentação e sua caixa de lembranças. No entanto, o que mais pesava não era nada material que pudesse levar consigo. Seu segredo a acompanhava, aonde quer que fosse, com a carga adicional de saber que jamais conseguiria se desprender dele.

As horas de espera no aeroporto voaram: antes de perceber, a voz robótica dos autofalantes do aeroporto já anunciava a partida do voo. Pegou sua bagagem de mão, seu segredo e sua desesperança e

colocou-se na fila deste condutor de destinos que vulgarmente chamavam de avião.

Detendo-se por um instante, como se quisesse saborear aquele momento, sacou de seu bolso a carta amassada que teria recebido apenas alguns dias antes e verificou na tela da sala de embarque que não tinha confundido o portão. Em ambos os lugares constava a mesma frase.

Destino: Aeroporto de Luqa. Malta.

Capítulo 2

A garota dos olhos tristes aterrissou naquela minúscula ilha do Mediterrâneo às 8 da manhã. Desceu pelas escadas do avião com um passo trôpego e atropelado, como o de alguém que não está muito seguro para onde vai, como quem caminha empurrado por uma série de fortuitos acontecimentos até um destino que não escolheu.

Entretanto, apesar de seus medos e inseguranças, Adriana sentia que, finalmente, estava fazendo a coisa certa. Durante os últimos dias, a palavra “Malta” tinha significado para ela muito mais que o simples nome de um país. Era sinônimo de liberdade, de esperança, de oportunidade. Agora, sabia o que sentiam essas pessoas que arriscam sua vida sobre uma embarcação para cruzar ao seu “novo mundo”. Adriana não viajava escondida como um clandestino, mas compartilhava com eles esse desejo de desaparecer, de começar de novo e esconder um passado forjado a base de sonhos despedaçados.

Ao descer do último degrau do avião, Adriana, enfim, colocou os pés sobre solo maltês. Ignorou a maré humana que vinha atrás dela, às dezenas, centenas de bagagens alheias que a envolviam e passavam ao seu lado sem se deter. Alguns, inclusive, empurraram-na levemente sem querer. Outros, conduzidos por sua pressa, sequer pediram licença. Afinal de contas, ela era somente mais um número, uma alma perdida sem interesse pelas outras pessoas com quem tinha compartilhado espaço no curto período de tempo que durou o voo.

O olhar triste e vazio que tinha adornado o seu rosto há meses agora tinha um pequeno resquício de esperança.

Pela primeira vez em muito tempo, Adriana sentia que podia voltar a nascer, esconder seu passado e, provavelmente, com o tempo, esquecer-se de seu segredo... ainda que o fizesse por somente alguns minutos.

Naquela manhã, Malta aparecia diante dela com a imensidão com que se manifestam as coisas mais esperadas. O primeiro cenário avistado por seus olhos tristes e melosos nem sequer lhe pareceu charmoso, mas viu nele a beleza dos braços que oferecem consolo e proteção nos piores momentos.

A partir de agora, a pequena ilha mediterrânea seria seu novo lar. Seu único lar.

A velocidade dos acontecimentos não tinha permitido que pesquisasse mais que quatro pinceladas históricas e demográficas do país. Tudo havia acontecido rápido demais. Desde que foi à entrevista e tomou o avião, haviam se passado sete dias.

Em somente uma semana, teve que voltar a guardar o que restava de sua vida em uma pequena mala de mão. Despediu-se somente de sua locatária, mera formalidade para solicitar a fiança que tinha deixado quando alugou o apartamento em janeiro. Às colegas de apartamento, deixou um bilhete escrito em um inglês perfeito. Não queria abraços nem cenas forçadas. Se nunca tinham sido amigas, por que, agora que partia, tinham que fingir que não era real?

Dois dias antes da partida pesquisou no Google para descobrir algo mais sobre seu novo destino. Surpreendeu-se ao verificar que, em alguns mapas, sequer fora desenhado. Em outros, era indicado somente com um asterisco. “*Vou me perder do mapa*”, pensou. E a ideia fez com que esboçasse um sorriso pela primeira vez em muito tempo.

Adriana sempre gostou dos detalhes curiosos. Por exemplo, descobrir que todo o país de Malta tem a mesma população que a cidade de Múrcia, pareceu-lhe no mínimo interessante. O dado seguinte em que se deteve foi o aspecto etimológico: “doce como mel” foi o significado que os gregos deram ao seu nome. Quanto mais lia, mas adequado lhe parecia o seu novo lar.

Descobriu também que a República de Malta conta com três ilhas principais: Malta, a maior e o epicentro econômico e comercial; Gozo, um lugar quase turístico graças ao seu Blue Window; e, por fim,

Comino, com somente 3,5 quilômetros quadrados de superfície, uma pequena ilha quase deserta e que tem somente um hotel, uma praia minúscula e paradisíaca... e uma avalanche de turistas em busca de sol e sal, que chegam e se vão no mesmo dia.

Os Cavaleiros da Ordem de Malta, Napoleão, a Batalha de Lepanto, entre outros, estiveram relacionados à história de Malta. A ilha, hoje quase desconhecida, foi um ponto estratégico do Mediterrâneo muitos séculos atrás.

A pesquisa seguinte foi realizada no Google Maps para descobrir a fachada de seu novo apartamento. A Alamein Road parecia um lugar tranquilo, um tanto distante a pé do centro da cidade turística, mas com as comodidades básicas para o dia a dia: um pequeno supermercado, uma parada de ônibus a poucos passos e um restaurante com preços adequados e cardápio pouco pretensioso.

A companhia aérea encarregou-se de encontrar alojamento para Adriana e, embora tivessem oferecido a possibilidade de trocá-lo se não estivesse a seu gosto, ela sabia que não seria necessário se tivesse uma cama confortável, a cozinha tivesse micro-ondas e as baratas não quisessem dividir o lugar com ela.

Sua nova casa encontrava-se em uma espécie de condomínio com 176 apartamentos, piscina, quadra de esportes, escola de inglês para estrangeiros, sala com televisão e jogos, restaurante e bar. Não faltariam vizinhos a quem pedir um pouco de açúcar, mas cruzava os dedos para não precisar compartilhar o apartamento com ninguém. Ainda não se sentia preparada para que alguém entrasse em sua intimidade, queria ter a oportunidade de construir sua nova vida sem intromissões, sem olhares ou perguntas indiscretas.

A moça dos olhos tristes pegou o primeiro táxi livre e, com um inglês perfeito da universidade, indicou o endereço ao motorista. No momento em que o carro arrancou, sentiu uma pequena pontada de culpa por não ter explorado um pouco o aeroporto, que seria o seu local de trabalho durante um bom tempo e seu primeiro contato com ele tinha durando apenas alguns minutos. Tinha se acostumado a viver com pressa e parecia que não seria fácil mudar esse ritmo.

Porém, esqueceu-se rápido dessa sensação, foi vencida pelo cansaço da viagem e pela vontade de chegar ao apartamento, soltar a mala e preparar algo quente para comer antes de colocar o sono em dia.

Somente 10 quilômetros depois, o táxi freou bruscamente. Como por magia, o motorista, que alguns minutos atrás a tinha cumprimentado em inglês, pareceu esquecer-se do idioma de seu próprio país e começou a falar em maltês, a segunda língua oficial da ilha. Adriana não precisou entender esse idioma tão exótico, uma mistura de árabe com italiano, para compreender que o taxista estava tentando confundir a com a intenção de não lhe dar o troco pelo pagamento. Agradeceu pela viagem e desceu, preferia perder umas poucas liras maltesas a perder mais tempo nesse táxi dos anos 60.

Enquanto o carro partia pela longa estrada que atravessava o condomínio de Adriana, ela ficou alguns instantes cravada na calçada de pedra marrom. Precisava parar por esses segundos: tinha conseguido, tinha conseguido se reinventar, reescrever sua vida e, enfim, tinha a sua frente o seu novo lar. *“Meu lar”*.

Inalou todo o ar que seus pequenos pulmões podiam recolher e soltou-o decidida. Avançou com segurança, fazendo soar os passos sobre o quente solo maltês, banhado pelos primeiros raios das manhãs de outubro. Reconheceu o que devia ser a entrada para a recepção, a qual se acessava passando por baixo de um arco com uma placa vermelha com letras brancas em que constava o nome do complexo.

À direita, onde podia ver a grande piscina, encontrava-se um grupo de jovens rindo alegremente. Talvez fossem somente três ou quatro anos mais novos que Adriana, mas notava em seus olhos o brilho de quem ainda não tinha sofrido um revés do destino. Seus passos perderam a segurança, enquanto em seus olhos avolumava-se uma lágrima. *“Será que algum dia eu voltarei a ser como eles?”*

Na recepção, um homem de pouco mais de 35 anos aguardava, vestido com uma camisa branca simples e um amplo sorriso adornando-lhe o rosto.

— Bom dia, senhorita, em que posso ajudar? — o rosto amável do funcionário inspirou-lhe confiança e bons presságios. Seu crachá o identificava pelo nome de Khalid.

— Bom dia. Meu nome é Adriana Sanz, tenho um apartamento reservado em meu nome. Precisa de meu passaporte?

— Sim, por favor. Vejo que se trata de uma longa estadia, não tem data de check out. O que a traz à Malta?

A última coisa que Adriana queria, depois de toda uma madrugada de viagem, era contar sobre sua vida, no entanto, não queria ser antipática com esse desconhecido que a olhava com olhos curiosos.

— Encontrei um trabalho na ilha e minha empresa arranhou um apartamento aqui para mim.

— Fantástico, espero que corra tudo bem e que você fique conosco por bastante tempo. Aqui estão as suas chaves, é o apartamento 405, você o encontrará saindo à direita pelo térreo, não tem erro.

Pausou brevemente, como se quisesse obter um melhor efeito com suas palavras e, em seguida, pronunciou a frase mais bonita que Adriana teria escutado em muito tempo:

— Bem vinda à Malta.

Capítulo 3

Nunca três palavras tiveram tanto significado. “*Bem vinda à Malta*”. Provavelmente, o recepcionista não estava consciente do efeito que tinha despertado em Adriana, mas essas três palavras foram o verdadeiro ponto de partida para ela.

Pela segunda vez em uma semana, a garota dos olhos tristes sorriu. Voltou a pegar sua pequena mala e retornou os passos dados há alguns minutos. Os alegres jovens de antes continuavam ali, não pareciam ter pressa para ir à aula ou ir a nenhum lugar em específico. Sua felicidade parecia tão simples e, ao mesmo tempo, tão real que Adriana desejou unir-se a eles e aprender sua filosofia de vida.

O recepcionista não a tinha enganado: o apartamento era bem fácil de encontrar. Em menos de um minuto, já estava diante da porta do 405. Uma simples porta branca com uma parede rosada que a fez adivinhar o que logo descobriria: o lugar era muito agradável, mas o luxo não faria sua aparição.

Efetivamente, não errou e continuou pensando o mesmo quando abriu a porta de sua nova casa. A primeira coisa que encontrou diante de si foram algumas escadas que conduziam à área de convivência. Embora a entrada se situasse no térreo, o apartamento em si estava, na realidade, no segundo piso.

A mesma cor rosada das paredes da fachada decorava também o interior do modesto apartamento. Ao subir a escada, deparou-se com um diminuto corredor, que calculou não ter mais que 3 metros quadrados. Ao lado esquerdo, encontrava-se o banheiro e a cozinha, em frente, um quarto e, ao lado direito um quarto pequenininho e outro maior, a partir do qual era possível acessar o terraço.

Com certa relutância, deixou a mala à entrada do primeiro quarto, o menor, e dirigiu-se ao terraço. Decepcionou-se um pouco ao ver que, embora cada apartamento tivesse seu próprio mobiliário composto por uma mesa e vários assentos, o terraço era comum a todos os apartamentos. Ainda não se sentia preparada para dividir seu espaço com outros olhares, mas descartou a ideia. Quem sabe, dentro de pouco tempo, não sentiria mais a necessidade de esconder-se dentro de sua toca.

Depois de uma olhada rápida, voltou ao apartamento e escolheu o quarto pequeno. Realmente, não necessitava de mais. Decidiu montar uma espécie de sala de estar no maior, o que dava acesso ao terraço e deixar o outro para possíveis visitas. “*Será que serei capaz de fazer amigos logo e mostrar minha casa a eles?*”

Apesar de ter levantado da cama às 3 da madrugada para pegar o avião, o descanso matinal de Adriana durou apenas 2 horas. Quando despertou, demorou alguns segundos para lembrar-se de onde estava e reconhecer aquelas paredes desbotadas de cor rosa pálido. Esticou o braço até a mesinha de cabeceira para pegar o celular e surpreendeu-se ao ver que passavam apenas dois minutos das onze da manhã. Sentiu uma pontada de dor ao lembrar-se de como, há dois anos, quando saía de viagem, sempre tinha que enviar várias mensagens para informar que tinha chegado bem. Agora ninguém a esperava em casa.

Embora fosse doloroso, tinha chegado o momento de esquecer totalmente de sua vida anterior, deixar de refugiar-se na dor e assimilar que as lembranças só estavam machucando-a. Deixaria de lamentar-se, de considerar-se a vítima da história toda e mostraria a si mesma que podia seguir em frente. “*Quem sabe, posso voltar a ser quem fui.*” Não havia nenhuma dúvida que os melhores anos de sua vida começavam agora. E decidiu vivê-los plenamente. Sem pressa. Sem metas. Sem rumo. Sem culpas.

Depois de tudo o que tinha sido um ano de letargia para Adriana, o sol maltês atravessava as janelas e, como se fosse uma autêntica injeção de vitaminas, tinha despertado nela o desejo de viver. Espreguiçou-se e saiu da cama. Vestiu uma camiseta rosa, shorts curtos e sandálias rasteiras. Como suspeitava, não havia nada para comer, aliás, não havia nada na geladeira nem nos armários, exceto sal e um punhado de alhos de aspecto duvidoso, esquecido pelo inquilino anterior.

Pegou sua bolsa, as chaves e algum dinheiro, e saiu em busca do supermercado que tinha visto alguns dias antes no Google Maps. A poucas quadras de seu apartamento, encontrou o Green, um pequeno supermercado de bairro, com o suficiente para subsistir. Era um tanto seletiva com a comida, de modo que não pode evitar franzir o cenho quando viu que não havia maneira de localizar nas estantes qualquer marca espanhola ou qualquer produto que fosse sequer um pouco familiar.

Qualquer um que olhasse sua cestinha pensaria que ela era uma dessas estudantes do Programa Erasmus, que gastam mais com álcool que com comer: arroz, macarrão, ovos, verduras, um par de filés de frango, leite e pãezinhos para os cafés da manhã e meia dúzia de bananas. Desde que um dia vira, pela televisão, os tenistas comer uma banana na metade de uma partida, sempre levava uma na bolsa quando não tinha tido tempo de comer em casa. Com seu novo trabalho de horários impossíveis, faria muito mais falta essa injeção extra de potássio fora de hora.

Foi selecionando o restante dos itens de sua primeira compra sem dar-se conta do preço. Faltavam somente alguns meses para que Malta ingressasse na zona do euro, mas os comércios ainda expunham os preços em liras maltesas, sem equivalências que pudessem orientar o turista ou o novo cidadão. Quando terminou, na hora de passar pelo caixa, foi atendida por uma garota que aparentava ser fria como um iceberg. Nem sequer o sol abrasante que fazia na rua teria sido capaz de aquecer suas veias. *“Será um escudo para se proteger do mundo, igual faço eu? Ou é só porque tem que trabalhar em um lugar que não gosta só para conseguir o dinheiro que não é suficiente até o fim do mês?”* Nenhuma das duas se deu ao trabalho de sorrir ou desejar bom dia. A carga interior de cada uma delas pesava mais que a cortesia.

Ao terminar sua primeira compra, carregada de sacolas, voltou para casa por um caminho diferente do que tinha tomado na ida, um pouco mais longo, mas igualmente entediante e vazio, com nada que pudesse ser atraente. Compreendeu que o bairro não tinha muito a oferecer além do que se escondia nos muros de seu condomínio e que, se queria fazer algo interessante, teria que caminhar até o centro da cidade mais próxima, St. Julian, a aproximadamente um quilômetro da nova casa de Adriana.

Para a sorte dela, nenhum vizinho cruzou seu caminho enquanto andava pelo condomínio. Não queria conversar com ninguém, nem contar coisas sobre si mesma... não por enquanto. Ainda não se sentia preparada para sair de sua bolha e não conseguia evitar desconfiar de tudo e de todos. Desconfiava de Malta, desconfiava de si mesma.

Já de volta à casa e depois de guardar suas compras de qualquer jeito, pegou a agenda que tinha comprado em Barajas, antes de sua partida, e anotou as informações que lhe pareceram interessantes desde sua chegada na pequena ilha mediterrânea. Com a agenda sobre a mesa e o guia de viagem de bolso na mão direita, anotou os lugares que não queria perder de seu novo país. Adorava ser turista, colocar as sapatilhas esportivas, jogar a bolsa tira-colo sobre o ombro e sair para ver o mundo através de seus olhos e da lente de sua Nikon.

Tomar sol nas praias de Mellieha e Golden Bay, visitar a exposição de Caravaggio em Valeta, comprar peixe fresco em Marsaxlokk, beber no bar latino de Paceville, provar pastizzis em Sliema e refletir sobre sua vida nas falésias de Dingli foram as primeiras atividades que se propôs a realizar.

Naquele preciso instante, um arrepio percorreu seu corpo magro e não soube identificar se era felicidade ou se estava intrigada ante a incerteza do desconhecido. No entanto, algo estava claro, não era medo. Não mais.

Não deixaria que essas quatro letras de maldade e vazias de vida marcassem o resto de seus dias. Tinha chegado o momento de sair da letargia, voltar a abrir a mente e manter fechado o coração, respirar, sentir. Viver.

Capítulo 4

Na manhã seguinte, o ruído de uma campainha incessante devolveu Adriana à realidade. Enquanto descia pelas escadas, refez desajeitadamente o rabo-de-cavalo despenteado pelo travesseiro e abriu a porta sem saber quem ia encontrar. Não tinha olho mágico, mas abriu confiante ao escutar por trás da porta uma voz feminina soando ter muito mais pressa que ela.

— Bom dia. Adriana Sanz?

— Sim, sou eu.

— Há um pacote para você. Assine aqui.

Depois de trocarem um par de “obrigados” e nenhum sorriso (“*por que as pessoas não sorriem neste país?*”), Adriana voltou a subir as escadas enquanto examinava cuidadosamente o seu pacote. Ao ver o logotipo de sua empresa, soube imediatamente que se tratava de seu novo uniforme, tinha chegado a tempo de seu primeiro dia de trabalho, que já começaria em uma hora.

Uma jaqueta azul simples, mas elegante, com uma saia no mesmo tom, uma camisa branca solta e um lenço de cor vermelho intenso mostravam uma Adriana feminina, jovem, sexy e segura de si mesma. Diante do espelho, encontrou seus olhos tristes enfeitados pelo uniforme de aeromoça que desde pequena tinha desejado usar. Sabia que, se seus pais pudessem vê-la agora, seriam as pessoas mais felizes e orgulhosas do mundo.

Balançou levemente a cabeça como se isso pudesse eliminar os pensamentos tristes e preparou os últimos detalhes antes de seu primeiro dia de trabalho. Para ela, esta nova experiência era um presente que não precisava de laços ou embalagens especiais. As melhores coisas da vida não podem ser tocadas, são vividas, e, na vida de Adriana, esta oportunidade era muito mais que isso, era uma rota de fuga, um novo caminho, suas asas. Desejava, com todas as forças, que isso durasse muito e que nunca precisasse voltar a fugir. Tinha chegado a Malta com a mala repleta de esperança e não queria abandoná-la pela porta de trás.

Fugir é coisa de covardes? Não, fugir é coisa de valentes. Ser capaz de fugir é ser capaz de reinventar-se, de projetar um novo começo quando chegamos ao final do túnel. O caminho mais fácil era conformar-se, desejar que tudo acabasse, isso era ser covarde.

A tarde chegou, inevitável como os verões. Adriana subiu em um táxi rumo ao Aeroporto de Luqa, o caminho contrário ao que fez há pouco mais de 24 horas. Ao chegar ao ponto de encontro junto aos balcões de registro de sua companhia, encontrou um moreno bonitão que segurava uma placa com o seu nome.

— Oi. Sou a pessoa desta placa, creio que você está me esperando.

— Prazer, Adriana, sou Paolo. Serei seu chefe de equipe durante, pelo menos, os seus primeiros meses em Malta. Acompanha-me e eu te explico um pouco mais?

Adriana não conseguiu evitar esboçar um sorriso ante seu novo colega. Tinha algo em sua expressão que a fazia confiar nele: talvez seu olhar transparente ou seu sorriso amável e sincero. Não precisou perguntar qual era sua nacionalidade para saber, pelo sotaque evidente, que devia ser italiano, provavelmente da Toscana. Caminhava pelo aeroporto bastante rápido, como quem soubesse exatamente aonde ia, como quem se encontra em seu habitat natural e não necessita de mapas ou guias. Aproveitou os passos a frente de seu companheiro para escaneá-lo rapidamente.

Paolo devia medir em torno de um metro e oitenta e cinco. Costas largas, cabelo recém cortado, ausência total de pelos faciais, mãos grandes passo forte e seguro. Calculava que poderia ter uns trinta e dois anos, embora nunca tenha se dado bem em acertar a idade dos outros.

Logo chegaram aos escritórios que a companhia aérea tinha no aeroporto de Malta. Paolo convidou-a a sentar-se com um gesto educado e ofereceu-lhe algo para beber:

— Um pouco de água mineral basta, obrigada.

— Conte um pouco mais sobre você, Adriana. Vejo em sua ficha que é a primeira vez que trabalha como aeromoça.

— Isso mesmo. Voiei mais de 30 vezes como turista, mas nunca estive do outro lado. Viajar, voar, descobrir o mundo... essa é minha verdadeira vocação e posso dizer que tenho a sorte de começar a trabalhar com isso.

— Tenho que avisá-la que não é tudo um mar de rosas. Afinal de contas, trabalhamos com o público e os passageiros às vezes são um pouco desagradáveis. Mas você aprenderá a lidar com eles, não se preocupe. O conselho que posso te dar é que mantenha sempre os pés no chão, mesmo que esteja com a cabeça nas nuvens.

Adriana riu alegremente com a comparação que Paolo acabava de fazer. Tinha escutado isso várias vezes de seus colegas na Escola de Comissários, mas nenhuma vez soara tão bem como nos lábios do italiano.

O belo chefe de equipe também sorriu e seus enormes olhos negros encontraram o olhar cor de mel de Adriana. Para ele, a garota inspirava ternura, parecia frágil, parecia clamar por um abraço que nunca recebia. Foram necessários meros cinco minutos com ela para intuir que seus olhos tristes escondiam uma grande história.

— Esta é uma companhia pequena, não somos muitos membros na tripulação, então logo você conhece todo mundo. Costumamos estar sempre nos mesmos turnos de trabalho: Kate e Alexandra são as outras comissárias que trabalham conosco e, no cockpit, teremos Robert e Hans, piloto e co-piloto, respectivamente. Você vai gostar deles.

— Fantástico. Desculpe eu te interromper, o que está escrito nesse quadro é nosso plano de hoje?

— Impressionante, não é?

Paolo não conseguiu evitar soltar uma sonora gargalhada ante o fascínio evidente no rosto de Adriana. Enquanto o restante do mundo passava sua jornada de trabalho encerrado nas quatro paredes de um escritório ou prostrado diante de um balcão em um centro comercial, eles iam a Marselha, somente com o tempo de limpar o avião, partiam para Roma, voavam à Sicília e, finalmente, voltavam à Malta. Quatro destinos e três países em uma tarde. Uma boa maneira para estrear no mundo da aviação.

Enquanto repassavam a rota do dia e as funções atribuídas a cada pessoa da tripulação, duas moças com o rosto cansado, mas jovial, entraram na sala. Ambas eram loiras, altas e magras, o clássico estereótipo de uma aeromoça nórdica, embora tenham, em poucos minutos, se descrito como irlandesas. Alexandra e Kate ofereceram a Adriana uma mão amiga em Malta, falaram-lhe dos pubs da moda, dos “taxis piratas” e dos bairros que deveria evitar por causa das brigas que aconteciam ao final da tarde. Surpreenderam-se ao ouvir que Adriana gostava de seu apartamento. Todos os funcionários da companhia aérea tinham começado vivendo ali, mas logo buscaram outro lugar para alugar em St. Julians, a região mais animada de Malta. Na verdade, Kate e Alexandra dividiam um flat e tinham um quarto livre desde que Paolo saíra, por motivos mais que razoáveis, mas ainda era cedo para explicar.

— Se quiser, venha ver o flat quando terminarmos hoje. Tenho certeza que você vai se animar a vir com a gente.

— Eu... não... ainda não...

O chefe de cabine, Paolo, interrompeu-as e Adriana agradeceu em silêncio por não ter que dar mais explicações. O primeiro contato com seus colegas estava indo muito bem e não queria estragar tudo evidenciando os seus problemas. O italiano lembrou que deveriam começar as tarefas prévias ao embarque e, depois de lançar uma piscadela para Adriana, começou a repassar os pontos principais do dia.

A primeira jornada de trabalho transcorreu sem sobressaltos. A garota dos olhos tristes mascarou sua desesperança atrás do sorriso amplo e amável que oferecia aos seus primeiros passageiros. Sempre que pegava um avião, gostava de imaginar o motivo pelo qual seus companheiros de assento voavam rumo a essa cidade mais ou menos distante. Agora, podia conversar com eles, ajudá-los a tornar esse trajeto mais agradável e ser parte de sua viagem a muitos milhares de pés sobre o chão.

Houve somente um pequeno atraso nos voos entre Roma e Sicília, quando os pés começavam a doer e o estômago pedia algo mais que nuggets pré-cozidos. Seu primeiro dia foi suficiente para saber que ser tripulante de voo não era tão idílico como imaginava quando pequena.

O sol já tinha se posto quando aterrissaram outra vez em Malta. Em menos de vinte minutos terminaram de recolher a aeronave e atravessaram o finger de volta ao terminal do aeroporto. Kate e Alexandra convidaram-na para comemorar o primeiro dia de Adriana, mas a espanhola foi rápida na resposta negativa. Acusando o cansaço, omitiu que era a sua alma que estava cansada e não o seu corpo, mas ainda assim a desculpa serviu. Pararam dois táxis e Paolo, galante como fora por todo o dia, ofereceu-se a acompanhar Adriana a Pembroke e depois regressar dando um passeio até seu flat em St. Julians.

Esteve a ponto de dizer sim, mas a rigidez súbita de suas mãos e o ritmo do sangue que corria em suas veias a fizeram declinar o convite. *“Se você aceitar agora a sua companhia, não só ele entrará em sua casa, mas também na sua vida.”* Não podia se permitir a esse luxo desnecessário, vivia melhor dentro de sua couraça.

Despediram-se alegremente e deixaram que Adriana pegasse o primeiro táxi que havia parado em frente ao terminal. De volta à casa, revisou a rota para o dia seguinte e sorriu lembrando-se de Kate, Alexandra, Robert e Hans... mas seu sorriso foi maior ao pensar em Paolo.

Capítulo 5

Voltou para casa exausta depois de um primeiro dia de trabalho absolutamente satisfatório. Fantasiava em tirar os sapatos de salto e vestir o pijama, servir um pouco de água e preparar uma sopa instantânea antes de se meter na cama.

Vasculhou sua bolsa, demorando a encontrar as chaves. Por fim, achou-as, meteu a maior na fechadura da porta do que já considerava ser a sua casa, mas algo a interrompeu no momento preciso em que se preparava para abri-la.

— Adriana?

Cada músculo de seu corpo se paralisou enquanto os pelos se arrepiavam e os olhos se abriam inexpressivos, presos pelo pânico. Tentou correr, fugir outra vez, mas o medo foi mais forte e as pernas não responderam. Tinham encontrado-a.

Capítulo 6

— Adriana? — Aquela voz masculina que lhe era vagamente familiar voltou a repetir o seu nome e, como por mágica, o sangue voltou a circular pelo corpo da garota dos olhos tristes, que se virou lentamente, procurando rapidamente as saídas pelas quais escapar, se seus sapatos de aeromoça permitissem.

Adriana sentiu o sangue voltar a circular e voltou a respirar quando descobriu que seu misterioso visitante era Khalid, o amável recepcionista que tinha conhecido há algumas horas. Sua bonita camisa branca luzia um pouco enrugada a esta hora do dia e seu rosto, embora igualmente sorridente naquele primeiro encontro, agora mostrava sinais de cansaço.

— Desculpe, não queria assustá-la, é que a vi passar e... bem, pensei que... — Khalid tentava desculpar-se da melhor forma que sabia, um meio caminho entre a vergonha e a timidez que aqueles que o conheciam sabiam bem ser uma característica sua.

— Não se preocupe — Adriana apressou-se a dizer. — Foi minha culpa, sou muito assustada e ando um pouco às cegas neste país.

Seus olhares se sustentaram por apenas alguns segundos, suficientes para falar sem dizer qualquer palavra. O de Adriana irradiava esse halo de nostalgia do qual não conseguia se livrar, apesar de ter colocado tantos quilômetros entre a causa de seu tormento e o seu eu presente. O de Khalid, por sua vez, demonstrava curiosidade em relação à nova inquilina. Parecia-lhe uma moça realmente interessante, apesar de não ter trocado com ela mais que as duas frases necessárias para instalá-la em seu novo apartamento.

— Esqueci de dar a você o planejamento mensal de atividades de nosso complexo. Estou certo de que já sabe que, além de um condomínio residencial, também somos uma escola de inglês para estrangeiros e oferecemos outros tipos de atividades.

— Por favor, pode me chamar de Adriana. Muito obrigada, Khalid. — Adriana baixou o olhar, observando a forma daquele homem parado à frente dela e foi então que reparou em seus traços árabes, algo que tinha passado despercebido quando o conheceu.

Por sua posição estratégica, Malta sempre fora um país mestiço. Árabes e italianos confundiam-se entre os próprios malteses nativos, com quem compartilhavam muitos traços, às vezes quase impossíveis de diferenciar. Quase todos os habitantes daquela pequena ilha mediterrânea tinham em seu *pedigree* algum antepassado tunisiano ou siciliano; alguns, franceses ou croatas, embora este grupo estivesse em clara minoria.

Efetivamente, Khalid era maltês de nascimento, mas sua família paterna procedia inteiramente da Tunísia. Ele, junto com seu irmão caçula, Ibrahim, eram os únicos nascidos fora de território árabe e graças à influência de sua mãe, de origem maltesa até as gerações mais antigas que a família podia recordar, quase não tinham mais os costumes daquela religião.

Khalid bebia álcool, comia carne de porco e não celebrava o Ramadã. Nunca tinha visto seu pai praticá-lo, embora ouvisse as histórias de seu avô e do avô de seu avô, cujas raízes estavam muito mais arraigadas no Islã. Seu desapego com a religião pode ter sido influenciado pelo fato de que Khalid não teve relações com nenhum de seus primos que ainda viviam na Tunísia, seguidores do Islã muito mais dedicados que ele. Até onde sabia, não chegavam a ser radicais, mas, sim, tomavam o Alcorão como um caminho a seguir e o lugar onde encontrar todas as respostas.

Depois de uma despedida amável, mas com poucas palavras, Adriana fechou a porta atrás de si e não pôde evitar pensar em todos aqueles desconhecidos que tinham cruzado seu caminho hoje. O belo Paolo,

as esbeltas Kate e Alexandra, os simpáticos Hans e Robert e aquele agradável recepcionista que praticamente a tinha assaltado em sua porta, dando-lhe um susto de matar.

Subiu as escadas com menos energia que as tinha descido e pendurou a jaqueta e a bolsa no cabideiro do minúsculo corredor. Foi até seu quarto e cuidadosamente sentou-se na cama enquanto tirava os sapatos. Realmente não eram de todo incômodos, mas, para uma primeira jornada com muitas horas sobre eles, não seria o calçado ideal. O salto, embora fino, não era muito alto, uma altura que talvez não fosse a mais adequada, mas imediatamente descartou a ideia de pedir outro par à sua companhia. Melhor não começar a chamar a atenção tão cedo. Amanhã iria até St. Julians e buscaria algumas palmilhas para que os pés ficassem mais confortáveis. Também levaria consigo uma boa quantidade de band-aids. Pelo resultado do primeiro dia, via que iria necessitar.

Pendurou metodicamente o restante de seu uniforme em um cabide, olhando com preguiça a mala ainda não desfeita. Realmente não trazia muito em seu interior. Outro motivo para dar uma olhada pelas lojas de roupas da ilha era buscar um novo estilo, algo que a ajudaria a terminar de definir o personagem que tinha criado para si mesma.

Mas isso seria amanhã. Estava tão cansada depois de sua primeira jornada que nem sequer havia reparado que naquele diminuto apartamento maltês não havia uma televisão com a qual se entreter após a sobremesa. Meteu-se entre os lençóis de algodão, de novo a sós consigo mesma. E como a cada noite, voltou a sonhar com ele.

Capítulo 7

A rota para o dia seguinte era um pouco mais calma, com poucos destinos adiante, assim, se levantasse cedo, teria a oportunidade de ir às lojas antes de ir ao aeroporto e buscar as palmilhas que seus pés pediam a gritos. Não estava acostumada a usar saltos e, apesar das horas de descanso, seus pés queixavam-se pela batalha do dia anterior.

Tomou um café rápido, acompanhado de pãezinhos com iogurte que tinha comprado no Green. Embora dizem que o café-da-manhã é a refeição mais importante do dia e à qual devemos dedicar mais tempo, Adriana terminou em meros cinco minutos. “*Como é fácil a vida quando se está sozinha!*” Lavou o copo e a colher que tinha sujado, não gostava de deixar nada sujo ou por fazer em casa, afinal, nunca se sabe quanto será preciso sair correndo. Escovou os dentes em menos tempo do que recomendaria um dentista e arrumou os cabelos em um rabo de cavalo alto, com alguns grampos que encontrou em sua *nécessaire*, prendendo as mechas que teimavam em cair soltas.

Sem dúvidas tinha chegado a hora de desfazer a mala e guardar os poucos pertences que tinha levado a Malta consigo. Para esse dia, decidiu usar a mesma camiseta rosa da outra manhã, os mesmos shorts e trocou somente as sandálias por sapatilhas mais confortáveis. Para aquela tarde, esperava outra sessão de saltos e quanto mais descansasse os pés, melhor.

Ao contrário do restante da humanidade, Adriana não gostava de banhos matinais, mas hoje decidiu mudar a rotina e dedicar alguns minutos ao seu asseio pessoal. O mais provável era que, naquela noite, chegaria outra vez muito cansada e preferiria ter uma longa conversa com o travesseiro ao invés de confessar seus pecados em baixo do chuveiro.

De sua *nécessaire* da Minnie Mouse, resgatou sua esponja rosa, o sabonete líquido tamanho viagem que trouxera da Espanha e a lâmina de barbear para passar rapidamente nas pernas. Quando estava prestes a meter-se no chuveiro, surpreendeu-se com uma música celta que vinha do apartamento vizinho que havia à esquerda. Apesar de o volume não ser suficientemente alto para escutar a melodia, não conseguia distinguir a letra que, à distância, parecia ser cantada em espanhol.

No instante em que seus pés entraram em contato com a água da banheira, deu graças a Deus por poder contar com água quente naquele buraco. Definitivamente não era o apartamento de seus sonhos, mas para o que ela vinha buscando, era mais que suficiente. Sob o jorro da ducha, com o cuidado de não molhar o cabelo e não perder mais tempo que o necessário, vieram-lhe à mente imagens de alguns anos atrás: um sorriso, um apartamento muito mais acolhedor que aquele que agora era o seu lar, uma televisão a todo volume, umas caixas de pizza e ele. Estava tão concentrada em seus pensamentos sobre o que um dia foi uma vida feliz que não percebeu que a água começava a queimá-la. Conhecia o desenlace, conhecia o final daquela história e nem sequer o fogo mais abrasador podia causar mais dor que aquilo. Amara-o e uma parte dela continuava amando. Apesar de tudo, apesar de todos, apesar deles mesmos. Apesar dele.

Quando sua pele não aguentou mais calor, em um ato reflexo, fechou a torneira e brigou consigo mesma por não ter lembrado de pegar uma toalha para ter onde pisar ao sair. O tapete que estava amarrado em um canto do banheiro não lhe passava muita confiança e seu instinto escrupuloso a fez imaginar o número de pés que teriam pisado nele. Outra compra básica que precisava fazer com urgência.

O sol daquela manhã brilhava com força sobre a ilha de Malta e Adriana decidiu ir a St. Julians dar um passeio. Tinha localizado um pequeno centro comercial chamado Bay Street onde, além de algumas lojas de roupas (a maioria desconhecida para ela) havia um McDonald's, de modo que teria onde comer caso o tempo passasse muito rápido e as compras levassem mais tempo que o esperado.

Demorou apenas 20 minutos para chegar ao centro comercial, ainda menor do que ela tinha imaginado, mas suficiente para o que estava buscando. Em uma ilha como Malta, pequena tanto em dimensões quanto em população, era lógico que não haveria uma grande concentração de lojas.

Se alguém estivesse observando, pensaria que sua rota dentro do centro comercial era totalmente arbitrária e desordenada, mas para ela tinha um sentido, como tudo o que fazia. Começou por aquelas que, sim, também tinham na Espanha: Women Secret, Cortefiel, Adidas, Armani Jeans (muito cara para uma conta corrente que ainda não tinha recebido o primeiro salário) e Tommy Hilfiger. Os elevados preços da maioria a convidaram a testar a sorte nas lojas em que ainda não conhecia. Ainda assim, a esta altura, já trazia nas sacolas um pijama de quadrados vermelhos e brancos e uns chinelos combinando, umas sapatilhas esportivas de estilo urbano e um vestido verde de malha com mangas curtas. E nem rastro das palmilhas que tinham sido o real motivo de sua saída.

Passou na frente da vitrine de Jennyfer e as etiquetas com os preços adequados a convidaram a entrar. Uma simpática vendedora com traços árabes e mechas loiras a cumprimentou enquanto dobrava com bastante agilidade um par de suéteres de gola alta que alguma cliente deixara espalhado.

Olhando rapidamente a loja e, em uma primeira observação que deixou boas impressões, decidiu provar uns *jeans* escuros, botas marrons com saltos anabela baixos e franjas decorativas, um par de camisetas básicas e uma camisa verde clara de gola ampla. Surpreendentemente, tudo cabia como uma luva, exceto as botas, que acabou pedindo um número menor. Enquanto terminava de pagar, olhou o relógio. Como tinha previsto, a manhã passara voando, de modo que, sem hesitar, colocou-se rumo à lanchonete. Não era a comida mais saudável do mundo, mas isso podia ser entendido como uma emergência.

No entanto, não chegou ao seu destino. Enquanto estava no hall principal, tentando orientar-se, escutou algumas vozes alegres e joviais chamando-a da porta da Marks&Spencer. Eram Kate e Alexandra. Ou Alexandra e Kate. A dupla inseparável e que Adriana sempre via como um pacote. Ali estavam de novo com sua altura interminável, suas jубas loiras naturais e seu desembaraço irlandês.

— Oi, Adriana! Você não perdeu tempo para conhecer os melhores lugares de St. Julians — foi Kate a encarregada de quebrar o gelo e cumprimentar com dois estalados beijos sua nova colega nas alturas.

— Sim, procurei na Internet algum centro comercial onde poderia comprar umas roupas e só aparecia Bay Street — percebeu que talvez parecesse uma fashionista, sucumbindo à tentação de ir às compras apenas poucas horas depois de sua chegada a Malta, corrigiu-se imediatamente. — Na verdade, vim a St. Julians para buscar umas palmilhas para os sapatos do uniforme, mas não encontrei nada.

— Tem uma farmácia perto do nosso flat. Venha comer com a gente, se não tem outros planos, e te mostramos onde fica, caso você precise de remédios.

— Na verdade, eu ia comer no McDonald's, já estou em cima da hora e não quero me atrasar para o trabalho...

— Moramos a dois minutos daqui — desta vez, foi Alexandra quem a interrompeu. — Venha, não diga mais nada, preparamos um espaguete à bolonhesa antes de sair e fizemos quantidade suficiente para alimentar o avião inteiro hoje à tarde. Assim atualizamos as fofocas.

A última coisa que Adriana queria era uma reunião entre amigas, que na realidade não eram, mas pareceu-lhe mal-educado recusar outro convite e, desta vez, aceitou com um sorriso forçado. Pelo menos, sua silhueta agradeceria a troca do hambúrguer por um prato de comida caseira.

Tal como haviam prometido, pararam em uma farmácia a apenas poucos metros de sua casa e Adriana comprou dois pares de palmilhas de descanso com a intenção de estreá-las naquela mesma tarde. Aproveitou também para comprar ibuprofeno, band-aid, termômetro, água oxigenada e Dramin, sua farmácia básica. Segundos mais tarde estavam à porta do flat de Kate e Alexandra. Não era necessário esquadrihá-lo com muita atenção para perceber que era muito melhor que o apartamento de Adriana: para começar, tinha uma sala decente e não um quarto improvisado como sala de estar com uma cama

fazendo papel de sofá. O flat de Kate e Alexandra era bastante quadrado e dava para a rua tanto pela orientação norte quanto sul. A sala era bastante espaçosa, assim como a cozinha. Os quartos eram um tanto pequenos, mas eram quatro, de modo que o espaço e a intimidade estavam garantidos. Atualmente ocupavam dois deles, um terceiro estava destinado a ser um closet para as meninas e o último encontrava-se à espera de ser ocupado por um novo inquilino. Até algumas semanas atrás, era Paolo quem o utilizava, mas alguma desavença com as meninas o fizera sair para buscar seu próprio apartamento antes que a convivência (e uma ou outra rapidinha, por assim dizer) acabasse com a amizade e o bom clima no trabalho.

Kate mostrou-lhe risonha os dois banheiros, um verdadeiro caos, ambos repletos de cremes, máscaras e óleos que Adriana sequer sabia que existiam. Cada uma tinha se apossado de um dos banheiros desde que Paolo saíra, graças a Deus, já que antes, a briga para ver quem entrava primeiro no banho ou quem passava mais tempo se depilando era uma cena cotidiana no flat das irlandesas.

O melhor daquele lugar era o fantástico terraço com vista para o mar. Apesar de estar no centro de St. Julians, gozava de uma posição privilegiada e naquele lugar era bem possível perder-se em seus pensamentos. Foi precisamente no terraço onde Alexandra propôs que almoçassem, para aproveitar o fantástico dia que o clima maltês estava proporcionando. Recolheram o toldo de listras marrons para que entrasse mais sol e, enquanto brincavam sobre qual das três se bronzearia antes, terminaram de aquecer a comida e servi-la.

Não tinham exagerado quando disseram que havia comida para um batalhão. Adriana experimentou com vontade o delicioso espaguete com carne moída e molho de tomate caseiro que Adriana havia preparado e complementou a refeição com alguns tímidos elogios para o flat das meninas e sua boa mão na cozinha. Embora estivesse sem nada de vontade, pareceu-lhe grosseiro ir embora logo depois de comer e aceitou um café de sobremesa.

No entanto, como esperava, o café veio acompanhado de doces árabes e uma enxurrada de perguntas, que Adriana sentia como se fossem flechas lançadas diretamente ao seu coração.

— Por que você escolheu Malta? — Foi Alexandra a primeira a quebrar o gelo enquanto dava o primeiro gole daquele café que, longe do que Adriana poderia pensar, não estava envenenado.

— Na verdade, foi Malta que me escolheu. Eu só queria sair da Espanha — *“merda, Adriana, não diga isso”*. — Não como se não gostasse da Espanha, mas sempre tive vontade de passar um tempo fora de meu país. Ter outras experiências, viver outras culturas, vocês sabem... Minha primeira opção sempre foi Londres, acho que influenciada pelo fato de ser a cidade europeia da qual mais ouvimos falar desde crianças. Mas a primeira oferta que chegou foi de Malta e, bem... aqui estou. Não me arrependo.

— O que você já viu da ilha? Nós a conhecemos muito bem, podemos te mostrar muitos lugares — desta vez, foi Kate que se mostrou solícita,

— Até agora, quase nada. Só St. Julians e Pembroke, meu bairro. Bom, e o aeroporto, é claro — Kate fez uma careta de desagrado, gostava de voar, mas as esperas no aeroporto acabavam com ela.

— Um dia temos que ir a Comino, você vai adorar. É como se você realmente estivesse em uma ilha deserta, um minúsculo pedaço de terra no meio do oceano, como em Lost. Aliás, sempre pensamos em “acidentalmente” perder o barco de volta e passar a noite ali, deve ser uma experiência e tanto.

— Sim, se não fôssemos tão medrosas, já teríamos feito — acrescentou Alexandra enquanto erguia sua xícara de café.

— Se um grandalhão como Paolo nos acompanhasse, garanto que não teríamos nenhum medo — desta vez, foi Kate quem respondeu com um gesto atrevido.

— Ah, Adriana, falando de Paolo, ontem, você percebeu como ele olhava para você?

— Alex! — repreendeu Kate. — Você é sempre assim, parece mentira que foi precisamente você que ficou de quatro por ele.

— Não foi assim, você sabe, foi só uma pequena confusão que nunca deveria ter acontecido, afinal, não é bom misturar trabalho com... amor? Mas não mude o assunto. Adriana, o que achou de Paolo?

— Bem, não sei, bonito, eu acho — Adriana mostrou-se muito hesitante e a vermelhidão que começava a subir por suas bochechas não ajudavam em nada.

— Você está ficando vermelha. Vai, confesse, estamos entre amigas!

— Alexandra, se você disse que não gosta, é porque você não gosta, não é? Você é sempre tão direta. Nem que Paolo fosse um Adônis, acredite ou não, há pessoas que não morrem de amores por ele, sabia? — O tom de Kate começava a soar muito áspero e Alex decidiu mudar de assunto.

— Não precisa ficar assim, não sei o que está acontecendo contigo, porque ultimamente não dá para falar sobre o Paolo na sua frente. Só queria deixar claro a Adriana que se quiser algo com ele, por mim, a via está livre. É uma companhia pequena e, cedo ou tarde, ia acabar sabendo do nosso rolo. Melhor que seja por mim, não acha.

— Obrigada, Alex, mas não vim à Malta buscando nada. De fato, garanto que, agora, a última coisa que tenho vontade, mesmo que Paolo seja um homem muito atraente. Nem sequer tinha reparado nele — mentia, mentia como uma velhaca e a forma como impulsivamente tocava o nariz com a mão livre da xícara de café denunciava-a. — Durou muito o romance de vocês?

— Na verdade, sim, mas foi um pouco estranho — a explicação de Alexandra soava mais como uma desculpa que outra coisa. — Ele vivia aqui com a gente, passávamos muito tempo juntos por causa do trabalho, tínhamos muita coisa em comum e, você sabe, no fim, é inevitável que aconteça. Embora, na realidade, acredito que nunca estivemos apaixonados um pelo outro, pelo menos não como acontece nos filmes. Mas, da noite para o dia, tudo mudou, ele ficou histérico. Não queria mais viver aqui, não queria ver nem eu nem Kate, não queria dar explicações. Eu tampouco pedi. Não gosto de terminar mal com meus ex.

— Acho que devíamos ir, o café já esfriou e Adriana precisa passar em casa para se trocar antes do trabalho — o tom doce de Kate tinha se tornado tão amargo quanto o café que agora caía em seu estômago.

— Sim, meninas, eu já vou, está ficando tarde. Nos vemos daqui a pouco, obrigada pelo almoço e já disse, o flat de vocês é uma graça, melhor eu nem mostrar o meu.

As três novas amigas riram. Na verdade, elas tinham uma ideia muito próxima de como poderia ser o apartamento de Adriana na Triq Alamein. Despediram-se com dois beijos estalados e fecharam a porta pensando em como era simpática a nova colega.

De sua parte, Adriana deixou o flat com uma sensação estranha. Voltava a sentir-se jovem e agradecida por ter duas novas amigas, mas seu sexto sentido dizia que não seria tão fácil como parecia. De sua parte, seu coração, em um ritmo totalmente arbitrário, em uma dimensão diferente do plano onde se encontravam seus desejos e sua lógica, gritava que os braços de Paolo podiam ser um lugar mais seguro do que todos os outros em que já estivera.

Capítulo 8

Kate não conseguia sequer fechar o zíper da bolsa, tamanha raiva que sentia após aquela refeição. Por mais que quisesse dissimular, pôde ver nos olhos e nas bochechas de Adriana que aquela espanhola de sangue quente não olhava para Paolo com a indiferença que tinha tentado transmitir.

Kate tinha batalhado muito, muito por ele e não iria permitir que uma nova forasteira arruinasse a sua jogada. Estava disposta a qualquer coisa para voltar a conquistar Paolo, como fizera naquela noite. Olhou o relógio e soube que teria tempo de acrescentar uma pequena nota em seu diário com os últimos acontecimentos. Naquele caderno, guardava seus segredos mais íntimos, como a mentira que tinha contado para Hans para que escapasse do trabalho naquela noite ou a noite que passara nos braços de Paolo sem que Alexandra soubesse e que fora o gatilho de seu rompimento. Sobre aquele deslize, Paolo dizia que fora o vinho, ela falava de destino, de “eu o vi primeiro”, de demonstrar que ela quem ele queria e não a amiga.

Se três já eram demais, não permitiria que uma quarta entrasse em cena. Custasse o que custasse.

Capítulo 9

O voo vindo de Paris chegou bastante adiantado, algo que, para os passageiros, ainda parecia raro no mundo da aviação. Assim, a tripulação que assumiria a próxima rota poderia subir a bordo antes da hora e preparar o voo com calma. Juntar o lixo, recolher todas as mesas, verificar se todas as revistas estavam em seu lugar... A equipe de saída tinha deixado a maior parte do trabalho pronto e sobrou bastante tempo para viajar para o mundo da lua enquanto esperavam que os passageiros começassem a embarcar.

Com os pés ainda em terra e a cabeça já a vários metros sobre as nuvens, Adriana agradeceu por aqueles segundos de tranquilidade dentro da aeronave. Desde pequena, os aviões sempre lhe despertaram uma paz interior, algo que perdera muito cedo. Os motores, agora silenciosos, eram o ponto onde Adriana fixava o seu olhar. Sentada no assento 27A, como se fosse somente mais uma passageira, entrelaçou as mãos enquanto acariciava o dedo anelar, que, em um tempo distante, pertencera a outra pessoa. Sorriu. Desfez-se do gesto involuntário e passou as mãos pelo cabelo sedoso para, em seguida, balançar os discretos brincos de ouro branco, presente de sua mãe ao completar 18 anos. Instintivamente, apertou um pouco mais a tarraxa para evitar perdê-los em um deslize.

O motor do avião deixou de ser seu ponto de distração e perscrutou o movimento que agora se produzia na pista. Dezenas de operários trabalhando para que o voo pudesse sair pontualmente: enquanto uns carregavam malas, bagagens de vidas e destinos, com uma habilidade demasiadamente descuidada, outros realizavam as checagens de rotina da aeronave com menos interesse que deveriam. A alguns metros da barriga do avião, pôde ver também dois homens de jaqueta fluorescente comendo sem pressa um sanduíche. Não os conhecia, não soube dizer se era porque estava há pouco tempo em Malta ou se realmente existia um muro invisível entre a equipe de terra e do ar. Uma espécie de barreira que delimitava o status daqueles que se atreveram a ser almas itinerantes, donos de parte alguma, daqueles para quem o trabalho não havia sido motivo suficiente para abandonar tudo e ir viver entre as nuvens.

Inclinou levemente a cabeça para poder ver melhor a vidraçaria do terminal. Lembrou-se das horas mortas que havia passado do outro lado: quando era mais jovem, sempre tinha que pegar um voo, chegava antes da hora, muito antes para poder respirar esse ambiente que só existe nos aeroportos e desfrutar de alguns minutos, horas, em muitos casos, simplesmente olhando as pistas. Adorava ver os aviões decolando, aterrissando ou simplesmente parados a espera do embarque para uma nova viagem. Gostava de observar minuciosamente as pessoas que iam e vinham: notava em seus rostos quem era um passageiro experiente e quem voava pela primeira vez. Jamais havia comprado uma revista ou lido um livro no terminal. Havia muito mundo ao seu redor, muitas histórias que não eram contadas com palavras. Muita vida para tirar os olhos dela.

Paradoxalmente, nunca se imaginara do outro lado da vidraça. Imaginou que, naquele momento, justamente onde ela olhava, haveria uma garota cheia de sonhos, observando o mundo com os mesmos olhos inquietos que ela tinha toda vez que pisava em um aeroporto. Nem todo o dano dos anos tinha conseguido destruir aquele traço inato de Adriana.

Sempre que pensava em sua paixão por viagens, não conseguia evitar lembrar-se de sua tia Carla. Vivaz e alegre, Carla era aquela parente que todas as famílias tem e que se transformam em uma peça fundamental na engrenagem de todas as relações. Para ela, assim como para o restante de seus primos, Carla sempre esteve muito presente em sua vida e realmente sentia muitas saudades. Percebia isso, naqueles momentos de fuga, de solidão, que desfrutava de vez em quando. Sua conexão com o seu mundo anterior, um fio que, para cortá-lo, custou mais do que fora possível imaginar.

Deixou seus pensamentos em suspenso quando notou a figura helênica de Paolo caminhando em sua direção. Envergonhou-se instantaneamente do leve rubor que subiu por suas bochechas ao vê-lo chegar.

— A 27B está ocupada, senhorita? — O enorme sorriso que se desenhou em seus lábios permitiram que ela visse dentes perfeitos, fazendo-a estremecer de cima a baixo.

— Se ninguém reclamar, pode sentar, — devolveu o sorriso, tentando igualar o tom de pele.

— O que está fazendo aqui sozinha?

— Nada em especial, descansando um pouco antes que os passageiros comecem a pedir copos de água, revistas ou qualquer coisa que seja grátis.

— As meninas me disserem que vocês almoçaram juntas hoje. Adoraria ter estado junto, uma reunião de mulheres é sempre um perigo — ergueu o olhar e cruzou-o com os olhos acusadores de Kate do outro lado da cabine, preparando as primeiras bebidas do carrinho. Não pôde evitar baixar os olhos e sentir o que aquilo poderia lhe trair... outra vez.

— Sim, nós falamos bastante sobre você, contaram-me coisas muito interessantes, sabia? — Adriana afrouxou o tom quando se descobriu também com um ar um tanto recriminatório. O que pretendia? Que aquele Adônis saísse correndo diante da visão de uma (outra) garota ciumenta?

— Sim, suponho que já esteja sabendo de minha história com Alexandra. Adriana, eu... não quero que...

— Você não precisa me dar nenhuma explicação, Paolo. É a sua vida, o seu passado, são os seus relacionamentos. Sou só a sua colega e não vou julgar — procurou salvar a situação ao notar um Paolo inseguro, mas arrependeu-se imediatamente daquele “sou só a sua colega” que tinha escapado de seus lábios.

— Eu sei, eu sei, mas justamente porque você é minha colega, não quero que pense que sou um urubu em busca de toda carne em baixo de uma saia, em cima de saltos e com um lenço em torno do pescoço — brincou enquanto tocava o imaculado lenço de Adriana. Ele juraria que a teria notado eriçar-se quando, durante um mero segundo, a pele de seus dedos roçou a do pescoço. — Kate disse algo?

— Kate? Sobre o quê? Ela também virou carniça? — Tratou de brincar, mas se arrependeu no mesmo instante ao ver seu rosto endurecer. — Perdão, estava brincando.

— Não, de forma alguma, não me incomodou. Ela parece séria, só queria saber se algo aconteceu ou se disse algo, só isso.

Enquanto o mundo ao seu redor continuava girando, Adriana e Paolo sincronizaram seus relógios vitais em um tique-taque muito mais lento, quase inerte. Seus olhares ficaram presos com um magnetismo que poucos mortais conseguiriam sentir ao longo de suas irrelevantes vidas e seus lábios curvaram-se levemente, acariciando o ar que os separavam e que os unia em uma respiração compartilhada. Adriana e Paolo. Paolo e Adriana.

Nenhum dos dois poderia ter adivinhado quanto tempo teria passado durante essa mágica letargia, poderiam ter sido horas ou somente milésimos de segundos. Hans interrompeu a magia do momento invadindo uma cena para a qual não tinha sido convidado.

— Crianças, podem me dar uma mão? Robert e eu precisamos que alguém vá ao controle, Alex está ocupada e Kate está meio ausente, não está muito concentrada hoje, prefiro pedir o mínimo possível dela. Podem vir? — Hans, apesar de ser o co-piloto, sempre se mostrava muito próximo do restante da tripulação e nem ele nem Robert olhavam para ninguém por cima dos ombros.

— Sim, claro, eu vou.

Adriana adiantou-se e caminhou com o passo firme junto a Hans. Passou por Kate e percebeu nela um olhar glacial. Quem sabe se realmente estava acontecendo algo ou se simplesmente estava cansada de tanta espera naquele espaço reduzido.

Paolo permaneceu na 27B com uma estranha sensação que não soube reconhecer. Não era frio no estômago. Não era inquietação. Não era nada parecido com o que tinha sentido antes. Aquela garota de olhos tristes tinha conseguido revirá-lo por dentro com um só olhar. Não poderia dizer, tampouco, que

era amor, não acreditava nesse tipo de flechadas que mudam a vida e unem alguém para sempre a um completo desconhecido.

Então, o que fora aquilo? Porque as pernas ainda tremiam? Paolo, o homem forte. Paolo, aquele que sempre tivera tudo o que sempre desejava do sexo feminino. O seguro Paolo. O indomável Paolo. O homem que sempre via desfilar por seu quarto uma alta porcentagem de comissárias agora se sentia absolutamente derrubado por uma garota mediterrânea a quem tinha acabado de conhecer.

Observou-a distanciar-se com naturalidade pelo estreito corredor do avião e tratou de recuperar o bom senso. “*Você está sozinho há muito tempo. Nada que uma noite em Fuego ou Buddha não resolva*”. A última coisa que queria era voltar a se envolver com uma colega de voo. O que tivera com Alexandra não acabara mal, mas com Kate, tinha servido de lição para não voltar a se meter entre as saias de sua companhia.

Quando terminou sua tarefa, Adriana se despediu de Robert e Hans, regressando ao seu posto, onde encontrou uma Kate perdida em pensamentos. Sorriu gentilmente à garota com quem tinha almoçado apenas algumas horas atrás e reparou que talvez tivessem mais coisas em comum do que pudera perceber nos primeiros momentos juntas.

Por trás de seu deslumbrante físico irlandês, escondia-se uma garota tímida, um traço que sabia camuflar bem e que não permitia problemas ao se relacionar. De fato, costumava ser bem alegre e aberta, embora quem olhasse a fundo, encontraria uma personalidade um tanto reservada e desconfiada.

Sua maquiagem sempre imaculada, suas jóias de pérolas e suas unhas com manicura francesa, sempre parecendo recém-saídas do salão de beleza, davam-lhe uma imagem de patricinha que, não longe de refletir corretamente a realidade, talvez a exagerasse um pouco.

Embora fosse muito parecida com sua colega de quarto, Alexandra costumava ser aquela que pior caía entre as duas nos primeiros encontros. Sua inteligência contagiante e sua personalidade (excessivamente) sincera tinham-na levado a ter mais de um conflito resultante de um mal-entendido infeliz. No entanto, por trás dessa característica escondia-se uma Alexandra bondosa, amante dos animais, das pessoas e com um coração tão grande que era capaz de perdoar inclusive quem mais a havia decepcionado no passado.

Adriana tinha gostado muito das duas, embora pensasse que a diversão com Alexandra estava mais garantida em uma sessão de compras ou em uma noitada. Com Kate, sentia que podia se conectar melhor e buscar nela sua aliada de confidências na ilha maltesa. Ambas eram praticamente idênticas fisicamente, mas em seu interior havia um tornado de diferenças, nem sempre perceptíveis à primeira vista.

— Tudo bem? — Foi Adriana quem quebrou o gelo daquele desconfortável silêncio. — Você parece um tanto estranha desde que subimos ao avião. Se está acontecendo algo, pode me contar.

— Obrigada, não é nada, estou com um pouco de dor de cabeça — pela primeira vez no decorrer da tarde, suavizou a expressão e o halo angelical voltou ao seu rosto, — mas obrigada por se preocupar. Às vezes é difícil encontrar quem estenda a mão neste mundo de loucos.

— Não precisa agradecer, outra rodada de espaguete à bolonhesa e eu ficarei bem agradecida — com esta nova brincadeira de Adriana, o clima acabou se relaxando.

— Com certeza, acho que ainda não lhe demos nosso telefone. Manda uma mensagem para mim depois e vou adicioná-la ao grupo que temos da companhia. Embora eu recomende silenciá-lo, quando começam a mandar fotos, não tem como pará-los.

— Entendi — respondeu rindo.

— Você também pode me chamar para sair, se tiver vontade de ir beber algo ou simplesmente para um café. Não deve ser fácil chegar sozinha a um país, mesmo que seja este pequeno pedaço de terra no meio do nada.

Definitivamente não era. Ainda menos quando a pesada bagagem com que alguém chega em um novo lugar não é carregada no interior de uma Samsonite com rodas, ao invés disso, são os ombros que têm

que suportar a dura carga dos anos, a pesada influência dos danos. Um operário pediu para entrar no interior do avião e anunciou que o voo, enfim, ia começar a embarcar. As garotas interromperam a conversa e posicionaram-se junto à porta para receber os passageiros do dia.

Os comissários tinham que ter algo de performático. Enquanto recebiam os passageiros com um sorriso perfeito, cada um escondia um segredo em seu interior, um terremoto de sensações alinhado com preocupações que, entretanto, não estavam refletidas em seu rosto: Adriana debatia-se entre o que um dia fora e o que poderia ser, Kate sentia não ter superado ainda a paixão que naquela noite se revelou quando estava nos braços de um atraente toscano, Alexandra não deixava de pensar que sua aproximação com Adriana estava despertando o ciúme de Kate.

Por sua vez, Paolo não conseguia compreender porque renunciaria viver entre as nuvens só para se ancorar à baía daqueles olhos tristes.

Capítulo 10

Depois de ordenar o galley dianteiro e comprovar que não ficava nenhum passageiro a bordo, Adriana respirou aliviada ao lembrar de sua programação: tinha três dias livres a frente para dedicar a si mesma. Desde que chegara a Malta, não tivera tempo de descansar ou simplesmente passear sem rumo para descobrir o que tinha de bom naquela ilha que, às vezes, parecia que ia se desmanchar de um momento para o outro. É curioso como um país podia ser tão bonito e pouco agraciado ao mesmo tempo. Velho, muito velho, mas com esse toque moderno que só o Mediterrâneo podia dar a um lugar em que muitos séculos passaram por ele. A cada dia que passava, Malta era mais e mais atraente.

Não precisou de muito tempo para comprovar que a vida de uma comissária podia ser tudo, menos entediante. Com o cronograma em mãos, ia percorrer a Europa de ponta a ponta em um só mês e, além disso, tinha tempo para descansar vários dias seguidos. Sem dúvida alguma, era um trabalho esgotante, mas dizem que quando se trabalha duro em algo que se gosta, é paixão... do contrário, é estresse.

Voltou ao pequeno terminal do aeroporto de Luqa e viu através das enormes vidraçarias que estava chovendo a cântaros. Abotoou a jaqueta instintivamente e desejou levar um guarda-chuva em seu bolso, como uma Mary Poppins. Outro defeito a somar à sua longa lista de imperfeições. Ao chegar na área de check-in, rumo à saída, cumprimentou algumas colegas de terra a quem não conhecia pelo nome, mas seus rostos já começavam a parecer familiares. Com uma rotina ensaiada, despediu-se dos colegas de voo na porta do aeroporto e cada um tomou um táxi ao seu destino. “*Para casa*”. Apesar de ser um lugar grande e, para muitos, impessoal, até mesmo os motoristas de táxi se repetiam dia após dia e já sabiam de cor os endereços dos comissários.

Adriana apoiou-se contra a janela do carro e fechou ligeiramente os olhos. Não pretendia dormir ou qualquer coisa, mas sabia que durante o trajeto teria tempo de pensar em tudo o que tinha acontecido no decorrer do dia. Tinha descoberto que podia ter amigas, que os passageiros não eram (em sua maioria) tão desagradáveis como sempre imaginara e que os olhos negros de Paolo eram suficientes para encontrar um mundo em que se perder. Sacudiu a cabeça e surpreendeu-se com um pensamento tão adolescente e pueril. Um mundo onde se perder? Não tinha percorrido tantos quilômetros para agora cair em tal absurdo. Lamentou-se e sentiu um pouco de medo ao comprovar que, talvez, não era a mulher-maravilha que acreditava ser, era só mais uma fedelha romântica. Mas era certo que Paolo tinha “algo” que cada vez sentia mais curiosidade em descobrir o que era.

Uma briga de rua enquanto estavam parados em um semáforo despertou-a de seus pensamentos. No pouco tempo em que estava em Malta, ainda não sabia dizer se era um lugar seguro ou não. Tivera tempo de presenciar uma ou outra briga e, embora, nunca tiveram se metido com ela nem tivesse se visto em perigo, era evidente que era melhor não incomodar os malteses se não queria passar uma bela noite na delegacia ou no hospital. Através do vidro de seu táxi, pôde ver como aquele garoto baixinho estava recebendo uma boa lição, quem vai saber o porquê. Provavelmente não tinha motivos ou, quem sabe, tinha dito ou feito algo que irritara os seus agressores, mas o que mais a surpreendeu é que ninguém, absolutamente ninguém que passava por ali, parava para ajudá-lo.

Estava a ponto de perguntar ao taxista se estava vendo aquilo quando escutou a polícia chegar e, depois de uns poucos momentos em que pareciam pedir explicações aos agressores, terminaram levando pelos braços o garoto baixinho, que agora tentava se safar dos carrascos uniformizados. O mundo estava louco.

Não pôde ver o desenlace da história nem se os agressores continuariam com a noitada ou se também iriam dar um passeio no carro da polícia. O semáforo mudou para verde e começou de novo o *rally* urbano em que os taxistas pareciam competir. Fechou os olhos e alegrou-se ao ver o grande relógio que

anunciava a entrada da Alamein Road. Em poucos segundos estariam à porta de casa e já não teria que se preocupar em manchar o estofado do táxi se vomitasse o filé de frango frio e seco que tinha comido no avião.

Agradeceu amavelmente e correu abaixada até proteger-se da chuva no pórtico de sua nova casa. Estava caindo uma boa tempestade e nos poucos metros que tinha percorrido do táxi até a entrada, tinha dado tempo de encharcar totalmente os pés e sentir o cabelo molhado. Procurou na bolsa e, além de alguns centavos que não sabia que estavam ali, do panfleto de tele-entrega de comida, do celular, do cupom fiscal das compras da manhã, de uma caneta, um par de chicletes e sua carteira de comissária, não encontrou mais nada. Onde tinha colocado as chaves?

Depois de intermináveis minutos de busca, deu-se por vencida. Virou a bolsa completamente em frente à porta e voltou a repassar coisa por coisa. Nada que pudesse se parecer com suas chaves. Tocou o forro para procurar algum rasgo por onde pudesse ter caído, mas estava intacto. E, então, lembrou-se:

— Porra, porra, merda! Como sou burra!

Em um instante de lucidez, lembrou-se de como, no táxi, tinha mexido nas chaves quando percebeu que estava começando a ficar enjoada. Ao encolher-se apressada a fim de escapar da chuva, provavelmente caíram na calçada ou no próprio táxi. Tirou a jaqueta, colocou-a sobre a cabeça e voltou à rua para ver se tinha a sorte de encontrá-las por ali. A fraca luz dos postes não ajudava muito, mas definitivamente não havia rastro de suas chaves ali. “*Estupendo*”.

Encharcada até os ossos, voltou a buscar abrigo em seu pórtico e tratou de colocar sua mente analítica para funcionar. Quanto estava a ponto de ligar para as meninas e pedir-lhes abrigo em seu flat, lembrou-se que a recepção do condomínio ficava aberta 24 horas. Talvez ali tivesse uma cópia de suas chaves. Como um pato bêbado, caminhou tentando sustentar-se sobre os sapatos encharcados e chegou à Recepção com um aspecto desesperador. Quando voltou a ver Khalid atrás do balcão com seu sorriso impecável, começou a perguntar-se se o garoto, na realidade, vivia ali.

— Boa noite, senhorita Adriana. Você está bem? Posso ajudá-la em algo?

— Ah... boa noite... — disfarçando, baixou os olhos até o crachá, ele lembrava de seu nome, mas ela não, — Khalid. Desculpe incomodá-lo a esta hora, mas acabo de chegar do trabalho e não encontro minhas chaves. Creio que as deixei no táxi... Enfim, perguntava-me se você teria uma cópia.

— Sim, certamente. Sabe se as deixou no trabalho ou em algum outro lugar? Se as perdeu definitivamente, preciso cobrar 50 euros pelo extravio.

— Creio que estão no táxi que me trouxe para casa, amanhã ligarei à central do aeroporto para falar com o motorista — notou certo rubor nas bochechas de Khalid ao falar de dinheiro. — Não se preocupe, se é necessário, posso pagar agora, foi um erro meu.

— Não, por favor, de maneira alguma. Não é preciso pagar se encontrar as chaves. Ninguém perceberá por alguns dias. — Adriana sorriu agradecida. Esse garoto era sempre muito gentil com ela.

Baixou o olhar e encontrou um panfleto muito colorido onde estava escrito com letras gigantescas GOZO. Khalid reparou no que tinha chamado a atenção da garota de olhos tristes e aproveitou a ocasião para puxar conversa. Odiava os longos turnos da noite em que só topava com um ou outro aluno quase adolescente que voltava embriagado de Paceville. Alemães e espanhóis, em sua maioria, é sério que vinham à Malta para aprender inglês?

— Você poderia participar de algumas de nossas excursões, não são tão caras e servirão para que conheça melhor a ilha e as pessoas que vivem aqui. Agora estamos aceitando inscrições para uma visita a Gozo, um fim de semana na Sicília ou uma *boat party*... Embora, com a previsão do tempo, provavelmente teremos que cancelar.

— Vou levar um panfleto e dar uma olhada, pode ser? O que há para ver em Gozo?

— Há a Janela Azul, quase todas as fotos turísticas de Malta são feitas ali, embora, na realidade, não esteja na ilha principal. Também há uma cidade muito bonita e, além disso, oferecemos uma visita a

Comino no mesmo pacote, uma ilha minúscula com águas lindas. A balsa para Gozo e a lancha para Comino estão incluídas no preço.

— Vou pensar, embora, sem conhecer ninguém, tenho um pouco de vergonha de ir sozinha — sorriu timidamente.

— Se ajuda em algo... o monitor desta excursão é meu irmão Ibrahim. Ele é um tanto porra-louca, mas com este trabalho pelo menos mantém a cabeça no lugar por algumas horas — riram tão alto que se esqueceram que era madrugada e podiam incomodar alguém. — Vou pedir que cuide de você... embora isso só signifique dar umas doses extras de bebida.

Adriana e Khalid sentiam-se extremamente confortáveis conversando. O recepcionista tinha sido sua primeira forma de contato com sua nova vida e seu olhar era tão transparente que não conseguia desconfiar. Era uma dessas pessoas que é um prazer conhecer e com quem se sente à vontade desde o primeiro momento. Se seu irmão era como ele, a excursão poderia ser uma boa ideia.

— Está certo, você me convenceu, pode me inscrever.

— Sobram duas vagas no turno de amanhã, senão, você teria que esperar pela próxima excursão que é só na semana que vem.

— Puxa... amanhã é muito cedo e, para semana que vem, tenho que olhar minha agenda no trabalho — pensou durante um segundo e não demorou para responder. — Está certo, por que não?

— Fantástico, fico feliz de ter convencido você. O ônibus para a estação da balsa sai amanhã às 8 da manhã, aqui mesmo.

— Obrigada, vou descansar antes de entregar mais horas de sono ao relógio. Obrigada pelas chaves... e vou esperar essa dose extra de bebida.

Despediram-se com um sorriso sincero; ficava evidente que a simpatia de ambos era mútua. Curiosamente, dois estranhos que provavelmente não teriam nada em comum e que tinham se dado bastante bem. A caminho de seu apartamento, lamentou-se ter estendido tanto a conversa, tinha sido agradável, mas o cabelo e a roupa molhada com o banho de chuva inesperado provavelmente cobriam a conta com um belo resfriado e gastos extras na farmácia.

A noite passou em um suspiro e as poucas seis horas de sono que tinha conseguido acumular pareceram meros seis minutos. Quando o despertador tocou, arrependeu-se de ter se inscrito de maneira tão espontânea na excursão, podia ter aproveitado o dia em algo mais prático como... esconder-se em baixo dos lençóis até que a fome a obrigasse a levantar? Por exemplo. Pensou em não ir, mas sentiu-se em dúvida com a simpatia de Khalid e não quis ficar mal com ele. Além disso, estava curiosa para conhecer o irmão, de quem só sabia o nome.

Passou mais tempo que devia se remexendo na cama e quando já estava em cima da hora, teve que tomar seu café-da-manhã correndo. Um copo de leite com achocolatado, um par de croissants sem aquecer e sem manteiga (não daria tempo) e uma breve visita ao banheiro para escovar os dentes e disfarçar o cabelo rebelde depois de ter dormido feito uma pedra. Nunca fora muito boa para correr maratonas em casa, pois demorava-se muito para dar bola ao despertador, certamente suas habilidades não tinham melhorado agora que vivia à beira do Mediterrâneo.

Vestiu o biquíni mais novo que tinha, calçou um par tênis muito confortável, bem adequados para ela, e decidiu estrear um chapéu escuro e uma camiseta básica que havia comprado no dia anterior. Depois de debruçar-se sobre a janela da cozinha e ver algumas nuvens ameaçadoras, pegou o guarda-chuva retrátil que trouxera na mala. Guarda-chuva e biquíni, combinação estranha. Não sabia bem se essa excursão lhe permitiria um tempo para um banho, mas melhor prevenir que remediar.

Verificou outra vez se levava dinheiro suficiente na carteira para pagar a excursão e colocou, no celular, um alarme para lembrar-se de chamar a central de táxis do aeroporto. Perguntou-se onde estavam suas chaves. Apesar de ter muito boa memória, Adriana funcionava melhor programando vários alarmes diários para suas tarefas.

Quando saiu de casa rumo à entrada da recepção e viu aquele animado grupo de pessoas, sua cabeça implorou para que seus pés parassem e dessem meia-volta. No entanto, longe de obedecer, seus pés continuaram até alcançar o grupo de jovens com olheiras (causadas, muito provavelmente, mais por uma noite de festa do que pela idade).

Em uma varredura rápida, tentou adivinhar as nacionalidades graças à mistura de idiomas que confluíam no ar: uma garota russa que, na realidade, tinha traços asiáticos, um garoto também moscovita, duas alemãs que provavelmente ainda não tinham completado a maioridade e um grupo de seis espanhóis que deviam ter entre os 18 e 25 anos.

Cumprimentou educadamente, ao mesmo tempo, a ninguém em particular e a todos, distraíndo-se olhando o seu celular, o melhor modo de abstrair-se em nossos dias e evitar conversa. Não precisou dissimular muito, em dois minutos surgiu um rapaz bonito de traços árabes. Devia ter a sua idade e era muito parecido fisicamente com Khalid, mas seu ar mais juvenil o fazia ser ainda mais atraente que seu irmão mais velho.

Depois de repassar rapidamente os nomes, subiram no pequeno ônibus que já os esperava do outro lado do asfalto. Era um número ímpar de passageiros e ela acabou sentando-se sozinha, algo porque agradeceu em silêncio. No entanto, sua tranquilidade durou somente uns instantes, quando a garota sentada do outro lado do corredor começou a puxar conversa com ela.

— Oi. Chegou há pouco na cidade, não é? — Adriana voltou-se para olhá-la e viu que se tratava daquela garota de cabelo ondulado com quem já tinha cruzado algumas vezes.

— Oi, sim, estou há pouco tempo aqui.

— Ainda não te vi nas aulas. Começa quando? — a resposta seca de Adriana não pareceu ter cortado a vontade de falar de sua nova amiga.

— Bem, na realidade não vim aprender inglês, estou trabalhando em Malta e minha empresa arranhou este alojamento pra mim.

— Que legal! Ao menos é certo que o seu salário vai durar mais para você do que a nossa bolsa. Nós estamos aqui estudando inglês, embora acho que, se queríamos aprender alguma coisa, nós erramos o destino — riu ao mesmo tempo que o restante de seus amigos espanhóis, a afinidade deu a Adriana vontade de vomitar. — Eu me chamo Natália e eles são Mônica, Marcos, Jaime, María Jesús e Gabriela.

— Prazer, meu nome é Adriana — em poucos segundos já teria esquecido os nomes de todos, certamente.

— Você é de que parte da Espanha?

— De Madri, — não quis especificar muito, Madri é sempre uma resposta impessoal que satisfaz quem a recebe. Concisa e sem mais explicações.

— Uau, mudar da caótica Madri para a subdesenvolvida Malta. Jaime e eu somos de Granada e eles de Málaga, Salamanca e Lugo — apontou um por um os amigos, que devolveram um sorriso tímido à Adriana.

— Bom, não parece, mas eu gosto de Malta, ao menos o que conheço dela.

— Sério? Ou, como dizem por aqui, *seriously*? Parece que voltamos uns cinquenta anos no tempo. Olha os carros, por exemplo, às vezes, acho que tá acontecendo um evento de carros antigos ou algo assim. Nós estamos muito bem aqui e não trocaria o destino se pudesse voltar atrás, mas não conseguiria viver nesta ilha por mais de... sei lá, três meses... E muito menos trabalhar aqui definitivamente.

— Nada é definitivo, não acha?

— Certo.

Depois de alguns segundos em silêncio, quando parecia que, finalmente, aquela garota que tinha se apresentado como Natália tinha se dado por vencida, ela voltou a interromper seus pensamentos.

— Se você ainda não conhece muita gente por aqui, pode sair com a gente um dia desses. Durante a manhã, costumamos estar na aula, mas à tarde, visitamos a ilha ou jogamos baralho em algum de nossos

apartamentos. Bem, menos Jaime, que fica dormindo e só acorda para comer e sair à noite.

— Ei! O que você tá falando de mim? — Jaime parecia estar mais atento à Gabriela, mas deixou claro que o ouvido estava trabalhando na conversa de sua amiga Natália com aquela estranha que não parecia estar com muita vontade de fazer novas amizades.

— Ora! Não negue agora, ontem, você dormiu até as 9 horas da noite!

Antes que pudesse responder, Ibrahim pegou o pequeno microfone do ônibus e começou a imitar os típicos guias turísticos de excursões... com menos profissionalismo que eles, mas com muito mais graça. Aquele garoto tinha algo de encantador em seu olhar. Talvez era essa mistura de culturas que seus genes tinham-no presenteado ou, talvez, era o cabelo despenteado que lhe dava ares de garoto inconformado. Embora se parecesse bastante com Khalid, era muito mais atraente e tinha mais lábia, uma combinação explosiva que fez Adriana não querer perder uma só palavra de seu monólogo.

Trazia em sua bolsa o mp3 com um bocado de canções espanholas dos anos 80 em caso de se entediar no trajeto, mas com aquele mestre de cerimônias, era impossível querer fazer outra coisa a não ser navegar em seus grandes olhos árabes.

Ibrahim parecia ter passado toda a vida fazendo aquele trabalho, embora tivesse apenas alguns meses de experiência. Desenvolvia-se realmente bem e conhecia a ilha como se fosse um pequeno bairro. Embora, com as dimensões do país, isso talvez não tivesse muito mérito. Apesar disso, o garoto falava com vontade e transmitia sua alegria a um grupo ainda um tanto adormecido.

Quando chegaram à estação da balsa, aquilo era qualquer coisa, menos o que os estrangeiros poderiam ter imaginado. Nem sequer era uma estação em uso. Alguns bancos de pedra embaixo de um telhado do mesmo material, poderiam servir como bancos de um estádio de futebol de terceira divisão, um par de lixeiras cheias e uma placa com os horários. Enquanto esperavam a chegada do barco, Adriana ficou em pé, um tanto afastada do grupo, verificando seu e-mail em seu celular. Propaganda e mais propaganda. Fazia tempo que não recebia e-mails de alguém conhecido, procurando saber dela ou sequer uma dessas correntes encaminhadas que mandavam enviá-la a 10 pessoas, senão sua vida mudaria (para pior) nos próximos três dias. Sua caixa de entrada era tão impessoal quanto sua própria vida, mas, ainda assim, continuava consultando-a diariamente para o caso de chegar, em algum momento, a solução para os seus problemas.

Absorta em seus pensamentos, não percebeu que a balsa já tinha chegado até que Natália tocou seu ombro e informou-lhe que deviam subir.

Por sorte, o barco era bem maior do que poderiam ter intuído, percebendo-se o cais. De cor branca com linhas amarelas e azuis, na parte dianteira figurava em letras grandes o nome da companhia “Gozo Channel Line”. Embora estivesse um tanto oxidado na parte exterior, no interior contava com todo o necessário para manter-se durante o trajeto até a ilha vizinha: alguns deques com alguns assentos e mesas e uma lanchonete-restaurante com preços surpreendentemente normais e uma variedade bastante grande de petiscos, chocolates e doces, além de alguns sanduíches pré-fabricados, de aspecto duvidoso, e latas de bebidas de todas as marcas.

Enquanto Adriana lutava contra o vento para juntar o cabelo em um rabo de cavalo, Ibrahim aproximou-se dela com um amplo sorriso desenhado em seu rosto:

— Adriana, não é? Meu irmão pediu que eu ficasse de olho em você — uma piscadela travessa acompanhou a frase e fez com que Adriana se sentisse pequena, vulnerável... e, felizmente, protegida, pela primeira vez em muito tempo.

— Não acho que possa me perder nesta ilha — devolveu-lhe um sorriso amável, — mas obrigada pelos cuidados.

— Não desafie a sorte, garanto a você que não vai querer passar uma noite perdida neste país... Você é aeromoça... — Ibrahim mudou radicalmente de tema e mencionou a profissão de Adriana sem que ela soubesse se era uma pergunta ou uma afirmação.

— Aprendiz de aeromoça, você quer dizer. Não fiz muitos voos ainda.

— Você pode me conseguir passagens grátis? — Boa pergunta para quebrar o gelo!

— Para mim, todas as que quiser — riu com vontade e pensou no quanto era agradável conversar com aquele garoto, quase mais do que com o próprio Khalid. — Mas depois de várias horas entre as nuvens, garanto que prefiro passar o tempo em terra firme.

— E, no entanto, hoje sobe em um barco... Como são contraditórias as mulheres!

— Não tinha pensado nisso! Na realidade, nem tinha planejado. Khalid me convenceu noite passada.

— E o que você fazia com o meu irmão? — um sorriso atrevido, que incomodou Adriana em certa medida, acompanhou essa frase que não precisava ser dita nesse momento. — Não me diga que, enfim, meu irmão está ficando esperto.

— Não! Não me meta nas suas picuinhas de irmãos. Fui à recepção para pegar uma cópia da chave do meu apartamento e ali estava ele. De fato, sempre está. Ele tem folga ou é um robô que trabalha 24 horas?

— Descansa menos do que gostaria, mas sabe como é... reclama do trabalho e já poderia estar procurando outro. Malta não é fácil, com sorte dá pra encontrar algo como garçom... ou guia de excursões para um grupo de juvenzinhos — de novo aquela piscada irresistível. Ibrahim era um sedutor nato.

— Mas não é tão ruim. Você passeia, toma sol, conhece pessoas... Eu passo horas trancada em uma cabine de avião e, às vezes, é claustrofóbico. Sinto falta da luz do sol, do ar, caminhar na areia...

— Hoje você vai ter sol até enjoar, uma pena é esse vento que levantou, mas é um bonito dia, apesar da chuva de ontem — deteve-se por um momento, como se quisesse pensar no que diria em seguida e, finalmente, formulou a pergunta. — Estou pensando, o que você acharia de voltarmos a Comino um dia, você e eu? Sem excursões ou guias chatos, simplesmente para passar um dia na praia.

“Isso seria um encontro?”

Depois de ver o pânico nos olhos de Adriana, Ibrahim percebeu que aquela garota de olhos tristes escondia dentro de si um mundo a que seria muito difícil acessar... embora não lhe faltasse vontade de tentar.

— Está bem, fico quieto, não disse nada.

— Não, não é por sua causa. Embora soe um clichê, sou eu. Não estou preparada para ter um encontro com alguém.

— Quem falou em encontro? Pense nisso como dois amigos que saem juntos para beber algo.

— Não sei porque, estou achando que isso seria impossível com você.

E, nesse momento, Adriana percebeu que, talvez, esse comentário não teria soado em seus lábios como soou em sua cabeça. Poderia ser interpretado como uma acusação (totalmente infundada, já que não conhecia em nada esse rapaz) sobre as facilidades que Ibrahim teria com as mulheres... Ou pior, como se lançasse linha para iniciar um flerte que, quem sabe, ela nem queria começar.

O certo era que, fosse como fosse, a conversa estava sendo muito agradável. Maldito destino. Há menos de um mês nem teria desejado manter mais que duas palavras de conversa com qualquer desconhecido do sexo oposto e, agora, aquela ilha mediterrânea tinha lhe dado a oportunidade de conhecer dois homens que começavam a desarmar sua couraça de garota totalmente fora do mercado. Paolo e Ibrahim. Ibrahim e Paolo. Duas pessoas que ela mal conhecia e que gritavam em silêncio para que se aproximasse delas. À primeira vista, pareciam-se totalmente opostos, mas certamente tinham muito em comum: eram bonitos (cada um em seu estilo), simpáticos e tinham uma lábia especial com as mulheres.

Depois de alguns segundos de silêncio, percebidos como se tivessem passados vários minutos, Ibrahim voltou a quebrar o gelo e pediu gentilmente que se unisse ao restante do grupo. A balsa estava a ponto de chegar ao seu destino e, diante deles, já tinham a imponente ilha de Gozo.

Gozo era ainda menor que Malta, mas guardava uma essência muito similar a de sua irmã maior. O antigo e o contemporâneo davam-se as mãos magistralmente nessas paisagens banhadas pela cor ocre de suas velhas construções e o infinito azul do mar que as rodeava.

Depois de um desembarque mais rápido, considerando as dimensões da balsa e a quantidade de pessoas a bordo, o grupo de Ibrahim voltou a se reunir às portas de um edifício em ruínas, feio e frágil, cujo letreiro “Pulizija” era a única pista que poderia sugerir que aquilo que bem podia ter sido um local para jogar cartas clandestinamente e beber uísque em uma nuvem de fumaça, na verdade, era uma delegacia de polícia. Sim, talvez estes eram os contrastes de que tanto falavam os guias sobre Malta.

Qualquer um que esquadrinhasse com atenção os olhos tristes de Adriana, poderia ver também uma leve aversão à ilha que a havia recebido com os braços abertos. Nada mais distante da realidade. Embora fosse realista e não lhe parecesse o lugar mais belo do planeta, havia algo naquele país que fazia com que todo o seu mundo se revirasse: sabia que, por mais surpresas que o destino tivesse preparado, Malta sempre seria uma recordação importante em sua vida. Talvez o mais bonito, quem sabe o mais intenso, o único capaz de provocar-lhe as entranhas, embora sua vida tivesse que dar outra guinada inesperada. Não sabia, mas até onde sabia, estava segura de que não era só mais um.

O grupo se reuniu em frente àquela ruína chamada de delegacia de polícia e depois de uma contagem rápida para saber se nenhuma ovelha teria ficado mais tempo na lanchonete do barco, Ibrahim retomou a caminhada ao perceber que não faltava ninguém. Uma primeira olhada ao porto de Gozo, uma alusão às suas igrejas e rumaram ao destino mais visitado e fotografado do país: a Janela Azul.

Como toda parada turística, havia mais gente do que teriam gostado, de modo que o desejo de tirar uma foto sem que ninguém mais aparecesse na cena era praticamente impossível. Ainda assim, o espaço aberto e a fusão do som do vento com as ondas chocando-se contra aquela maravilha da natureza faziam com que Adriana sentisse que ninguém mais estava ali. Nem mesmo as risadas joviais do grupo de espanhóis ou o escândalo que três italianos armavam enquanto se fotografavam contra uma cabine telefônica.

— Vamos, você está ficando para trás.

Um Ibrahim um tanto mais sério do que o vira até pouco tempo atrás a arrancou de suas divagações. Estava claro que o bonitão não estava acostumado a ter seus convites rejeitados. Ou suas tentativas.

Subiram à parte superior da Janela Azul e, enquanto os mais atrevidos faziam selfies na beirada, Adriana dedicou-se a fotografar a bela paisagem que podia distinguir dali. Ficou especialmente curiosa em relação às formas em que se esculpiam as pedras das pequenas falésias da parte direita: pareciam uma esfinge perfeita. Preencheu parte do espaço de seu cartão de memória com fotos desta maravilha de diferentes perspectivas.

Depois de um tempo prudencial, o grupo voltou a partir para o que agora seria um percurso rápido pelo centro de Victoria, a maior cidade de Gozo. Depois de uma parada técnica para comerem em um quiosque de rua, tomaram uma pequena lancha rumo à ilha de Comino, a terceira mais importante do conjunto de ilhas que formavam o arquipélago maltês quanto à extensão, mas não em população, já que era praticamente inabitada. No meio do nada, havia somente um hotel que não parecia estar muito ocupado para os aventureiros que se animavam a percorrer o interior deste pequeno pedaço de terra.

A praia era o que mais se destacava no lugar e não era por ser especialmente boa. Não havia lugar para mais de 30 ou 40 pessoas, mas era precisamente esta característica diminuta do lugar, acompanhada de águas cristalinas invejáveis, que tornava o lugar um daqueles do qual não se quer ir embora.

Em somente uma hora tiveram tempo de dar a volta completa na ilha e voltar à praia, o ponto de partida. Enquanto esperavam na lancha, somente um casal de russos atrevia-se a banhar-se a um sol que já se escondia atrás das nuvens; já os amigos espanhóis jogavam futebol (ou ao menos tentavam) com uma bola que Adriana nem imaginava de onde haviam tirado.

— Está tudo bem? — um Ibrahim um tanto menos tenso a tirou, outra vez, de seu mutismo social.

— Sim, obrigada por perguntar. Está sendo uma excursão muito interessante e estou descobrindo lugares especiais.

— Se perguntarem na recepção, não esquece de falar quem foi o guia — o rapaz deve ter pensado que complementar a frase com uma piscadela reforçaria a mensagem... e a julgar pelo tremor das pernas de Adriana, tinha alcançado seu objetivo.

— Levarei em conta.

— Sério, seria muito bom se recebesse uma boa avaliação. Digamos que não gozo de muito boa fama entre a “cúpula” e se não fosse pela influência do meu irmão, jamais teria conseguido este emprego. Eles me têm sempre no alvo e não posso ser despedido.

— Problemas financeiros? Ai... desculpe, não queria ser tão brusca. Desculpe se estou me metendo onde não sou chamada, não queria dizer isso, eu... não queria dizer que...

— Não, relaxe, não se preocupe tanto, está bem. Eu abordei o tema — procurou suavizar a situação com um sorriso que desarmou Adriana, que não sabia se era o ar maltês ou se estava a ponto de cair doente, mas, em menos de 24 horas, já tinha se sentido atraída por dois homens diferentes... e isso não era característico dela. Ou pelo menos de seu antigo eu.

— Se quiser conversar, não costumo ser conselheira muito boa, mas sei escutar.

— Se você é um anjo ou se é um dom, você está certa, eu fico muito confortável ao conversar com você — parou por um segundo e, como se a próxima frase lhe parecesse muito desagradável de dizer, soltou tudo de uma vez. — Então, se importa de voltarmos a nos ver? Como amigos, nada de encontros.

— Sem problemas. Mas deixe-me escolher um lugar neutro. Você conhece o Bistrô? Está dentro da Escola onde está o apartamento onde vivo, não fui ainda, mas da janela da minha cozinha, vê-se bastante movimento, então suponho que não deve ser ruim.

— Fantástico, já comi ali uma ou outra vez quando fui pegar o Khalid, é um bom antro.

— Poxa! Se você chama de antro, perde toda a magia — o sorriso tinha voltado aos dois rostos.

— Vamos chamar de “lugar adequado para estudantes e um ou outro turista estrangeiro”, categoria em que você se encaixa perfeitamente, você deve ter a idade de muitos desses moleques que vêm aqui para ficar de porre.

— Sim, bem, mais ou menos, obrigada pelo elogio. Embora já avise que meu fígado não tem qualquer tipo de treinamento.

— Quem precisa de treinamento quando dá pra entrar logo em ação? — novamente aquela piscada que poderia ter como legenda “sem mais e não respondo”.

— Não estou interessada em morrer em um coma etílico! Então, amanhã está bem? — *“oh Deus, Adriana, não está indo tudo muito rápido? Desacelera.”*

— Não gosto de recusar um convite de uma bela dama, mas acho que é uma boa ideia. Amanhã é a *Welcome Party* e não tem hora para acabar.

— *Welcome Party*? O que é?

— É uma festa de boas-vindas organizada para os estudantes da Escola hospedados nos apartamentos, acontece uma vez por semana e não acho que você vai gostar do clima ali... tem *shots* grátis para os novos e os antigos aproveitam para renovar sua seleção de conquistas potenciais. O que acha de depois de amanhã? Podemos jantar ali e, se der vontade, podemos ir a *Paceville* beber algo. Sendo espanhola, tenho certeza que vai gostar de *Fuego*, se tornou um bar quase exclusivo para vocês, mas farei um esforço.

— Acho que essa é uma oferta que eu não poderia rejeitar. Sem problemas.

— Qual é o número do seu apartamento? Passo para te pegar perto das... nove?

— Não tão rápido, Ibrahim — tentou parecer interessante, mas o sorriso tonto atrapalhou. — Nos encontramos na *Recepção*, não precisa me pegar na porta de casa.

— Certo, território neutro, não é?

— Algo assim.

— Você sabe que, se eu quiser, basta perguntar ao meu irmão onde mora a espanhola mais linda da residência e terei todas as informações que quiser sobre você?

— Isso seria uma clara invasão à minha privacidade, não sei se toleraria — definitivamente estava há muito tempo fora de cena neste flerte e não faria bem dissimular.

— Garanto que toleraria, sim.

E justamente quando a conversa parecia tomar um rumo mais interessante, o rugido de uma lancha tirou-os de seu isolamento, fazendo-os voltar a uma realidade em que deviam voltar para casa. A excursão estava terminando e os olhos tristes de Adriana agora combinavam com o sorriso de uma jovem que tinha um encontro.

Capítulo 11

E o primeiro encontro foi seguido por um segundo, um terceiro e, inclusive, um décimo. Sem quase perceber, a garota dos olhos tristes tinha se transformado na princesa do conto de um príncipe que, embora não tivesse nada de encantado, fazia-a viajar a cada noite a um mundo melhor, a uma história sem finais tristes ou felizes, simplesmente a um mundo em que os dois eram protagonistas de uma história inacabada, mas não estavam sozinhos.

Dizem que uma terceira pessoa não entra em sua vida se você não permite e, embora Adriana não soubesse em que momento tinha deixado a porta de trás aberta, Paolo continuava presente em sua vida, em seu coração e em seu cotidiano. Os dois cavalheiros competiam em uma batalha silenciosa pelo coração da bela dama. Ibrahim, apaixonado e intrépido, naquele ponto de loucura que todos necessitamos em nossas vidas, num correr sem medo pela estrada, loucos de álcool e amor, num riso no meio da madrugada, sem motivo nem razão. Paolo, o galanteio materializado em um perfeito corpo toscano, o brilho do sol enredando-se no cabelo negro para fazer você perder a razão, a imperfeição do perfeito, o sorriso sincero e o apego a uma vida terrena.

Não dava para dizer que Adriana andava flertando com ambos, mas aos seis meses desde sua chegada em Malta, sua vida tinha mudado radicalmente. Melhor dizendo, seu interior havia morrido completamente para dar lugar a uma pessoa segura de si mesma, tranquila, um pouco mais feliz, embora ainda com esse reflexo de tristeza em seu olhar. *“Meu passado sempre estará comigo, mas agora posso dominar o lápis com que escreverei o meu futuro”*.

Ibrahim estava colado em seu coração (e em seu apartamento), apesar de que parecia que isso não convenceria Khalid que, embora não o dissesse claramente, fazia gestos de desaprovação toda vez que os via paquerando na sala de computadores instalada junto à Recepção. Adriana, arriscando sentir-se estúpida e egocêntrica, pensou que poderiam ser ciúmes. Até onde sabia, seu “cunhado” estava sozinho e, embora sua extrema sensibilidade a fizesse suspeitar que provavelmente se sentisse mais atraído pelo sexo masculino do que pelas de sua espécie, não quis dar mais importância à situação do que ela merecia. Ibrahim e Adriana não tinham dado nomes ao que estavam vivendo, não queriam se considerar um casal nem andar de mãos dadas pelo centro de St. Julian. Jamais almoçavam juntos aos domingos, nem iam juntos a eventos muito frequentados, mas era algo para o qual ela ainda não se sentia preparada.

A imagem de Paolo estava muito presente em sua vida e, de certo modo, não conseguia evitar sentir-se culpada quando as borboletas a despertavam de sua letargia a cada vez que pisava no aeroporto e seus olhos encontravam o olhar de seu colega. Era inevitável pensar que, talvez, não era de todo correto buscar a mínima oportunidade para roçar suas mais enquanto aqueciam o *fast-food* que serviriam em seguida aos passageiros. Não, assim como não era apropriado fechar os olhos enquanto Ibrahim a beijava e pensar em Paolo. A história com o comissário de bordo não tinha avançado muito, mas era possível notar uma tensão não resolvida e um afeto especial. E se estava errada quanto à porcentagem que cada um ocupava em sua vida? E se devia falar de Paolo como essa “pessoa especial”? Não conseguir evitar abafar um grito de vitória quando Ibrahim ia pegá-la no aeroporto (algo que ocorria com menos frequência do que gostaria) e Paolo não escondia revolta que lhe causava a obriedade dos pombinhos.

— Aí está o seu namorado.

— Quando você vai entender que não é meu namorado? É só um amigo — mentia.

— Uma amigo que toma muita liberdade.

— Qualquer um diria que você está com ciúmes, Paolo, — Kate sempre o alfinetava com algum comentário semelhante e ganhava do italiano um olhar perigoso, enquanto as bochechas de Adriana acendiam-se como o primeiro sol da primavera.

— Ciúmes? De Ibrahim? À toa, só não entendo porque não chama as coisas pelo nome certo.

— Por que sempre é preciso rotular tudo? Não o considero meu namorado, não temos uma relação assim. Há vezes em que não nos vemos por uma semana inteira, nem sequer sentimos falta, não acho que isso possa ser chamado de namoro.

Chegaram até onde estava Ibrahim e, certamente, o cumprimento não foi exatamente o de um casal comum. Não houve um beijo de boas-vindas, mas as mãos do “não-namorado” ocuparam-se rapidamente: na direita, a maleta da aeromoça, na esquerda, seu maior troféu, Adriana, enquanto seus olhos olhavam desafiantes para Paolo, que começava a se cansar de não alcançar o seu objetivo. Era certo que sequer tinha tentado com sua insistência habitual, mas era a primeira vez que uma o rejeitava ou simplesmente não caía aos seus pés ante uma mera piscada. A espanhola lutava com armas que Paolo nunca tinha enfrentado.

— Pessoal, semana que vem é a festa de aniversário da companhia. Já sabiam, não é? — Alexandra, oportuna como sempre, quebrou o gelo que estava se formando entre os gélidos olhares dos machos de plantão.

— Podemos escapar?

— Não vem com essa, Adriana! É um momento para nos reunirmos, você não pode dar bolo. Vai ser legal! Vai ter canapés, bebidas, comissários gatos e, vejamos... ah, sim, mais bebidas.

— Não acredito que a senhorita esteja interessada em álcool ou em comissários gatos, ou estou errado? — Ibrahim não perdeu a chance de lançar a pergunta enquanto Paolo, mais um vez, engoliu um suspiro.

— Não está errado — mentiu, mais uma vez, — mas é certo que ficaria feio faltar à minha primeira festa da empresa. Se não tem outro remédio...

Não sabia se era efeito do cansaço ou da luz artificial que reinava no aeroporto, mas Adriana teria jurado que notara o sorriso de Paolo crescer com o seu nome desenhado. O italiano tinha visto em apenas um segundo toda a sequência de uma noite informal e divertida com Adriana, provavelmente o momento perfeito para que seus corpos se aproximassem um pouco mais... ou para que acabasse completamente abandonado na “*friendzone*”. Nunca tivera vontade de complicar-se na vida metendo-se em um namoro, mas o desconcerto que uma garota como Adriana provocava nele conseguira fazer todos os seus valores e crenças desmoronarem feito um castelo de cartas.

A atração do proibido. Ou, talvez, fosse mais complexo que tudo isso. A covardia de ter encontrado sua alma gêmea na pessoa quem menos teria imaginado. Paolo sentia-se à beira de um precipício que cada vez parecia mais alto e acidentado, mas não conseguia tirar a cabeça ou fugir dele sem dar marcha ré. A única certeza era que, por enquanto, detinha-se em admirar a vista daquele caótico lugar que era o que mais preenchia sua vida.

Ibrahim, um pouco mais experiente na hora de camuflar suas sensações, não deixou à vista nenhum vestígio da ira que começava a se formar em seu interior. Sabia ler nas entrelinhas e pôde ver o raio de esperança nos lábios de Paolo. Mas o que mais lhe preocupou no momento foi ver como Adriana mudou sua postura após aceitar o convite à festa. Não era especialista em linguagem corporal ou algo assim, mas sabia notar quando uma mulher era receptiva além da conta... e, nesse momento, mesmo estando abraçada com ele, os sinais que seu corpo enviava tinham outra direção. Paolo. Seu colega, seu amigo e uma ameaça cada vez mais latente para um Ibrahim, que não era a pessoa mais indicada para falar de lealdade.

— Genial! — Alexandra voltou a interromper os pensamentos do pessoal — Hoje à noite, quando chegar em casa, crio um grupo no Telegram com todos os que irão à festa e vamos esquentando os motores.

— Mais um ano em que teremos que ler sobre os panos que você vai usar?

— No fundo, você adora, Hans, reconheça. Você é uma das nossas.

— Está bem, não sei como aceitar isso. Mas creio que já vou, está para chegar um voo de japoneses e não quero ficar sem táxi para voltar para casa. Vocês vêm? Se Adriana vai com Ibrahim, dá para todos dividirmos.

— Claro! Boa noite, Adriana, comporte-se... ou não — Kate sempre tinha que acrescentar seu toque pessoal às despedidas, era o seu jeito.

— Uma coisa ou outra terá que ser nos meus sonhos, estou exausta. Depois nos falamos, pessoal.

— Até outra hora!

Adriana subiu no carro de Ibrahim, feliz por arrancar alguns minutos do relógio para estar com ele, mas também impaciente para chegar em casa, tomar uma sopa instantânea e enfiar-se sozinha na cama para pensar em Paolo. Toda a sua vida era uma contradição.

Capítulo 12

“Como se fosse mágica, o passado tinha voltado, Adriana sentiu seu corpo estranho, paralisado, uma mistura física e mental que fazia com que não pudesse mover-se de lugar. Fazia muito tempo que não tinha essa sensação. Doíam-lhe os pulsos, as costas e o quadril. Se tivesse um coração, doeria também, mas infelizmente, quando algo está quebrado e inerte, já não dói mais.

Quis obrigar seus lábios a sorrir quando seus olhos viram a solução de todos os seus problemas. Ali estava, em silêncio, nas sombras, o passaporte para uma nova vida.

Mas não podia planejar tudo tão rápido. Escutou as chaves em sua porta e não restara mais remédio além de voltar a dissimular.

— Já cheguei em casa, está tudo bem, amor?”

Capítulo 13

O despertador a tirou de um sonho dramaticamente real. Embora as lembranças fossem cada vez mais vagas, Adriana não duvidou nem um segundo que essa cena teria acontecido de verdade. Era possível esquecer-se da cor das cortinas, do toque dos lençóis de inverno ou onde foram comprados seus sapatos preferidos, mas nunca se esquece de uma sensação provocada por um sorriso ou uma lágrima.

Havia fugido para Malta praticamente com a roupa do corpo e, todavia, suas recordações não haviam ficado antes do filtro de segurança do aeroporto que a conduziu à sua nova vida. Tinham conseguido embarcar como um penetra que invade a festa sem ser convidado.

Preparou um café aguado e tomou-o olhando ao infinito sem qualquer traço de emoção em seu rosto pelo novo dia que teria à frente. As horas seguintes foram vividas por inércia: de pijamas, passando as páginas de uma revista em inglês que não chegava a lhe despertar o interesse. Não acordou para comer, apesar dos sinais que seu estômago mandava. Nem sequer o ruído incessante das notificações de seu celular conseguiu despertá-la da letargia que seu último sonho tinha produzido.

Ali estava ela, de novo esgueirando-se para a sua velha vida. Ali estava ela, atirando por terra, mais uma vez, toda a ilusão que tinha construído para si. Voltou a sentir-se como a criança desamparada que tinha chegado à ilhas uns meses atrás.

No entanto, como se fosse um milagre, a campainha soou três vezes, obrigando-a a mover somente os músculos necessários para descer pelas escadas, arrastar-se até a maçaneta e abrir a porta. Era Ibrahim, seu cavaleiro sem armaduras ou dragões que, de novo, surgia no momento em que Adriana mais necessitava.

— Caramba! Muito bem-vindo, qualquer um diria que você não está feliz em me ver.

— Desculpe, não dormi bem hoje — remexeu o cabelo, tentando organizá-lo, mas só conseguiu parecer um pouco mais louca. A louca dos olhos tristes.

— Se quiser, posso dormir contigo esta noite, para que o seu despertar seja mais doce.

— Agora que você fala, talvez não seria ruim.

— Sério? Droga, desculpe, acabei de lembrar que justamente hoje tenho um compromisso com um amigo, sua esposa está fora da cidade e prometi a ele uma noite de pizza e *play*. Estamos devendo isso há muito tempo.

— Não peça desculpa, não dê desculpas. Não tem problema.

— Obrigado por entender. Outro dia eu fico, tá? Vou aparecer sem avisar, de surpresa — o sorriso no rosto de Ibrahim, desta vez, não tinha nada de atrevido, ao invés disso, disfarçava um suspiro de alívio. Tinha que parar de brincar com fogo ou algum dia descobririam a verdade. Mas era tão divertido... — Posso entrar? Ou você vai me deixar na porta o dia todo?

— Sim, claro, perdão, estou tão cansada... Entre, por favor.

Ibrahim subiu as escadas com a destreza de quem conhece bem um lugar. Se tivessem que fazer um registro das vezes que haviam se visto, a maioria delas tinha sido na casa de Adriana, na Escola ou no aeroporto. Adriana deu-se conta que ainda não conhecia o lugar onde vivia o seu namorado. Não deu importância, para muitas pessoas sua casa era um pequeno lugar sagrado, não seria ela que lhe pediria para profaná-lo.

Acomodaram-se na cozinha e, enquanto colocava mais um punhado de macarrão na panela, Ibrahim propôs que fossem à Sicília na próxima semana. Adriana ficou surpresa consigo mesma ao lembrar que teria a festa da companhia e um pequeno rugido fez estremecer suas entranhas. Era fome ou muito interesse em ir ao evento?

— De verdade, você vai? Pensei que não te interessava nem um pouco.

— Já me comprometi com as meninas, além disso, sendo a novata, seria muito feio fazer essa desfeita. Você sabe, a gente tem que fazer bonito com os chefes, mesmo que seja só de vez em quando.

— Com os chefes... e com Paolo, ou estou errado?

— O que você está dizendo?

— Já notei como ele olha para você, vamos Adriana, eu não sou tonto.

— Ah, por favor, não vai me dizer que isso é uma ceninha de ciúmes, não tenho o dia para isso — deu as costas e acrescentou um pouco mais de sal à água do macarrão. Era sempre um eufemismo.

— Ciúmes? De quem? De ti por devorar com os olhos um colega toda vez que olha para ele? Ou por ficar se mordendo e te percorrer inteira quando vira as costas e não pode mais vê-lo?

Adriana nunca teria reconhecido, mas, apesar de estar muito incomodada por aquela discussão, por dentro não pôde evitar a inusitada esperança de que ele estivesse certo e Paolo olhasse para ela com esse olhar de desejo.

Em um namoro, uma cena de ciúmes era provavelmente um dos maiores erros que alguém podia cometer. Se realmente havia motivos para desconfiança, estas dúvidas só surgem para que o infiel fique mais esperto aos detalhes a fim de não ser descoberto, mas se não há com o que se preocupar, descobrir que há alguém interessado em você, alguém que revolve suas entranhas, é a pior forma de acalantar uma expectativa que sua consciência tenta calar continuamente.

Parou de disfarçar com o sal e girou o corpo até encontrar-se com os olhos de Ibrahim, bastante irritada. Estava, realmente estava. Não ia consentir de novo com aquelas chantagens e nem permitiria que sua vida voltasse a ser manipulada como os fios de uma marionete. Ibrahim poderia terminar sendo o homem de sua vida, mas nem isso era motivo suficiente para que houvesse a menor possibilidade de cair no mesmo precipício em que uma vez se encontrara. Aquele medo, aquela desconfiança era uma pedra que deveria carregar para sempre... mesmo que isso significasse perder pessoas importantes no caminho. Sua prioridade, agora, era não voltar a ser perder.

— O que você diz é totalmente ridículo — tentou manter a calma —, Paolo é só um amigo.

— Pare com isso, você sabe que estou falando de Paolo, não de Hans.

— Qual é, Ibrahim! Cada vez mais percebo como você afia as unhas toda vez que o vê. Nunca disse isso a você, mas é totalmente ridículo. Não há nada com que se preocupar.

— Então, não vá a essa festa. Ou melhor, me leva contigo.

— Você sabe que não permitem levar acompanhante.

— Então, só resta uma opção.

— Sério?! Você está realmente está me proibindo de ir? Você faz e desfaz conforme a sua vontade, passa dias e dias sem vir me ver, sem dar sinal de vida e agora tenta me proibir de ir a um jantar, um maldito e simples jantar de empresa? — Adriana estava furiosa demais para atentar que o macarrão estava passando do ponto.

— Não estou te proibindo de nada, cacete! Só estou pedindo que você escolha e demonstre que me escolheria no lugar dessa cópia tacanha de gigolô de estrada!

— Presta muita atenção nisso, Ibrahim, porque só vou te falar uma vez: ainda não nasceu quem vai me cortar as asas.

A batida da porta que seguiu Ibrahim quando deixou a casa sem dizer uma palavra a mais devia ter sido ouvida por toda a vizinhança. O macarrão continuava cozinhando solenemente ignorado enquanto Adriana permaneceu olhando a escada vazia pela qual desceu o namorado sem olhar para trás. Apesar de tudo o que Paolo despertava nela, gostava muito dele, muito. Sentia-se culpada, mais uma vez vulnerável, como naquela situações que viveu no passado. Mas não podia se permitir voltar a cair nos mesmos erros.

Voltou-se ao fogão e apagou o fogo. Jogou fora o macarrão sem sequer escorrê-lo, pegou o telefone e discou o primeiro número que lhe inspirava confiança.

— Alexandra? Liguei em má hora?

— Não mesmo, só estava pensando se preparava um sanduíche de atum com tomate ou se pedia algo da rua.

— Acho que tenho uma ideia melhor. O que acha de uma pizza no Marina Terrace?

— Com umas cervejas geladas e um aperitivo?

— Você está sempre pensando em álcool! — a risada de ambas devolveu a alegria a Adriana. — Se essa é a sua condição, terei que aceitar.

— Obrigada! Você acaba de me salvar de morrer de tédio na frente de uma lata de atum. Nos vemos lá em 20 minutos. Até daqui a pouco!

— Tchau!

Capítulo 14

Tentando disfarçar a fúria atrás de passos desajeitados e duros, Ibrahim deu de cara com o irmão ao passar pela recepção, apesar de sua intenção de evitá-lo. Khalid tinha abandonado seu posto de trabalho momentaneamente a fim de ajudar uns garotos a carregar suas malas ao táxi que os levaria ao aeroporto, rumo ao seu país de origem. A aventura maltesa tinha acabado para ele e, apesar de ter aprendido menos inglês do que esperavam, em sua bagagem, levavam momentos vivazes, daqueles que se pode falar a respeito, mas que sobrevivem na memória mesmo quando o pulso treme e as primeiras lacunas da idade começam a espreitar. Havia algo em Malta que, apesar de não ser um lugar especialmente bonito, é capaz de tatuar-se com fogo na alma.

Khalid chamou a atenção de seu irmão e pediu-lhe que esperasse um segundo. Quando, enfim, terminou de se despedir desses garotos que tinham feito da escola o seu lar durante um mês, regressou junto a ele e, com o semblante preocupado, perguntou-lhe o que acontecia.

Embora tentasse esconder embaixo do manjado “nada, só estou cansado”, o laço invisível que unia os irmãos era suficiente para que Khalid não acreditasse na mentira piedosa.

— Discutiu com Alina? É isso?

— Não, foi com Adriana. Uma bobagem, não tem importância. Sério, deixe-me ir — pediu enquanto Khalid o segurou pelo braço para evitar que se fosse e olhou-o com desaprovação.

— Você ainda continua com isso? De verdade, Ibrahim? Sempre soube que você era imaturo, mas nunca acreditei que chegaria a tanto. Você é casado, pelo amor de Deus! Até quando vai continuar com esse maldito jogo? — até mesmo a pessoa com mais paciência do mundo podia perder a cabeça de vez em quando.

— Abaixei a voz, não faça show, já sou maior de idade e posso cuidar sozinho dos meus problemas.

— Você está metendo nos seus problemas duas mulheres que não merecem isso. Alina já sofreu bastante contigo e com a sua cabeça oca, e Adriana é uma garota maravilhosa que não merece se ver envolvida em um triângulo amoroso que não procurou. Porque... ela não sabe de nada, não é?

— Claro que não! Acha que sou burro?

— Acho sim! Parece! Pare com a brincadeira, Ibrahim, ou vai terminar sozinho.

— Como você?

Diante do dardo envenenado, o primeiro impulso de Khalid foi soltar o braço do irmão, movimento que este aproveitou para escapar e ir embora. Xingou com uma expressão árabe popular a rapidez com que Ibrahim havia de safado dele e voltou ao seu posto de trabalho.

Por mais que fosse seu irmão, sua atitude com as mulheres incomodava-o. Enganar Alina era um erro, mas não era a primeira vez que o fazia, apesar de suas promessas de não fazer de novo. A santa de sua mulher só soubera de um romance fogo de palha com uma velha amiga do colégio, sem saber em nada que seu marido levava uma vida dupla com uma aeromoça espanhola. E não era a primeira vez. Antes de Adriana, Ibrahim tivera uma história de 10 meses com uma professora da Escola, além de incessantes confusões pela noite maltesa com turistas e estudantes fáceis. Enquanto isso, Alina cumpria com seu papel de mulher exemplar, olhando para o outro lado toda vez que o marido chegava em casa fedendo a álcool ou quando não podia explicar no que gastava tanto dinheiro. Amava-o e para ela isso era suficiente. Estava convencida de que aquele desliz que tivera com essa garota o fizera refletir e que nunca mais voltaria a vê-la.

Confiava nele, embora às vezes fosse difícil...

Capítulo 15

Adriana sentia-se tremendamente orgulhosa de si mesma. Seu eu do passado tinha baixado as orelhas, tinha cancelado todos os seus planos e simplesmente tinha se dedicado a morrer. Mas dizem que tudo o que vivemos, especialmente as experiências ruins, nos fazem crescer e amar-nos ainda mais. Isso era o que ela queria naquele momento de sua vida: amar-se como ninguém já tinha feito.

Armou-se com o melhor que tinha em mãos, seu sorriso, e combinou-o com tênis marrons e uma camiseta simples com uma estampa um pouco infantil. Uma saia *jeans* comprida o suficiente para garantir a aprovação das senhoras idosas, mas que deixava à mostra suas pernas bonitas esculpidas com a ajuda de incontáveis passeios pelo corredor do avião e longas caminhadas do portão de embarque até a saída do aeroporto, um caminho que, às vezes, lhe parecia eterno e, outras vezes, muito curto, especialmente quando estava desfrutando os últimos momentos do dia com Paolo...

A pizzeria Marina Terrace, onde tinha combinado com Alexandra ficava em Portomaso, o cantinho mais bonito de Malta. Cassinos, uma marina e um cuidado ambiente de construções modernas, mas com aquele ar mediterrâneo de que toda a ilha gozava, originando um dos lugares com mais carisma e encanto que Adriana teria visto em toda a sua vida. Já tivera ocasião para desfrutar dele sob o fulgor das estrelas e, agora que voltava à luz do dia, voltava a sentir essa sensação de liberdade e triunfo que somente Portomaso tinha conseguido dar a ela.

Marina Terrace transformou-se logo em seu lugar favorito da ilha. Não era barato, mas seu salário de aeromoça permitia que se sentasse para comer ali algumas vezes no mês. Se tinha a sorte de encontrar uma boa mesa, podia desfrutar de uma vista privilegiada em frente à marina. O interior do restaurante tampouco decepcionava: em tons brancos, bege e madeira, suas paredes tinham o mar como protagonista. Mas o melhor era a comida: pizzas requintadas, não muito grandes, mas bem servidas de ingredientes de primeira qualidade. Sua preferida era a Florentina, enquanto Alexandra pediu uma Parma San Paolo, sem conseguir evitar a risada e complementar com um "já que não posso comer o Paolo outra vez, me contento com uma pizza com seu nome" assim que o garçom se afastou.

Alex contou que Kate não pudera acompanhá-las, mas mandava um abraço e prometia aparecer na próxima vez. As primeiras cervejas chegaram bem rápido, um gesto que as garotas agradeceram bebendo quase a metade de um copo.

— A nós!

— E a Portomaso!

— Você sabia que foi em Portomaso que eu decidi ficar em Malta? — Alexandra contava aquela história sempre que podia. — Foi uma noite em outubro, o tempo ainda estava bom e eu saí para passear sozinha. Tinha recebido uma oferta para uma companhia irlandesa que me daria mais ou menos as mesmas condições que aqui, mas com a vantagem de estar em meu país. O certo é que já fazia um tempo... não sei, eu estava me cansando de estar longe de casa e voltar me parecia interessante. Já tinha praticamente aceitado a oferta e meus planos eram começar em duas semanas.

— E você recusou?

— Sim... Como te contei, essa noite, passeando por Portomaso, veio-me uma música à cabeça, não acho que a conheça, não é muito conhecida fora de meu país. Mas fala sobre como o tempo passa rápido, sobre como 20 anos podem se esvair em um momento e como a vida, às vezes, se concentra em um instante. Justo nesse momento, neste lugar, compreendi que a vida é isso, instantes. E que Malta ainda tinha muitos reservados para mim, enquanto que a Irlanda... bem, a Irlanda vai estar sempre lá e eu não estava preparada para voltar à indiferença que me causava. Queria viver, guardar recordações, enfrentar a mim mesma e a todos esses fantasmas de que minha mãe sempre tentou me proteger. Sei que não é

minha parada final e que, em algum momento, terei que parar de andar e voltar, mas... não era aquele momento.

— Uau, que profundo, me deu até arrepios.

— Sim, eu sei — Alexandra riu orgulhosa. — Sempre consigo passar isso quando conto, mas garanto que não é nem parte do que senti naquela noite. É estranho, não fiz nada especial, não estava com ninguém especial e, no entanto, um simples passeio no lugar certo pode nos fazer sentir tudo isso até o ponto de mudar o rumo de nossa vida. E deixa eu te falar, às vezes, penso no que teria sido da minha vida se eu tivesse voltado, mas penso, sobretudo que, se eu tivesse voltado, no que eu pensaria que aconteceria se tivesse decidido ficar em Malta.

— E você acha que foi a decisão correta?

— Ai, amiga, isso nunca vamos saber. Inclusive, mesmo que a vida vá bem ou acreditemos que somos felizes e temos tudo o que queremos, nunca poderemos sequer imaginar como seria a nossa vida se tivéssemos tomado outra decisão. E não falo de grandes mudanças, como a que aconteceu comigo, você sabe sobre o efeito borboleta? — Adriana assentiu, adorava aquela metáfora. — Eu sou feliz agora, adoro a minha vida e não a mudaria por nada, mas... e se eu não tivesse tido coragem e tivesse deixado Malta? E se tivesse decidido voltar ao meu país como estava planejando? Quem me diz que eu não teria encontrado o amor da minha vida um ano depois e seria muito mais feliz do que eu acredito ser agora? Não há como saber. Mas se estamos em paz com a gente mesmo, é suficiente para saber que foi a decisão correta. Do resto... o destino se encarrega.

Todos gostamos de falar sobre o destino, da vida e desses temas que escapam do tangível, mas Adriana tinha uma sensibilidade especial para essas coisas. Ela, mais do que ninguém, sabia que a vida não era mais que um sopro.

— Bem, e você? Ainda não me contou como era a sua vida na Espanha. — Do que está fugindo?

— Fugindo? Por que fugiria? — aquela pergunta a deixou bastante nervosa.

— Vamos, Adriana! Já confiamos uma na outra, não? Todos fugimos de algo em algum momento de nossa vida. E acredite em mim, que grandes viajantes como você e eu, aqueles que sentem a necessidade de estar sempre com uma mala nas mãos, sempre fugimos de algo. Uma pessoa, um sentimento, um pensamento... nossa via de escape ante qualquer ínfima coisa que perturbe nossa vida é sempre pegar uma mala e tentar ver as coisas com a perspectiva que os quilômetros e a altitude dão. Eu sempre digo o que se pensa a 30 mil pés de altura — e como se quisesse assinar a frase, ergueu a garrafa de cerveja e a bateu contra a da amiga. — Me conta. Um primeiro amor, talvez? Uma recordação que você não consegue esquecer? O seu olhar é triste, sei que há algo aí dentro.

— Na verdade, não é nada em especial, só queria viver.

E, com isso, Adriana não mentiu. Somente disse uma meia verdade. Sim, era algo em especial, mas sem nenhuma dúvida, o que a levou a ancorar em Malta foi esse desejo de VIVER. Essa necessidade de sentir que sua vida não terminava nos pesadelos que tinha a cada noite.

— Bem, nunca devemos deixar de viver. Um brinde a isso!

— Nesse ritmo você vai acabar com a cerveja — Adriana não podia deixar de rir com ela. Definitivamente, Alexandra era muito divertida e muito melhor pessoa que sua autoconfiança esmagadora deixava transmitir.

— Então, pedimos outra rodada! Garçon!

Logo comeram as pizzas e, depois de desfrutar de nada menos que três rodadas de cervejas, respirando esse ar inspirador que somente Portomaso pode oferecer, pediram as sobremesas (uma deliciosa *cheesecake* coberta com chocolate branco para Alexandra e uma batida de coco para Adriana), para, enfim, racharem a conta.

Depois de um breve passeio pelo porto, decidiram entrar no centro comercial que se ocultava no andar térreo do edifício azul e laranja que podia ser visto de diferentes pontos da pequena ilha de Malta.

Uma galeria comercial com pequenos corredores bancos metalizados que davam a sensação de estar em um *shopping center* moderno e luxuoso, uma imagem fiel ao nível de seus preços.

Adriana buscava um vestido para a festa da empresa. Em sua bagagem raquítica não tivera a oportunidade de colocar nada medianamente elegante e não poderia aparecer em um evento de gala com *jeans* e camisa, o mais arrumado que teria em seu armário no momento. Porém, percebeu, assim que pisaram na primeira loja, que pedir ajuda a Alexandra não fora a decisão mais inteligente. Tendo desfrutando de fazer suas compras sem nada que a condicionasse ou apressasse, via-se agora correndo pela galeria de um centro comercial chique com uma irlandesa que parecia ter tomado dois ou três cafés extra fortes.

A primeira loja em que entraram, Nathalie, parecia-se mais com uma boutique. Muito clássica para o que estavam buscando, Alexandra apaixonou-se por um par de *scarpins* pretos, “obrigatórios”, como ela dizia, pois caíram-lhe perfeitamente, apesar de terem saltos difíceis de controlar.

A hora avançava e as meninas estavam alongando demais o que era para ser apenas uma saída para comer, por isso, decidiram pular as lojas de bolsas e acessórios e foram diretamente para as de roupas. Adriana entrou em uma delas praticamente arrastada pelo entusiasmo de Alexandra, que havia visto na vitrine o vestido ideal para sua nova amiga. Um adorável vestido brilhante, em tons de rosa, que ressaltava seu cabelo louro, e decote em V que deixava à mostra suas clavículas perfeitas. Na cintura, haviam pequenos e discretos brilhantes que formavam um cinto delicado e sutil.

Sem dúvidas, era o vestido mais bonito que havia visto e, embora seu preço fosse bastante alto, bastou prová-lo para sucumbir ao capricho.

Pensaram arrematar a tarde no Caffè Portomaso, mas Alexandra propôs que fizessem um lanche em sua casa para que Kate pudesse ver o vestido que Adriana iria ao jantar. Avisaram-na por mensagem para que deixasse tudo o que estivesse fazendo e começasse a preparar café para três com espuma dupla e um pouco de cacau em pó. A ocasião merecia e mesmo com todas as calorias já consumidas, algumas a mais não iriam mudar o desastre que se acumularia em suas “pochetes”.

Quando chegaram, Kate havia obedecido às ordens de sua colega e esperava-as com a mesa posta. Uma bela toalha de mesa escarlate e o café servido em xícaras brancas decoradas com um desenho típico das barcas da ilha, uma de suas primeiras compras em Malta. No centro da mesa, um arranjo com diferentes doces de massa folhada e açúcar, o final ideal para um dia de excessos alimentares. As garotas esfregaram as mãos diante daquela cena apetitosa e prometeram pular o jantar durante a próxima semana para compensar.

Atualizaram Kate sobre algumas fofocas da companhia aérea e Alexandra não conseguiu evitar muito mais para contar das compras. Quando viu o vestido de Adriana, ficou tão impressionada quanto Alex:

— Que lindo! Você tem que me emprestar algum dia. Ibrahim não ficará com ciúmes?

— Bem, na realidade... já está — reconheceu Adriana que, em um dia de cervejas e compras com a amiga, já tivera o bastante para esquecer a briga que tiveram algumas horas atrás. — Discutimos ao meio-dia, logo passa.

— Está com ciúmes por causa do Paolo — Alexandra, que já conhecia a história, fez um resumo bastante pontual.

— Normal — Kate não conseguiu evitar ponderar sobre aquilo enquanto olhava para o outro lado, porém, ao perceber os olhares interrogativos das amigas, voltou-se a elas. — Quero dizer, os homens árabes costumam ser bastante ciumentos e todos sabemos que Paolo é perigoso.

— Sério? Ele me parece tão tranquilo.

— Como você é inocente, Adriana! Paolo é um *playboy*, um Barney Stinson bem treinado.

— Para mim, parece mais um Ted Mosby... Acho que você está errada, por baixo dessa couraça de mulherengo convicto se esconde um garotão que só quer encontrar seu caminho.

— Ah, meu deus, agora eu fiquei preocupada. Você está com febre? Ou está apaixonada por ele? — Kate estava surpresa. — Olha, Adriana, conheço Paolo muito bem e certamente é um cara muito especial, mas... um Ted? Nem a pau, já te digo.

— Apaixonada? Que coisa para se dizer! Que nada — merda, tinha saltado demais para a defensiva.

— Toma cuidado, Adriana, ele não é quem você pensa, só quer mais um ponto em sua lista de conquistas e você poderia pisar feio na bola com Ibrahim, que parece ser um bom rapaz.

Kate quis encerrar a conversa com um bom conselho de amiga, embora, por dentro, o que realmente queria era eliminar a concorrência. Morria de vontade de ter Paolo só para si, fosse um Barney ou um Ted, um dia queria contar aos filhos como conhecera seu pai, igual à série... embora a história não tivesse começado muito romântica.

Começava a sentir alguma hostilidade para com sua nova colega. O que pretendia? Chegar e ficar com o italiano mais cobiçado da ilha? Caçar o solteiro partidão com essa pinta de menina boazinha? Não sentiu nenhuma culpa por dar-lhe um conselho “de amiga” que iam mais de encontro aos seus interesses do que à vontade de ajudar Adriana. Se parava para pensar, não era um mau conselho afinal de contas, ela já estava com um rapaz que parecia estupendo e Paolo havia demonstrado que não sabia fazer feliz nenhuma mulher dentre as que passaram por sua lista de conquistas.

Alexandra, por sua vez, decidiu manter o incômodo silêncio que se formava, não queria posicionar-se. Sabia que ambas tinham sua razão. Paolo era um conquistador, fora de série como amante e um homem que toda mulher gostaria de provar ao menos uma vez em sua vida, mas também sabia que querer tentar algo mais com ele provavelmente seria fazer *bungee jumping* sem corda. No entanto... a vida não é exatamente isso? Lançar-se e esperar cair de forma segura? Sabia que no dia em que alguma mulher cair nos braços de Paolo, depois desse salto quase mortal, ela bem poderia ser a pessoa mais feliz da Terra. Mas não seria ela. Em algum momento pensou que sim, mas não. Embora fosse o motivo por que, naquela noite passeando por Portomaso, decidira ficar em Malta, o pequeno segredo oculto de sua história. Todos temos uma história que contamos pela metade, uma revelação da qual preservamos com cuidado o detalhe mais importante.

O certo é que, alguma vez sentiu que ele havia desaparecido e agora desfrutava de sua amizade. Há quem diga que a amizade entre um homem e uma mulher não exista, mas ela sabia que isso era o maior absurdo do mundo. Havia tanta diferença assim entre os dois sexos? Definitivamente, não.

Foi Adriana que decidiu romper aquele incômodo silêncio que se apoderara do café.

— Calma, garotas. Eu nunca trairia a confiança de Ibrahim.

— Como disse uma frase que vi no Facebook em outro dia: “nunca diga desta água não beberei, pois o caminho é longo e você pode sentir sede”.

Kate estava profunda. Ou talvez magoada. Ou talvez ela também guardasse um detalhe daqueles que realmente mudam o rumo de uma história. Um detalhe desses que nunca, por mais sede que se tenha, nunca contaria a ninguém.

Capítulo 16

Haviam passado nove dias desde aquele café na casa das garotas e, enfim, o sábado da festa da empresa havia chegado. Nove dias em que não ouvira nada de Ibrahim. Nem uma chamada, nem uma mensagem, nem uma visita. Nada.

Adriana sentia sua falta, mas não queria ser ela a voltar a arrastar-se atrás de um homem, especialmente quando não fora ela quem havia começado a discussão. Não era orgulhosa, mas não queria repetir os erros do passado. Não queria que Ibrahim pensasse que tinha razão e que, com uma cena, conseguiria tudo no futuro. Dizem que, quando passamos de certa idade, as relações pessoais são muito mais complicadas, pois todos temos responsabilidades. No caso de Adriana, sua responsabilidade tinha nome, sobrenome e data de validade. Sua responsabilidade havia transformado-se em um passaporte para uma ilha remota onde pouca gente sabia algo sobre ela, em uma nova vida... em uma nova “Adriana” cheia de medos e pesadelos, mas também esperança, por ter sido capaz de reconstruir-se a partir de suas cinzas... Embora isso envolvesse a possibilidade de passar a vida fugindo, escondida como ratos de depósito de um navio qualquer.

Ficou pensando naquela frase dita por Kate: “*nunca diga desta água não beberei, pois o caminho é longo e você pode sentir sede*”. Ninguém melhor que Adriana para entender seu significado. Ao longo de sua curta vida, havia feito coisas que nunca poderia ter imaginado, algumas delas horríveis e que, sem dúvidas, cobram a conta pelo resto da vida. Tomar um copo d’água em um momento de necessidade pode colocar toda a sua existência de pernas para o ar, mas... não tomá-lo? Nesse caso, esse copo envenenado que aceitou naquele sombrio momento de sua vida bastou para ter que sair fugindo, literalmente. Porém, ainda assim, não havia um só dia em que não se alegrava pela decisão que tomara. Sim, precisava lembrar-se a cada manhã de que era uma boa pessoa, que não quis se transformar naquele monstro capaz de... Ainda não estava preparada para dizer em voz alta o que acontecera, mas, sim, estava certa de algo, era que voltaria a fazê-lo. Ou melhor, voltaria ao dia em que o conheceu para nunca mais aceitar aquele café, para nunca responder às suas primeiras ligações nem apaixonar-se por ele.

O dia passou muito rápido e, embora soubesse que não cairiam muito bem, tomou alguns cafés, um atrás do outro, no meio da tarde. Havia sido uma semana bastante intensa no trabalho e não sabia se aguentaria toda uma noite de festa. Há anos, não saía e a simples ideia de dançar até o amanhecer provocava-lhe preguiça e expectativa ao mesmo tempo. Além disso, arrastava as poucas horas de sono que havia dormido na noite anterior. Estivera até as 2 da madrugada batendo papo no grupo da festa, combinando os últimos detalhes e rindo das piadas de Hans. Uma garota que ainda não tivera a oportunidade de conhecer, Alice, também parecia bastante simpática e deixava o grupo muito divertido. Tinha vontade de dar-lhe mais rosto que sua foto de perfil em algum lugar exótico com grandes óculos de sol. Parecia ter um sorriso muito sincero, isso sim. No entanto, não haviam se cruzado pelo aeroporto, já que ela cobria as rotas transoceânicas e passava mais tempo voando que preparando as viagens. Agora, Adriana tinha muita preguiça de fazer voos tão longos e preferia a agitação do aeroporto, das idas e vindas, essa adrenalina que sentia ao decolar e essa calma ao aterrissar.

Às seis da tarde, decidiu que já era hora de começar a preparar sua grande noite. Lembrou-se de quando saía para se divertir pela cidade com suas amigas de infância e procurou no Spotify uma música que sempre achou muito cafona, mas lhe colocava no clima baladeiro que ficara perdido em sua juventude, mas não conseguia esconder totalmente. “*Mi gran noche*”, de Raphael, reverberava a decibéis além da conta pelo banheiro, através dos auto-falantes *bluetooth* que havia encomendado alguns dias antes em uma loja chinesa na *Internet*.

Fez seu ritual completo pré-festa. Máscara para o cabelo, depilação e loção para o corpo enquanto as ondas sonoras de seu novo “cacareco” embalavam os últimos sucessos. Imaginou-se dançando com Paolo, sempre com algum espaço entre eles, mas trocando aqueles olhares difíceis de sustentar durante mais que alguns segundos sem que as bochechas se ruborizem. Sim, é possível calar as palavras que se quer dizer, é possível silenciar pensamento ou mesmo manter uma atitude digna do melhor ator. Mas nada pode disfarçar um olhar. Os olhos são o espelho da alma e quando se sabe interpretar realmente o que querem dizer, sem dúvidas o mundo seria um pouco mais sincero.

Quando saiu do chuveiro, olhou seu vestido estendido na cama com a expectativa de uma adolescente a caminho de sua festa de 15 anos. Alexandra havia lhe emprestado sapatos de plataforma que combinavam perfeitamente com os brilhantes na cintura. Decidiu deixar o cabelo solto, embora, para a maioria das garotas, prendê-los era mais elegante. Ela sempre se sentiu mais segura com o cabelo solto. E para aquela noite, precisava disso: segurança.

Como se fosse uma brincadeira do destino, justamente quanto voltava a pensar se deveria ligar para Ibrahim, ele apareceu novamente em sua casa, e em sua vida, através de umas batidas na porta de vidro jateado que dava passagem ao terraço coletivo, que qualquer um conseguia acessar pelas escadas exteriores.

— Ibrahim? O que está fazendo aqui? E por que não tocou a campainha? — abriu rapidamente para que ninguém pudesse vê-la com o cabelo ainda molhado e roupão.

— Isso é o que eu estava fazendo. Por que não abriu?

— Desculpe, não escutei, estava no chuveiro e coloquei uma música. Ibrahim, eu... parece uma bobagem isso de estarmos brigados e eu ainda nem sei porquê.

— Eu sei, por isso vim. Lamento, de verdade. Mas Adriana, não quero que você vá a essa festa. Conheço caras como Paolo, ele não vai desperdiçar a oportunidade.

— Não vai haver oportunidade. Confie em mim. Nunca faria algo assim.

— Nunca?

— Nunca.

Desta vez, soou muito mais convincente, porque no momento em que repetia essas cinco letras, lembrou-se do que Kate lhe dissera... E se sentisse sede? O peso do passado voltava, seus fantasmas continuavam atormentando, em cada resquício, em cada plano de sua vida, embora nada tivesse a ver com o que acontecera em um passado ainda demasiadamente presente, mas lembrava-a que, em algum momento, havia bebido de onde jurara nunca beber. Mas, afinal de contas, não se queimam todos em algum momento ao colocar a mão no fogo?

Ibrahim e Adriana juntaram-se em um bonito abraço de reconciliação. Ela propôs ir à sua casa quando a festa terminasse, se isso o deixava mais tranquilo, mas, incomodado, rejeitou o convite mais uma vez alegando que, quando dormia, nem um furacão era capaz de despertá-lo.

— Você nunca quer que eu vá à sua casa. Você não é casado, é? — Adriana largou a pergunta-chave no ar, rindo e sem saber que estava dando de cara com a realidade — Olha que eu não quero ser “a outra”.

— Você acha isso? Eu aqui fazendo essa cena de ciúmes por causa do Paolo, enquanto estou às voltas com outra a cada noite — “*Que canalha você, tão mentiroso*”, os pensamentos jocosos e, inclusive, orgulhos de Ibrahim tornavam-no pessoa ainda pior do que podia chegar a ser. — Vou deixar você se vestir tranquila, está ficando tarde. Te ligo amanhã?

— Claro. Até amanhã.

Depois do beijo de despedida, Ibrahim deixou o apartamento da “outra” pelo mesmo lugar por onde entrara, a porta do terraço, como quem foge pela porta de trás, uma comparação que caiu perfeitamente a Ibrahim, acostumado demais a passear por muitas bandas. Dizem que quem faz algo uma vez, provavelmente não o fará uma segunda, mas quem faz a segunda, sem dúvidas o fará uma terceira. E as

aventuras de Ibrahim já se contavam na casa da dezena. Era um infiel por natureza, sua história com Adriana e com todas as garotas não eram nenhum erro pontual dos quais poderia se livrar com o passar do tempo, embora, agora era algo que o remoía por dentro. Ibrahim estava enganchado demais com aquela garota de olhos tristes, embora se esforçasse em mostrar ao mundo sua imagem mais feliz, seu olhar continuava escondendo uma dura recordação.

As horas passaram rapidamente e logo a noite estava aí. Após deixar uma gorjeta a um taxista bem pouco gentil (típico maltês!), Adriana chegou ao lugar onde aconteceria a festa anual da empresa. Em mais um ano, a companhia havia escolhido o hotel Hilton, localizado a poucos metros da pizzaria onde, uma semana antes, as garotas tinham trocado confidências. Não poderia haver um marco melhor que o sempre mágico Portomaso, que, à noite, sempre mostrava seu lado de magnetismo e era capaz de cativar até o mais duro dos corações.

Na porta, como haviam planejado, já estavam Kate, Alex, Hans, Robert e Paolo. Faltava somente Adriana, que agora se juntava ao grupo. Quando desceu do táxi, todos ficaram boquiabertos ao olhá-la. Definitivamente, o vestido estava perfeito. Paradoxalmente, de todos, Paolo foi o que menos a olhou, Não queria que seus olhos o delatassem. Esquivar o olhar era, naquele momento, o mais inteligente.

Adriana cumprimentou com certa timidez o grupo que permanecia na porta esperando-a. Notou Kate um tanto distante, mas não deu importância. Alexandra a abraçou e disse ao pé do ouvido que a noite seria mágica. A garota dos olhos tristes sorriu e olhou Paolo de canto. Então, somente então, deu-se conta que esse nunca que havia prometido a Ibrahim podia transformar-se em um... talvez. Pois, ao ver que Paolo também a buscava com discrição, entre o pessoal descobriu que a vida podia chegar a ser bonita. Muito mais bonita que a haviam feito crer até agora.

Ao entrar no salão, fizeram uma dança das cadeiras improvisada até a mesa que tinham reservada, ficando Adriana estrategicamente posicionada entre Alexandra e Paolo. Enquanto todos terminavam de colocar seus casacos no encosto e sentavam-se, deteve-se um instante para admirar o lugar. O Hotel Hilton era uma verdadeira maravilha por dentro e por fora. O salão reservado especialmente para a festa da companhia aérea, longe dos olhares de turistas e curiosos, tinha uma decoração elegante e moderna. Tons de branco e dourado entrelaçavam-se com um excelente bom gosto. As mesas redondas estavam espalhadas pelo centro do amplo habitáculo. De um lado, um grande espaço vazio junto a uma bancada onde um barman já começava a dançar com as mãos e a coqueteleira, apesar de não ter plateia que o animasse. Aquela devia ser a pista de dança. Do outro lado, um corredor discreto, tudo parecia indicar que poderiam ser os toaletes das senhoras e dos cavalheiros.

Quando todos ocuparam seus lugares, a intensidade das luzes diminuiu e em um dos lados da pista de dança, Andrew MacAdams, diretor da companhia aérea, tomou os holofotes. Discursou brevemente, agradecendo a todos os funcionários por sua presença na festa, lembrando os colegas que não puderam comparecer ao evento porque estavam voando e intercalando uma ou outra piada de mau gosto ocasional que, ainda assim, conseguiu provocar risos na plateia. Despediu-se esperando voltar a vê-los no próximo ano, no mesmo lugar, as mesmas caras e desejando um ano cheio de voos e sonhos.

Aquele final de discurso fez com que, durante breves segundos, Adriana ficasse reflexiva. Um ano. Conseguiria ficar naquele lugar mágico por mais um ano? Teria que sair fugindo novamente quase sem nada? A simples ideia de ser descoberta causou-lhe arrepios, mas talvez o culpado daquela reação física era, na verdade, Paolo que, bem por acidente ou como resultado de um movimento estudado, tinha roçado sua mão esquerda na dela ao pegar seu guardanapo. Nunca saberia, mas aquele gesto oportuno serviu para que seu olhos voltassem a se encontrar e deram início à primeira conversa da noite.

— Imaginava isto assim? Já te aviso que, ao final da noite, o pessoal é muito menos sério do que parece agora.

— Fala de você mesmo? — um sorriso torto acompanhou a pergunta e, imediatamente, compreendeu que precisava diminuir o ritmo ou seria muito difícil cumprir a promessa que fizera a Ibrahim poucas

horas atrás.

— Vejo que você aprende rápido. Quem é você e o que fez com minha amiga espanhola?

— Sou eu! Um pouco arrumada demais, mas sou eu afinal de contas.

E não. Contra todas as probabilidades, não houve elogios ou tentativas de flerte da parte de Paolo, o que fez Adriana pensar que ou ele não era o Casanova que os demais se empenhavam em fazê-la acreditar ou tinha sido banida para a maldita “*friendzone*”. “*Melhor assim*”, pensou. Robert interrompeu-os propondo o primeiro brinde de muitos que ainda fariam naquela bela noite.

O jantar transcorreu em uma atmosfera de risadas e folia bastante agradável. Em todas as mesas, viam-se relações bastante sinceras e não essas máscaras de falsidade que se costuma ver em outros ambientes de trabalho. Talvez, a solidão do mundo da aviação tornasse as relações que se formam entre as nuvens muito mais sinceras que aquelas que nascem em um shopping ou em um bar, onde a luta para as comissões e gratificações trazem à tona já bem cedo quem é uma cobra e que não se encaixa nesse mundo.

Os olhos tristes da Adriana brilhavam levemente nessa noite. Estava indo bem, muito bem. Com o Paolo e Alexandra ao lado, era impossível ficar de fora da conversa ou entediarse. Aproveitou a saída de ambos ao banheiro para consultar as notificações de seu celular: nem sinal de Ibrahim. Mandou-lhe uma mensagem que, apesar de ter sido lida, não obteve resposta.

Alex e Paolo voltaram rindo, como os dois grandes amigos que eram, e comentaram com Adriana quão delicioso estava o menu, composto por uma salada caprese, um *risotto frutti di mare* e uma taça de morangos balsâmicos com sorvete de chocolate branco. As quantidades estavam na medida certa e conseguiram encontrar o ponto ideal entre ficar com fome ou levantar-se com a sensação de sair rolando.

Quando todos tinham terminado seus pratos, Andrew McAdams novamente pegou o microfone e repassou alguns dos dados obtidos pela companhia aérea no ano passado. Horas de voo, milhas percorridas, percentagem de pontualidade, número de passageiros a bordo e outros números que evidenciavam a boa saúde das contas da companhia. Depois de uma pequena homenagem a um dos pilotos, que se aposentaria naquele ano, um homem grisalho cujo nome Adriana não conseguiu entender por causa da pronúncia do Sr. McAdams e das três taças de vinho que já trazia em seu corpo, o bar foi declarado aberto e a música começou a tocar.

Para Adriana, sempre fora mortificante quebrar o gelo em situações como aquela, mas não conseguiu evitar ver-se arrastada à pista de dança por uma Alexandra que, se com alguns café já era perigosa, melhor nem falar quando a bebida é um pouco mais alcoólica. Paolo, Kate, Hans e Robert juntaram-se a elas e em poucos minutos a noite tornou-se jovem.

Uma jovem e amalucada Alice uniu-se logo ao grupo em um momento, apresentando-se a Adriana de uma forma muito eufórica. Sim, não cabia dúvida de que aquela era a Alice que tinha revolucionado o grupo do Telegram nos dias prévios ao evento.

Embora tenha passado algum tempo dançando com Paolo, Adriana pedia aos berros que a parede invisível que parecia ter se formado entre eles desaparecesse e o atraente italiano a pegou pela cintura para dançar, exatamente como tinha feito com Alexandra ou a própria Alice. Foi com uma canção de Enrique Iglesias, talvez explícita demais, que Paolo se aproximou timidamente e tomou-a pela cintura sem deixar de olhá-la diretamente aos olhos. Entretanto, Adriana voltava a cair no erro de não conseguir aguentar o olhar, uma ação de reflexo que, longe de camuflar suas verdadeiras intenções, fazia com que todas as cartas em sua mão ficassem visíveis sobre a mesa. Paolo tinha vivido mais de uma dezena de vezes aquela reação e sabia bem o que significava. O desejo era mútuo. Sabia que enredar-se com a Adriana aquela noite só iria trazer-lhe problemas, mas decidiu apostar tudo no vermelho. Possivelmente, fruto dos meses que levava escondendo de si mesmo a atração que sentia pela espanhola ou talvez pelo efeito do álcool que vinha consumindo durante toda a noite, naquele momento era tudo a mesma coisa.

Sem pedir, arrastou Adriana até o corretor mal iluminado que dava no banheiro feminino e foi suficiente o sorriso que ela devolvia para entender que tinha passe livre. Chocou seus lábios com raiva contra os dela, um instante em que se contentaria em vivê-lo pela eternidade. Um instante que mal durou uns poucos segundos.

Ouviram uma porta bater no final do corredor. Uma Kate enfurecida saiu do banheiro feminino e foi até eles sem hesitar um segundo. Adriana afastou-se o mais rápido que pôde, entre envergonhada e agitada, mas não foi suficiente para evitar que Kate visse toda a cena.

— Mas o que é isso!? O que estão fazendo? — por sorte, a música abafava os gritos de Kate, completamente fora de si.

— Kate, relaxe! Você não tem direito de pedir explicações. — Paolo tratou de assumir o controle de uma situação que lhe tinha escapado das mãos há muito tempo.

— Não tenho direito? Ela está com Ibrahim, pelo amor de Deus. E você, você...

— Vamos, Kate. Este não é o lugar para falar sobre isso.

Com uma destreza inusitada, Paolo conseguiu tirar Kate daquele lugar, deixando sozinha uma Adriana que não sabia se acabava de viver o melhor momento de sua vida ou o mais ridículo. Paolo e Kate acabaram no terraço do Hilton, com a lua banhando as águas do Portomaso como testemunha.

— Kate, basta! Deixe-me em paz! Entenda que não passou de uma maldita noite, caramba! Uma porra de erro você não me deixa esquecer!

— Não vou permitir que me trate como um erro, você sabe, faria tudo de novo se voltasse atrás. Eu só quero que você se dê conta de que é comigo que você quer ficar.

— Não, Kate, está enganada. Você é a única com quem não faria tudo de novo. Por que você não quer entender que eu errei, hein? Eu errei. Sou humano, nunca devia ter feito isso com Alexandra e nunca devia ter acontecido com você porque você está louca. Está completamente louca. Me esquece! Já faz tempo e você continua me intimidando com olhares acusatórios toda vez que me aproximo de uma garota!

Com os olhos cheios de lágrimas, Kate deixou-o com as palavras na boca e voltou para a festa. Ele atravessou o corredor escuro dos banheiros e encontrou Adriana em estado de choque, na mesma posição em que havia sido deixada. Ainda não caíra a ficha de que tinha beijado Paolo. Ou melhor, que Paolo a tinha beijado e ela se deixou querer. Sim, isso possivelmente soava melhor e menos acusatório. Ela não sabia se devia se sentir culpada ou libertar de uma vez por todas as borboletas em seu estômago. Mas ver Kate furiosa desceu-a da nuvem em que parecia estar flutuando. Ela não entendia o que estava acontecendo com sua amiga, mas uma característica que sempre definiu essa garota de olhos tristes era a sua enorme empatia com o resto do mundo.

— Kate? Espera! Me escuta, por favor. — O que aconteceu?

— Eu não estou bem, Adriana. Quero ir para casa. Mas não se preocupe comigo, de verdade. Pego um táxi e nos falamos amanhã.

— De maneira alguma, não vou te deixar sozinha assim.

— Mas é sua primeira festa da empresa, não quero estragar.

— Acredite, eu já estraguei sozinha. Além disso, meus pés doem. Deixe-me ir com você, por favor.

— Ok, mas... você ficaria para dormir na minha casa?

— Combinado. Só deixe eu dar alguma desculpa para o pessoal e nós vamos, ok? Vá chamando o táxi, é melhor que não te vejam assim.

Adriana se aproximou do grupo ao qual Paolo já havia se juntado, contou que Kate tinha passado mal por causa do jantar e ia acompanhá-la em casa. Distribuiu abraços, um por um e quando chegou em Paolo, deixou-o com dois beijos eletrizantes. Se algo ficou claro para os dois é nunca se esqueceria daquela noite. Dois segundos bastariam para sonhar toda uma vida.

Capítulo 17

Apesar de não estar em sua casa, Adriana aproveitou os 10 minutos que Kate passou no banheiro tirando a maquiagem para preparar uma sopa instantânea na chaleira elétrica que parecia vir em série em todas as cozinhas de Malta. Uma bebida quente é capaz de acalmar o coração mais desamparado... ou pelo menos aquecer as mãos, o que não é pouco.

Adriana ainda não compreendia o que havia acontecido com Kate para que reagisse dessa maneira. A não ser que... Não, aquilo não podia ser uma cena de ciúmes por causa de seu beijo com Paolo. Ela sempre a criticava e aconselhava que se afastasse dele, não fazia nenhum sentido se, na realidade, sentisse algo pelo italiano.

Paolo. Sabia que aquela ressaca não seria curada com umas poucas pílulas de ibuprofenos. Lembrou-se com detalhes tudo o que ocorrera durante a noite: o roçar fortuito das mãos durante o jantar, os intermináveis sorrisos cujo olhar não podia aguentar, as mãos dele pegando-a pela cintura enquanto dançavam. O beijo.

Voltou a sentir-se como uma adolescente iludida ante o primeiro sinal de interesse do garoto que gostava e não conseguiu evitar uma pontada de decepção ao perceber que nunca havia sentido isso com Ibrahim. Talvez porque nunca foi proibido, talvez porque tudo fora tão fácil desde o primeiro momento, talvez por isso não fizera falta em seu interior um *tsunami* de desejo por estar em seus braços.

A decepção se seguiu pela culpa inevitável. Quis buscar responsáveis: as longas horas entre as nuvens, os galanteios de Paolo, o álcool, a música. Porém, ao fim de tudo, a única culpada era ela. Porque... como culpar o vento pela desordem causada, quando era ela quem tinha deixado a janela aberta?

Havia traído a confiança de Ibrahim, e devia agradecer a Kate por aquele deslize não ter ido mais além. Porque, se não fosse pela dramática interrupção da colega, o que haveria acontecido entre os dois? Teria sido o próprio Paolo quem teria escapado de seus braços quando a nuvem de álcool baixasse e revelasse a realidade? Teriam chegado a algo mais?

Adriana sempre acreditou no destino e sabia que talvez fosse melhor deixar assim. Não viera a Malta deixando tudo para trás para voltar a complicar sua vida por causa de um homem. Nem sequer por Paolo.

E, no entanto, ali permanecia aquela reviravolta no coração toda vez que lembrava de seu nome. Paolo. Um ator de Hollywood uma vez dissera que quando você se apaixona por duas pessoas, deve escolher sempre a segunda, porque se estivesse realmente apaixonado pela primeira, a segunda não teria vez. E como uma premonição de que algo estava para acontecer, um calafrio percorreu-lhe a espinha. A garota dos olhos tristes voltou a sentir-se insegura, vulnerável e fraca.

Levantou-se para fechar a janela, que recebeu a culpa pelo frio que acabara de sentir, quando Kate entrou na cozinha para reunir-se com ela.

— Sente-se melhor?

— Sim, obrigada por preocupar-se. Adriana, desculpe, de verdade, pela cena. Não queria estragar a sua noite, mas...

— Mas?

— Adri, você está segura do que está fazendo?

E então, ao ver os olhos sinceros de sua amiga marejados de lágrimas, compreendeu o tremendo erro que estava cometendo. Kate só se preocupava: provavelmente o resto do mundo estava certo e Paolo não combinava com ela. Na realidade, nenhum homem lhe servia naquele momento. Fora tão estúpida ao começar um relacionamento com Ibrahim, tão infantil por enganchar-se com Paolo, que no mesmo instante

tudo deixou de importar. Talvez merecesse, sim, tudo o que acontecera no passado, talvez devesse ter ficado na Espanha e assumir que... “*Não Adriana, não dá para pensar assim*”.

Kate voltou a interromper o silêncio com a voz delicada.

— Querida, só me preocupo com você, de verdade. Tenho visto muitas colegas sofrerem por Paolo e posso te garantir que homens como ele não mudam. Você não merece algo assim, além disso, está tudo bem com Ibrahim, não?

Sim, bem, discutimos bastante, normal, suponho. Estamos nos conhecendo ainda, mas estamos bem. Por favor, não diga nada para ele.

— Claro que não! Isto fica entre Paolo, você e eu, embora...

— O que foi?

— Eu não descartaria a ideia de Paolo dar com a língua nos dentes.

— Não, não acho que queira voltar-se contra Ibrahim e sair como o vilão da história.

— Ai, Adriana, você é tão inocente... Se você rejeitar Paolo agora, ele vai querer mais e a maneira de conseguir vai ser afastando-a de Ibrahim.

— É que me parece tão surreal que todos vejam Paolo como esse tipo de pessoa... Ou ele me fez comprá-lo direitinho ou eu perdi toda a minha intuição feminina. Bem, acho que nunca a tive de verdade, a quem quero enganar? — as duas riram. Gostavam desse ambiente de confiança que estava se formando.

— Bom, não viemos para falar de mim. O que aconteceu, Kate?

— Nada, minha mãe me ligou, só isso, discutimos e exagerei muito. Não precisávamos ter saído da festa, mas eu não me sentia bem. Desculpe.

— Não tem nada que se desculpar, amigas estão aí para isso. Diga-me, o que posso fazer para que se sinta melhor?

— Não volte a ver Paolo — Kate sentenciou diante do olhar incrédulo de Adriana.

— Não posso fazer isso, é nosso colega. Temos que voar juntos.

— Você sabe ao que me refiro. Não volte a vê-lo “desse” jeito. Esqueça-o, Adriana, esqueça — suas palavras soaram duras em excesso.

— Não posso esquecer. Por que nunca passou a significar nada.

Kate sorriu e depois de um bocejo dissimulado, olhou o relógio e disse que já era hora de deitar. Deu-lhe dois beijos de boa noite à amiga e pediu-lhe que chamasse se tivesse frio durante a noite e quisesse uma coberta ou manta leve. Sentou-se na cama e voltou a sorrir. Fora uma longa noite e com um imprevisto que não esperava, mas, enfim, parecia ter controlado a mosca morta da Adriana. Algum dia, o carma cobraria dela a punhalada que, por coincidência, sabia que dava na “amiga”, mas enquanto isso, iria dedicar-se a desfrutar de seu plano. Com Adriana fora de cena, Paolo voltaria a ser seu. Só seu. Desta vez, sim.

No quarto ao lado, uma Adriana sobrecarregada pelos acontecimentos tombou na cama enquanto agradecia em silêncio pelo conforto do travesseiro. Mas nem tanto à consciência, revoltada por ter estado a ponto de cair naquilo que sempre jurou que não faria.

Sabia que Kate tinha razão. Paolo só queria desequilibrar sua vida e este não era o momento para deixar que algo perturbasse suas coisas. Estava decidido. Não voltaria a pensar nele. Só esta noite e nunca mais... Só mais uma noite...

Capítulo 18

Na manhã seguinte, Adriana enviou uma mensagem a Ibrahim assim que despertou. Por sorte, parara de beber cedo, senão sua ressaca seria bem mais que uma leve dor de cabeça e o estômago vazio. Estava faminta, completamente faminta.

Ele respondeu logo, mas não foi o que ela queria. Novamente, uma desculpa por não poderem passar o dia juntos e uns tantos emojis de piscadelas e beijos. Às vezes era difícil seguir seu ritmo. Não entendia porque em alguns dias era o homem mais grudento do mundo e em outros desaparecia completamente, “puf”, ao ponto de não ligar pra ela uma única vez e ter o telefone desligado o dia todo. Suspirou. Não era o momento de preocupar-se com homens. Nem por ele nem por... Paolo.

Olhou o relógio e viu que já era tarde. Agradeceu mentalmente, levando os olhos ao céu, quando viu que Kate estava na cozinha preparando algo rápido:

— Fica para comer?

— Não vai dar tempo, voamos hoje à tarde e tenho que passar em meu apartamento para pegar o uniforme. Você me faz um favor? Pode me emprestar uma muda de roupa? Não queria sair na rua à uma da tarde com o vestido e os saltos de ontem à noite.

Não conseguiram evitar a risada e taparam a boca imediatamente para não despertar Alexandra. Deixou-lhe algumas peças básicas e sapatilhas de amarrar, além disso, ofereceu uma pequena bolsa para transportar o vestido com o qual tinha conseguido conquistar o próprio Paolo na noite anterior. Despediram-se com dois beijinhos “até daqui a pouco” e Adriana saiu para a rua com o passo firme, embora suave. Dizem que quanto mais incomoda o sol no dia seguinte, é porque mais vamos demorar a esquecer essa noite. Se aquilo estava certo, Adriana não esqueceria daquela noite nunca. Sentiu falta de seus óculos de sol e, voltando a consultar o relógio do celular, decidiu pegar um táxi ao invés de esperar o antiquado ônibus que parava alguns metros da porta de seu apartamento. Já estava muito em cima da hora e não queria chegar tarde no trabalho.

Enquanto esperava que o táxi ao qual chamara chegasse para pegá-la, parou para comprar alguns pastizzis: um de salsicha e outro de pepperoni e queijo, seus preferidos. Escolheu os menores para que tivesse tempo de comer antes de embarcar no táxi, e foi no momento em que deu a última mordida que um surrado carro parou à sua frente.

— Triq Alamein, por favor.

E, novamente, silêncio por parte do motorista, que só aparentou estar vivo por causa do rugido do motor, que voltou a colocar o automóvel em movimento. Adriana ainda não estava acostumada com a falta de hospitalidade maltesa. Havia pessoas maravilhosas, certamente, mas a maioria dos que topavam com ela diariamente distribuía má vontade a torto e a direito.

Chegou em seu apartamento somente a tempo de tirar o vestido da bolsa, para que não amassasse demais, e vestiu rapidamente seu uniforme de trabalho. Juntou o cabelo em um rabo de cavalo médio e, com um grampo, colocou no lugar algumas mechas rebeldes que imploravam por um bom corte.

Voltou a sair correndo rumo ao aeroporto para uma nova jornada de trabalho que acreditava que seria muito longa...

Até o momento não havia reparado que, em alguns minutos, voltaria a ver Paolo depois da presepada de ontem. Sentiu-se envergonhada e impaciente ao mesmo tempo. Queria comprovar sua reação: tinha medo de que ele não fizesse nenhum comentário ou sequer olhasse em sua cara, demonstrando que também para ele fora somente um erro ou uma ação induzida pelo álcool.

Por sorte, quando chegou, a reunião do dia já havia começado. Entrou sem fazer barulho e os que estavam sentados de costas para a porta, entre eles encontrava-se Paolo, não perceberam sua presença.

“Genial! Agora sou invisível.” Mas a invisibilidade durou pouco. Quando pegaram suas malas e rumaram em direção à porta de embarque designada para Palma de Mallorca, Paolo a alcançou, colocando-se estrategicamente ao seu lado. Odiava voar à Espanha. Ao contrário de seus colegas, que se emocionavam toda vez que tocavam o solo de seu país de origem, o coração de Adriana pulsava descontroladamente quando o avião descia em terra. O restante da tripulação não entendia sua reação, não queria sequer olhar pela janela e muito menos descer do avião. Só queria realizar o embarque o mais rápido possível e decolar novamente rumo a qualquer outro lugar.

Os corredores metálicos do aeroporto de Luça testemunharam a primeira conversa entre Adriana e Paolo após aquele curto beijo. É curioso como, às vezes, a coisas que menos duram são aquelas de que mais se lembra.

— Dormiu bem? — foi Paolo que decidiu quebrar o gelo.

— Sim, obrigada. Fiquei na casa de Kate e Alex.

— Sim, vi que Kate estava um pouco abalada ontem. Adri, eu... não sei o que ela te contou, mas eu queria que você escutasse as duas versões.

— O lobo sempre será o vilão se conhecemos somente o lado da Chapeuzinho, não é?

— Não entendi se você está me chamando de lobo ou... — riu e Adriana se derreteu diante daquele sorriso. Merda.

— Fique tranquilo, ela não contou nada. Só me deu alguns conselhos de amiga, que eu deveria seguir. Paolo — parou de andar, aquilo que diria era muito importante para fazê-lo caminhando com pressa e sem olhar nos olhos —, o que aconteceu ontem foi um erro. Quero dizer, não foi um erro, mas não quero que ninguém mais além de nós três saiba o que aconteceu, está bem?

— Então, não foi um erro?

— Não.

— E voltaria a...?

— Não.

— Entendo. Fique tranquila, não tinha pensando em contar nada. Seu segredo está a salvo.

— Obrigada. E você, tudo bem?

— Sim, estava preocupado se, depois de ontem, seria desconfortável voltarmos a nos ver. Não ia gostar de perder a amizade que temos.

— Sem problemas, não vai acabar.

— Então, vamos embarcar! Não fica feliz de estar entre passageiros espanhóis?

— Feliz? Fico em pânico!

— Não entendo, de verdade.

— Há muitas coisas sobre mim que você não entenderia... Nem vai querer entender.

— Somos amigos, Adri. Sei que algo aconteceu em Madri e sei que você veio a Malta fugindo de algo. Pode me contar.

— Por favor, não insista.

E Paolo não voltou a insistir. Mas não podia evitar preocupar-se com a amiga. Parecia ser uma boa garota com um segredo tão grande que era capaz de entristecer seu olhar. Ainda assim, sabia que tinha notado uma grande melhora desde que chegara à ilha. Gostaria de pensar que era por sua causa, que o sonho que despertara nela fora suficiente para devolver um pouco de alegria à sua alma, mas mesmo ele, acostumado a iniciar uma relação depois da outra, achava um tanto pretensioso de sua parte pensar que era capaz de despertar algo assim em outra pessoa. Mas se somente supusesse que o simples bater de asas de uma borboleta pudesse ser sentido do outro lado do mundo...

Capítulo 19

Sem pressa, mas sem pausas, os passageiros começaram a embarcar enquanto a tripulação os recebia a bordo daquele voo com destino a Palma de Mallorca. Adriana encontrava-se na cozinha traseira preparando alguns dos utensílios de que necessitariam durante a viagem e Kate e Hans foram os encarregados de ajudar todos a colocar sua bagagem de mão nos compartimentos superiores e a localizar seus assentos o mais rapidamente possível. Paolo e Alexandra, por sua vez, ajudavam Robert na cabine com as últimas indicações antes da decolagem.

Era possível ver nos rostos de todos o cansaço de uma noite que ficaria na memória: Alexandra e Hans dançando até altas horas da madrugada, Kate passando a noite com a cabeça às voltas e Paolo e Adriana estando despertos nos sonhos um do outro, algo, sem dúvidas esgotante. Dizem que quando você levanta cansado pela manhã, é porque alguém sonhou com você. E a julgar pelos rostos, apesar de ambos terem ido para casa relativamente cedo, a noite fora longa e intensa.

Os passageiros terminavam de se acomodar em seus assentos e, quando Adriana estava prestes a voltar para o corredor do avião, teve que piscar várias vezes diante da miragem à sua frente.

Juraria que a mulher no 14C era a sua tia Carla. Mas não... não podia ser... era impossível... Pensando bem, para uma mulher incansável como lembrava que era aquela curiosa mulher, encontrá-la em qualquer lugar do mundo não era nenhuma surpresa...

Voltou a aparecer timidamente, devagar, enquanto seus companheiros davam a ordem de fechar as portas. Foi então que os olhos das duas se encontraram. Voltou a esconder-se agilmente, mas não havia margens para dúvidas de que aquela era sua tia Carla...

— Com licença... Oi? Com licença!

Ao ver que a mulher desafiava o cinto de segurança e avançava em direção à parte traseira tropeçando nos passageiros que ainda estavam em pé, acomodando seus pertences, Adriana sentiu as pernas falharem. A visão embaçou e notou que estava perdendo as forças. Fechou a cortina com dificuldade e gritou para Alexandra para que não se fechassem as portas.

— Tenho que descer. Tenho que descer. Não posso ficar aqui.

— Ficou louca, Adriana? Como vai deixar o avião agora? Já vamos decolar!

— Tenho que descer. Deixe-me descer! — vociferou com as poucas forças que restavam. Sem dúvidas, aquilo pôde ser ouvido da cabine de passageiros.

— Acalme-se. O que aconteceu? Você está bem? Quer um calmante?

— Quero que me deixe descer — a intensidade de sua voz diminuía agora para um fraco sussurro. — Por favor, abra a porta outra vez e me deixe sair.

— Vou chamar Robert, fique aqui, calma.

— Falei que não posso ficar aqui!

Mas Alexandra fez pouco caso das súplicas de sua amiga e dirigiu-se para a cabine do piloto a fim de informá-lo sobre o problema por que passavam. O restante da tripulação, já sabendo de tudo, olhava-a com caras de dúvida, enquanto Paolo, visivelmente preocupado, pela primeira vez em seus anos de profissão, abandonava seu posto para ver o que estava acontecendo.

No efêmero segundo em que Alexandra abriu a cortina para ir ao outro extremo do avião, Adriana pôde ver como aquela mulher, na qual reconheceu sua tia Carla, havia voltado a colocar-se em pé e vinha na direção em que se encontrava.

Voltou a gritar, fora de si, tirou forças sabe-se lá de onde e conseguiu abrir a porta. Teve sorte de que o finger ainda estava montado e pôde fugir correndo pelo corredor metálico. Fugir... outra vez... As imagens passavam por sua cabeça como se fossem flashes tortuosos. Gritos. Chaves. Chuva. Ron.

Andrea. ELE. Em poucos segundos, tinha alcançado o portão de embarque, onde a comissária de terra, já recolhendo seus pertences, olhou-a com a mesma expressão de alguém que vê um fantasma pela primeira vez.

— Você está bem? Houve algum problema com o voo?

Mas Adriana não conseguiu responder. O ataque de pânico que estava sofrendo tomou completamente sua voz. A equipe de terra veio em seu auxílio e imediatamente a levou para o posto médico mais próximo. Bastaram alguns segundos para que voltasse a despertar e pudesse ver o rosto dos operários que a levavam para o local onde se encontrava o médico.

— Aonde estão me levando? Estou bem, estou bem. Deixem-me ir.

— Calma, garota, você sofreu um ataque de pânico. Vamos levá-la para que o médico examine você, não vai acontecer nada.

— Onde ela está?

— Quem?

— A mulher do avião, a mulher que...

— Ninguém mais desceu do avião.

Suspirou.

— Não quero subir outra vez — implorando, Adriana sentia-se como uma menininha vulnerável.

— Você não pode voar neste estado. Já comunicaram ao avião para que sigam sem você. Inclusive, acredito que acaba de decolar — as palavras pronunciadas pela voz daquele homem de casaco laranja eram o maior salva-vidas que Adriana podia se prender no momento.

— Você tem certeza de que ninguém mais desceu?

— Ninguém mais. De que mulher você está falando?

— Ninguém. Não era ninguém.

Chegaram à consulta com o médico e tal como dissera o médico, Adriana havia sofrido um intenso quadro de síndrome do pânico. Depois das perguntas rotineiras a respeito de se era a primeira vez que acontecia, se realistava algum tipo de tratamento médico e solicitar um exame toxicológico para descartar que não fora produzido pelo consumo de substâncias que teriam atirado por terra sua carreira no mundo da aviação, o médico do aeroporto deixou que Adriana partisse com seus próprios pés, depois de administrar um par de calmantes potentes, recomendar-lhe repouso e ir ao centro de saúde o mais rapidamente possível para realizar uma avaliação mais completa.

Suspirou, agradecida, e tomou um táxi de volta para seu apartamento. Amanhã teria que dar muitas explicações.

Mas agora que o avião tinha decolado há mais ou menos uma hora, aquela mulher de meia idade que tinha ficado sem palavras, enfim recuperou a fala.

— Com licença, senhorita.

— Sim? — atendeu Kate amavelmente.

— A garota que desceu do avião... A aeromoça...

— Não se preocupe, senhora, já nos comunicamos com o aeroporto e nos disseram que está tudo bem. Ela já foi atendida por um médico, foi só um ataque de pânico.

— Ah! Que bom. Mas vai ver... Tenho certeza que... Você pode me dar um copo de água?

Aparentemente serena por fora, mas com os nervos em frangalhos por dentro, Carla estava vivendo o voo mais surreal de sua vida e não eram poucas as milhas que já acumulava. Tinha voltado a vê-la. E tinha ido embora, saído correndo. Poderia tê-la reconhecido entre um milhão de garotas de sua idade, por mais que tivesse mudado sua aparência, era claro que era ela. Sempre tiveram uma relação especial e voltar a vê-la era um desejo constante.

Por um lado, localizá-la, saber que estava bem, que tornara a refazer sua vida e que não fora morta em uma estrada como pensavam os demais, devolvia-lhe a paz de que necessitava. Porém, sua reação era

bastante incompreensível. Seus olhos estavam cobertos por um manto de tristeza, mas seus olhares ao se cruzarem, longe de sentir amor e saudade, viu apenas medo e pânico.

Pobre menina... quanto havia sofrido... Virou a cabeça morena, salpicada de fios grisalhos, frutos da idade e, sobretudo, dos desgostos, e recompôs-se quando a aeromoça voltou com seu copo de água. Parecia simpática e boa pessoa, embora avaliar pessoas nunca foi seu forte. Bebeu e, agradecida, devolveu o copo à garota que a olhava com olhos curiosos.

— Sente-se melhor? Precisa de algo mais?

— Não, muito obrigada, querida. Já estou bem.

— Parecia que antes a senhora queria me contar algo. Diga-me, ao que se referia quando dizia que tinha certeza?

— Como saber, querida... A propósito, qual seu nome?

— Kate, me chamo Kate.

— Prazer, Kate. Meu nome é Carla. Veja, Kate... aquela aeromoça, a garota que saiu correndo.

— Sim?

— É minha sobrinha.

Capítulo 20

Kate estava de queixo caído.

— Sua sobrinha. Tem certeza?

— Totalmente. Não é minha filha, mas a amo como se fosse. Eu não erraria nunca.

— Mas não entendo, porque ela não disse nada? Por que ela saiu correndo? Não deveria ter ficado feliz de vê-la? Desculpe, estou fazendo muitas perguntas, não deveria me meter na relação de vocês, estou sendo impertinente — Kate era esperta. Muito esperta. Sabia que essa história tinha muito mais do que dava para notar à primeira vista e não havia nada melhor que se fazer de ingênua para ganhar a confiança de alguém.

— Minha sobrinha desapareceu há algum tempo. Nunca mais soubemos dela. Porém, essa não é uma história que quero lembrar agora. Mas, sabe, Kate? — sorriu — Milagres existem. Vocês são amigas? Ela está bem aqui? Está feliz?

— Sim, somos muito amigas — mentiu. Ou, pelo menos, para ela não era sua amiga. Uma pessoa como Kate não tinha como saber o que era amizade. — E sim, Adriana é muito feliz.

— Adriana? Puxa... Não era isso o que eu esperava — e sorriu, sorriu como se acabasse de receber o melhor presente do mundo.

— Desculpe, senhora, mas agora, sim, estou perdida. Não estou entendendo nada. E, além disso, você disse que sua sobrinha desapareceu? Tem certeza de que é ela? Nunca nos disse nada.

— Certeza absoluta. Agora, se não se importa, eu gostaria de descansar um pouco. Obrigada pela água e pela conversa, Kate. Você é um anjo. Cuide-se, querida, cuide-se. E cuide de... Adriana para mim.

E com a expressão de uma pessoa que, enfim, tinha alcançado a paz que tanto merecia, Carla se acomodou em seu assento e sorriu. Não podia deixar de sorrir.

Capítulo 21

Ainda com a alma no limite sem saber se sua tia Carla tinha reconhecido-a, Adriana decidiu, de último momento, pedir ao taxista que a deixasse no centro de La Valeta. Isolar-se em seu apartamento não lhe faria nenhum bem e precisava encontrar alguém com quem falar... mesmo que não dissesse tudo aquilo que queria confessar.

Lembrou-se que nessa mesma manhã, Ibrahim a tinha convidado (finalmente!) para tomar café em sua casa e da gargalhada que deixara escapar ao acusá-lo de Alzheimer prematuro. Poucos minutos antes tinha contado que teria que voar à Espanha, mas Ibrahim era assim distraído.

Desceu pela rua inclinada que conduzia até o bloco de apartamentos de cor ocre, deixando para trás a pintura do mar Mediterrâneo irrompendo contra o forte de San Telmo, atual sede da Academia de Polícia de Malta e que, uma ou outra vez, servira de cenário para filmes como O Expresso da Meia-noite.

Não lembrava qual era o apartamento em que Ibrahim vivia, para dizer a verdade, juraria que ele nunca tinha dito qual era. Assim, depois de ligar e comprovar (mais uma vez) que seu celular estava desligado, decidiu sentar-se nos degraus e esperar que algum vizinho saísse e pudesse perguntar. Seria uma grande surpresa.

Entreteve-se olhando na galeria do celular as fotos da festa na noite anterior e novamente uma pontada de culpa revolveu seu estômago. Com a aventura que vivera no avião, tinha esquecido completamente do que acontecera e, mesmo que não se sentisse bem, decidiu não contar nada a Ibrahim. Havia sido uma bobagem que não voltaria a acontecer e não merecia o risco de colocar tudo a perder por aquilo.

Passaram somente alguns minutos quando a porta se abriu e viu sair uma mulher sete ou oito anos mais velha que ela, pequena, baixa e magra, mas com uma expressão bastante simpática, apesar da franjinha reta que chegava a tapar-lhe parte dos olhos. Seu cabelo, preto feito carvão, combinava com a perfeição de seus olhos escuros. Não era bonita, mas tinha uma beleza étnica especial.

Adriana levantou-se e sacudiu a roupa antes de aproximar-se dela, que olhava pelo portal como se esperasse alguém.

— Vamos logo, pare de enrolar e saia já! — um doce sorriso enfeitava seu rosto.

— Oi. — Adriana decidiu aproximar-se daquela desconhecida com seu melhor sorriso. — Com licença, estou procurando alguém que mora aqui, mas não sei exatamente em qual apartamento, pensei que talvez você pudesse aju... Uau, Ibrahim! Que coincidência! Justamente quando eu estava perguntando por você a sua vizinha.

Ibrahim era o homem pelo qual a moça morena de cabelos longos e olhar intenso esperava no portal. Mas parecia que ele não estava tão contente de ver Adriana. Alina voltou a falar.

— Vizinha? Quisera ele que isso fosse verdade e conseguisse se livrar de mim, mas acho que é um pouco tarde pra isso — estendeu a mão entre risadas e aproximou-se de Adriana para dar-lhe dois beijos. — Encantada, sou Alina, sua esposa. Você é...

Alina. Sua esposa. Pela terceira vez em menos de 24 horas, o mundo de Adriana veio abaixo. Agora entendia tudo. Os dias inteiros com o celular desligado. As semanas em que não o via. A eterna negativa de levá-la à sua casa. A desconfiança. A forma como a escondia e nunca queria fazer algo tão simples como ir juntos ao cinema de mãos dadas. O interesse de querer estar junto sempre que ela não podia... O caótico quebra-cabeças em que consistia a relação entre Ibrahim e Adriana finalmente recebia a última peça: ele era casado. Ela era “a outra”.

Podia ter feito uma cena, podia ter se vingado e confessar tudo ali mesmo. Poderia ter gritado com aquela moça, que agora parecia muito menos simpática, dado o tipo de homem que tinha ao seu lado.

Mas, ao invés disso, decidiu manter a compostura que sempre teve. Decidiu, por mais uma maldita vez, ser mais forte que tudo isso. Engoliu as lágrimas e a raiva, e com um meio sorriso como disfarce, aceitou os beijos daquela pobre desgraçada que não era mais que outra vítima de uma história a três na qual nenhuma delas quis participar.

— Sou Adriana, uma amiga.

— Ah, sim! Adriana! A espanhola, amiga de meu cunhado Khalid, não é? Ouvi falar muito de você.

— Sim! Parece que essa sou eu, a espanhola! — *“Putá merda. E ainda por cima teve a pouca vergonha de falar de mim.”* Não era tão boa atriz assim para conseguir dissimular a risada nervosa que subia por sua garganta.

— Fico feliz de finalmente te conhecer, — aquela mulher parecia sincera. — Íamos tomar um café, quer vir junto?

— Acho que ela não pode, — Ibrahim interrompeu a conversa entre elas, nervoso, esperando o momento em que Adriana contaria tudo. — Comentou comigo outro dia que teria de ir ao...

— Não, na realidade meus planos foram cancelados e tenho um tempo livre. Posso acompanhá-los.

Dizem que a melhor bofetada não é dada com a mão. E Adriana comprovou isso de longe naquela tarde. Manteve a compostura a todo o momento, apunhalando Ibrahim com o olhar toda vez que Alina se distraía e conversava tranquilamente com ela. Teria sido mais fácil se fosse uma megera, mas aquela moça trazia em si algo especial. Podia notar que era uma boa pessoa. Não tinha culpa de nada e não merecia que ninguém viesse interromper sua calma e colocar sua vida de pernas para o ar simplesmente porque, por um capricho do destino, Adriana tinha decidido descer do avião naquela tarde e acabado em uma rua inclinada de La Valeta. Não arcaria com a responsabilidade de destroçar o coração daquela moça.

Além disso, ser “a outra” não era agradável, ainda mais para ela que sequer sabia que ocupava aquela posição. Não, definitivamente não queria se ver envolvida nessa história.

O café mal durou 20 minutos e depois deste tempo prudencial, em que Ibrahim suava frio e sofria bastante, Adriana se retirou com a desculpa de estar cansada e querer deitar-se um pouco. Alina propôs ao marido que fossem embora também, embora não antes de pedir uns instantes para despedir-se do garçom, um velho amigo da família.

Quando ficaram sozinhos, foi Ibrahim quem falou primeiro:

— Sinto muitíssimo, Adriana. Desculpe. De verdade — soava sincero, embora a garota dos olhos tristes não estava disposta a perdoar a dupla vida na qual fora obrigada a participar. — Eu te amo, juro que te amo. Mas não sei ser de outra maneira.

— Não quero ouvir, Ibrahim. Nunca mais.

— Não fique com essa sensação, nossa história não foi isso, — mas Adriana não respondeu. — Obrigado por não dizer nada, você não imagina o quanto significa para mim.

— Não se engane, não fiz isso por você. Fiz por ela e por mim. Nenhuma de nós merece nenhum segundo a mais de sofrimento. Despeça-me dela por mim — e enquanto lhe dava dois beijos, contou triunfante. — E não se preocupe comigo, também passei muito bem a noite.

E foi-se embora. Sem fazer barulho. Provavelmente jamais seria lembrada por aquele homem que lhe havia ferido tanto. Nunca saberia. Foi-se embora como se vão as melhores coisas da vida. De repente e sem avisar.

Sabia que se contasse a qualquer pessoa a tranquilidade com que se sentara e tomara um café com os dois, com a única intenção de dar uma lição no rapaz, acusariam-na de ter o sangue frio. De, na verdade, não se importar com ele. Nada mais distante da realidade: embora tivesse dúvidas, naquele momento compreendeu o quanto Ibrahim significava em sua vida. Aquilo deixou sua alma em carne viva, doeu por muitos dias, muitas noites, deixando cicatrizes para o resto da vida. Todos levamos nossa bagagem e, a

partir daquele momento, aquela seria só mais uma para Adriana. Porém, necessitava encerrar a história daquela maneira. A sua maneira. Mesmo que ninguém entendesse.

Capítulo 22

Adriana passeou por La Valeta até que a noite se adornou das ruas. A lua cheia regava cada esquina enquanto a cidade ficava solitária. A movimentada rua Republic estava deserta àquela hora e dela partiam os becos labirínticos que formavam a capital da ilha. Com os olhos mais tristes do que nunca, Adriana adentrava por eles sem se importar onde iam dar. Na realidade, estava consciente de que estava se perdendo pela cidade, por onde só andara umas poucas vezes antes, mas, afinal de contas... já não estava perdida o suficiente na vida para que aquilo importasse?

Caminhou até chegar a um dos muros da cidade fortificada e sentou-se nele para observar a quietude com que um lugar como Malta anoitece. Inspirou o aroma do sal mediterrâneo e desatou a chorar. Seu passado e seu presente conjugavam-se diante de seus olhos, e lamentava-se por ter que guardar em sua vida uma desgraça depois da outra. Por que a felicidade, algo que parecia tão mundano e fácil para outras pessoas, para ela era algo constantemente negado?

Lembrou-se de toda sua história com Ibrahim e, curiosamente, não sentiu nada. Seu coração estremeceu de pena, muita pena pela frieza que uma pessoa precisa ter em sua alma para conseguir enganar sabe-se lá quantas mulheres. Porque, com certeza, ela não fora a única. Não se tratava de uma mentira piedosa, nem de uma noite como a sua com Paolo, que era melhor aprender logo a lição e não voltar a cometer o mesmo erro. Ibrahim levava uma vida dupla e tinha transformado todos os envolvidos no jogo em vítimas de sua farsa. Inclusive ele.

Com os olhos elevados ao céu, rezou e pediu desculpas em silêncio. Desejava que o carma nunca cobrasse a conta por ter sido “a outra” por tanto tempo. Não merecida um castigo por algo que nem sequer soubera que estava fazendo.

Concentrou-se em odiar Ibrahim e pedir que seu destino, sim, jogasse as cartas e o colocasse contra a parede em algum momento de sua vida, que ele também sentisse aquele fogo que agora a consumia, que descabelasse por dentro e não encontrasse paz nem no último suspiro de sua vida. Concentrou-se em desejar-lhe tantas coisas que percebeu que não poderia fazê-lo, mesmo depois do que ele fizera, apesar de toda a dor que sentia, não era capaz de desejar de verdade nada de mal a ele. Porque não é possível odiar de verdade a quem se amou. *“Que você seja feliz, Ibrahim, mas que você sinta a minha falta algum dia, só desejo isso.”*

A madrugada chegou com muita rapidez e Adriana decidiu que já era momento de voltar para casa. Quis ligar para a companhia de táxis, mas a má sorte fez com que ficasse sem bateria em algum momento da noite. Duvidava que os ônibus continuassem circulando àquela hora, de modo que decidiu lançar-se à aventura de tomar um táxi “pirata”. Em Malta os táxis piratas convivem com os oficiais apesar de sua clandestinidade. Costumam diferenciar-se pela cor e, às vezes, pelo tamanho dos veículos (a maioria são minivans) que se permitem baixar o preço da viagem ao custo de levar amontoados a maior quantidade possível de passageiros. Embora fosse a opção mais econômica, davam muito medo.

Teve sorte de encontrar uma destas minivans após caminhar somente 100 metros. O motorista, a princípio, negou-se a levá-la, não valia a pena ir até Pembroke para levar somente um passageiro, mas naquela noite, Adriana tinha um aspecto tão miserável que até mesmo o duro coração maltês do homem se amoleceu diante dessa garota estrangeira que bem poderia ter sido sua filha. Vai saber porque tinha chegado até ali. Talvez em busca de uma oportunidade profissional ou talvez fosse uma daquelas garotas que vinham para estudar inglês, ficavam depois de encontrar um amor e, meses depois, não tinham aprendido inglês nem tinham o amor. Quantas vezes tinha escutado essa mesma história em seu táxi...

Embora a curiosidade lhe pedisse que perguntasse sua história, preferiu ficar em silêncio por toda a viagem. Ao chegar no número 405 da Alamein Road, Adriana pagou corretamente até o último centavo

que o homem pediu e deixou-lhe alguns euros a mais de gorjeta.

Arrastou os pés até o interior de seu apartamento e deitou-se ainda vestida, não tinha forças nem mesmo para vestir o pijama. Colocou o celular para carregar e ao ligá-lo, encontrou uma quantidade esmagadora de mensagens. A maioria delas eram chamadas de poucos minutos atrás, três de Alexandra, uma de Kate e... cinco de Paolo. Verificou o relógio e calculou que faria apenas meia hora que o último voo do cronograma teria aterrissado outra vez em Malta. Seus colegas já tinha voltado e, como era de se esperar, estavam preocupados com ela.

Decidiu voltar a desligar o aparelho. Como poderia explicar tudo o que acontecera naquele dia? Em apenas 24 horas tinha beijado Paolo, tinha dado de cara com seu passado ao encontrar sua tia Carla e tivera seu coração partido em mil pedaços ao descobrir que era a amante de um homem que já pertencia a outra mulher.

Mas os dedos de Paolo foram mais rápidos. Quando chegou o aviso de que a linha de celular de sua amiga estava disponível, não pensou muito e apertou o botão de rediscar. Adriana xingou em silêncio por não ter desligado o celular mais rápido e viu o nome de Paolo na tela. Nem mesmo ele seria capaz de animá-la agora.

Decidiu responder somente na terceira tentativa.

— Porra, Adriana! Por que não atendeu antes?

— Estou bem, não se preocupe.

— Claro que me preocupo. O que aconteceu? O que o médico disse?

— Estou bem — voltou a repetir não muito convencida.

— Não me trate feito um idiota, você não está bem. E tenho certeza que esse ataque de pânico que de teu era mais do que isso. Vai me contar ou terei que ir à sua casa a esta hora?

— Já disse que estou bem, Paolo. Só não estou com vontade de falar.

— Onde esteve esta tarde?

E, novamente, Adriana desatou a chorar. Evidentemente, esta resposta preocupou ainda mais o italiano que, sem vacilar, respondeu:

— Espere-me acordada. Em quinze minutos chego aí.

E pontual como um relógio suíço, em somente um quarto de hora soou a campainha da porta de Adriana. A última coisa que a garota dos olhos tristes queria era ver Paolo, ou melhor, que Paolo a visse naquele estado, mas deixar-lhe chamando na porta feito um cachorro não parecia muito certo. Ele não tinha culpa de nada.

— Entre — pediu ela enquanto fechava o roupão e tentava arrumar o cabelo de algum modo que não a fizesse parecer uma louca.

— Estou muito preocupado contigo — deu-lhe um abraço daqueles que colocam a alma no lugar. Mas não foi suficiente, pelo menos não durante mais de dois segundos.

— Quero que me conte o que está acontecendo.

— Estou bem, o médico me disse que foi apenas um ataque de pânico, me deu uns calmantes e não voltou a acontecer por toda a tarde. É algo que pode acontecer com qualquer um.

— Sua cara não diz isso. Adriana, por que reagiu assim ao ver aquela mulher? Alexandra me contou, ela também ficou muito preocupada.

— Amanhã eu ligo para ela.

— Já mandei uma mensagem para ela dizendo que vinha ver você e dizendo para ficar tranquila. Confie em mim, por favor.

— Não posso, Paolo, pode ter certeza que eu não posso. Nem quero. Há coisas em minha vida que nunca contarei, se, por causa disso, você acha que sou uma amiga ruim, segue em frente, mas não posso abrir minha alma desse jeito. Tenho segredos, como todo mundo, mas os meus são desses que não podem

ser contados. E... não estou tentando me fazer de vítima ou exagerar. Não quero sua compaixão ou a de qualquer outro. Assim, por favor, não insista. Fique com a Adriana que você conhece e ponto final.

— Você tem razão, se não quiser, não vou insistir, mas se quiser me contar algo, saiba que pode contar comigo, está bem? — fez uma pausa ao ver que a expressão perdida de Adriana continuava inalterada e acrescentou: — Conseguiu falar com Ibrahim? Contou a ele o que aconteceu?

E, de repente, despertando da letargia, Adriana ergueu o olhar, endureceu ainda mais sua expressão e disse:

— Eu o vi, sim. Mas não sabe de nada nem vai saber. Não quero que volte a saber nada sobre mim, nunca mais.

— O que aconteceu? Vocês brigaram?

— Nós terminamos.

Aquilo pegou Paolo de surpresa. Não esperava essa resposta e pôde ver nos olhos de Adriana que não era uma mera discussão de namorados. Desta vez não precisou insistir muito para que contasse toda a história. Ao terminar de ouvi-la, a raiva tomou conta dele.

— Como você deixou ele escapar dessa? — sua fúria crescia cada vez mais, atônito ante a reação de Adriana à coisa toda.

— acredite, ele não escapou. acredito em carma, um dia ele vai pagar por tudo e minha atitude hoje o fará perceber o que foi que perdeu. A melhor bofetada não é dada com a mão, Paolo.

— Uma ova! Que ele não cruze o meu caminho, Adriana... porque eu te juro, digo tudo o que você não disse.

— Deixe isso para lá, Paolo, por favor. Não quero cenas, muito menos espetáculos. Só quero seguir com a minha vida. E essa é a minha forma de fazer isso. Não gosto de encerrar histórias fazendo shows, não me sinto bem comigo mesma. Prefiro pecar de ingênua e deixar que a vida se encarregue das punições, eu não sou ninguém para isso.

— Como pode dizer que não é ninguém? Não entendo seu sangue frio. Parece que não se importa — e viu, no mesmo instante, nos olhos da garota, que ela se importava mais do que dava a ver. Importava-se tanto que se despedira dele com um par de beijos no rosto e desejando-lhe uma vida feliz. — Perdão, acho que não reagimos da mesma forma a estas coisas. Mas não consigo evitar ficar com raiva. Filho da puta.

— Isso... ou um inconsequente que não sabe realmente o que faz. Te garanto que não acredito que eu seja a primeira.

— E ainda assim você o defende. Maldito amor.

— Nisso estamos de acordo... Maldito amor...

Não foram necessárias mais palavras, embora ambos ficaram com a dúvida de se aquelas palavras referiam-se à história de Ibrahim ou deles mesmos.

Olharam-se e aquele olhar sincero foi suficiente para que Adriana sorrisse pela primeira vez naquele dia. Sentia-se protegida com ele, a salvo, embora soubesse que um milhão de cicatrizes esperavam se recompor. No entanto, nenhum dos dois sentiu desejo de voltar a beijarem-se como na noite anterior. O amor entre eles era tão puro, tão sincero, que a pele não fazia falta. Talvez o que ocorreu na festa fora uma simples confusão de sentimentos ou uma resposta fisiológica a uma situação que estava em cozimento desde a primeira vez que se viram, mas naquele momento, não precisavam de nada mais que essa agradável sensação de ter encontrado uma pessoa com quem falar sobre qualquer coisa sem sentir-se constrangido.

Se, com o tempo, a relação terminasse em algo fraternal ou se avançasse para outros caminhos, era algo que somente o destino poderia saber, porém, de qualquer modos, os dois saíam ganhando. Sobretudo Adriana, tão sozinha no mundo, tão indiferente à vista de estranhos, com quem não tinha nada em comum. Paolo era a melhor coisa que lhe acontecera em muito tempo.

Com uma telepatia típica de almas gêmeas, Paolo adivinhou que tudo o que Adriana precisava agora era um abraço. E a abraçou com vontade, sentindo-se o homem mais sortudo e completo do mundo. Desejou com todas as suas forças guardar esse instante em sua memória para sempre.

Depois de várias horas falando sobre a vida, sentimentos e esperanças, a madrugada começou a transformar-se em amanhecer, que já despontava desafiante no horizonte. O homem decidiu que já era hora de voltar para casa.

Adriana desceu com ele as escadas e acompanhou-o até a porta, agradecendo-lhe por ter passado a noite em claro com ela e deixando-lhe um último pedido:

— Paolo, apesar de tudo, o que aconteceu na festa... — não encontrava as palavras adequadas. — Não quero que pense que, por não estar mais com Ibrahim, as coisas serão diferentes. Acho que é melhor continuarmos com tudo do jeito que está agora.

— Entendo. Tudo bem, também acho que é melhor assim.

Embora doesse em ambos reconhecer isso, no fundo, não estavam falando nenhuma mentira. Tinham muito carinho um pelo outro para estragar tudo com qualquer assunto do coração. Um dia iriam se alegrar por isso. Embora não agora. Paolo despediu-se com um beijo na testa de Adriana, que ficou na porta, pensativa, vendo afastar-se aquele que provavelmente era o melhor homem da face da terra.

Capítulo 23

Na manhã seguinte, o telefone de Adriana não parava de tocar. Seus colegas do aeroporto queria saber como estava depois da cena que havia feito na tarde anterior e, embora não dissessem com as palavras exatas, ela começou a sentir vergonha. Sabia que no aeroporto, uma mini-cidade para seus trabalhadores, não falaria de outra coisa durante dias ou mesmo semanas.

Luqa era um aeroporto bastante pequeno e não aconteciam coisas interessantes com muita frequência. Algum passageiro com um ataque de pânico enquanto a fila cresce no portão de embarque, algum passageiro mal-educado que não pode voar por não ter sua documentação em ordem e causa maus momentos ao pessoal dos guichês de cobrança, ou, de vez em quando, um romance entre funcionários. E se pertencem a diferentes companhias ou departamentos, mais pano pra manga. Adriana agradeceu que seu deslize com Paolo tivesse ficado entre eles dois e Kate. Ser a protagonista de dois escândalos no mesmo fim de semana não teria feito nada bem pra sua já questionável reputação.

Respondeu educadamente às ligações e mensagens que pôde e continuou com seu objetivo de permanecer na cama o dia todo. Hoje não precisaria voar, um atestado médico lhe garantiria alguns dias de folga. Precisava deles. Voltou a cobrir-se até a cabeça com o lençol e esqueceu-se do mundo outra vez.

Ao receber uma mensagem de Adriana dizendo que estava bem, Kate se alegrou pela colega. Não era uma pessoa tão ruim para desejar que algo de mal lhe acontecesse, no entanto, não podia deixar de pensar na conversa que tivera com aquela passageira do voo a Palma de Mallorca da tarde anterior.

Provavelmente era uma senhora de meia idade com princípio de demência senil, porém, ainda assim, não conseguia deixar o assunto de lado. Uma sobrinha desaparecida? Certamente, Adriana era bastante taciturna e nunca queria falar sobre como era sua vida na Espanha, jamais contava nenhuma história de seus pais, nem fazia qualquer comentário sobre seus amigos. Era como se todo o seu passado tivesse se esvaído ao colocar o primeiro pé em Malta e só tivesse lembranças a partir desse momento.

Sabia que não iria querer sair de casa nem aceitaria um convite para comer na sua, de modo que decidiu escapulir, agora que Alexandra havia ido ao supermercado comprar algumas coisas que estavam faltando. Kate aproveitou a ocasião para ir à Pembroke visitar Adriana. Se chegasse de surpresa não poderia se negar a recebê-la.

Como previra, sua amiga demorou bastante para abrir. Atrás da porta apareceu uma Adriana abatida, com o cabelo numa bagunça por estar dormindo, mas com olheiras como se estivesse passado a noite sem pregar os olhos.

— Adri, querida! Você não tinha falado que estava bem?

— Sim, estou, fique tranquila — respondeu uma Adriana um tanto aturdida. — Você me pegou dormindo.

— Esses calmantes devem ser bem fortes.

— Bem, não dormi bem essa noite, então acho que bateu tudo junto.

— Estou incomodando? Prefere que eu venha em outro momento?

— A verdade é que não ando com muita vontade de conversar, mas já que você está aqui... entre.

Kate subiu atrás de Adriana, que entrou na cozinha para preparar um pouco de café. A irlandesa pediu que ela sentasse e tomou a rédeas da cafeteira.

— Você precisa de cuidado — disse com seu melhor sorriso, amaciando o terreno que viria depois.

— Adriana, preciso falar contigo. Estou muito preocupada com algo que aconteceu ontem no avião.

— Eu sei, minha ansiedade. Desculpe, nunca tinha acontecido isso comigo. Não entendo o que aconteceu. Mas estou bem, de verdade. O médico me disse que está tudo bem e provavelmente deve ser

só estresse.

— Não é estresse e você sabe. Não me engane, sou sua amiga. Confie em mim, por favor, seja o que for, você pode confiar em mim.

— Muito obrigada — e agradecia de verdade o gesto da colega, mas começava a se incomodar com tanta atenção —, mas é só isso. Bom, também tive um problema com Ibrahim, mas isso é outro assunto.

— Tem dias em que tudo vai mal, não é? — fez uma pausa e retomou o tema. Não eram seus amores que a interessavam agora. — Não me refiro ao ataque, graças a Deus que não passou de um susto. Queria falar contigo sobre essa mulher que te chamou antes que você descesse.

— Não sei de quem você está falando. Alguém me chamou? Nem me dei conta, estava muito confusa.

Adriana suspirou, cansada daquele jogo. Mas seu suspiro ficou pela metade quando escutou as próximas palavras de Kate:

— Estive falando com ela e me contou que conhecia da Espanha.

— Como? — abriu os olhos, agora injetados de medo. Kate sorriu por dentro. Era a reação que precisava para confirmar que aquela senhora não era uma velha louca.

— Nada, só me disse isso. Foi um comentário de passagem enquanto eu revisava seu cinto de segurança, mas achei que seria bom contar a você. Achei que faria bem poder falar com ela, faz muito tempo que você não vê ninguém da Espanha.

Informação é poder e Kate preferiu guardar suas cartas na manga até chegar ao fundo da questão. Sempre se dera bem com esse tipo de coisa. Na escola chamavam-na de “Detetive”, pois sempre era capaz de averiguar qualquer detalhe que os demais queria saber sobre os colegas, por mais obscuro e sujo que fosse. Mudou de assunto rapidamente:

— O que aconteceu com Ibrahim?

— Posso confiar em ti?

— Claro!

Resumiu brevemente o encontro fortuito com a esposa de Ibrahim, sem mencionar seu estado civil nem o sangue frio que tivera para aguentar um café com os dois. Mas deixou claro que não estava disposta ser o segundo prato de ninguém e que sua história estava mais que terminada.

Kate vestiu o disfarce de amiga exemplar e procurou consolá-la o melhor que pôde. Primeiro, compadeceu-se dela, em seguida perguntou quem teria que matar e propôs humilhar Ibrahim. Assim como fez com Paolo, Adriana pediu que deixasse isso pra lá. Não tinha vontade nem forças para revolver a história e queria esquecer-se dele o quanto antes.

Deram boa conta do café e quando terminaram, Kate se ofereceu para lavar os copos antes de voltar para casa. Alexandra já teria chegado e precisariam comer algo antes de irem ao aeroporto,

— Cuide-se! Quando nos vemos?

— Depois de amanhã eu já volto ao trabalho. Preciso desses dois dias que o médico me deu para me recompor um pouco.

— Claro que sim, não se preocupe por nada. Nós damos conta.

— Espere, eu te acompanho até a recepção. Preciso falar com alguém.

Talvez Adriana não tivesse pedido explicações a Ibrahim, mas não tinha como evitar colocar Khalid a par da situação. Não o culpava, era seu irmão e os irmãos sempre acobertavam um ao outro, mesmo que isso implique passar por cima de outra pessoa. Mas precisava esclarecer algo e só ele poderia ajudá-la.

Khalid encontrava-se de costas para o mostrador da recepção quando Adriana chegou. Estava muito concentrado organizando uns papéis e colocando no quadro as escalas de serviço das atividades para a próxima semana, entre elas uma *Boat Party* em Sliema. Através das portas de vidro que davam acesso à piscina, pôde ver o grupo de garotos com quem tinha compartilhado a excursão na qual conheceu Ibrahim. Natália também a viu e a cumprimentou efusivamente de dentro da piscina, logo antes de Jaime e Marcos a empurrarem água adentro.

Quando Khalid virou e viu a garota espanhola do 405, não conseguiu evitar baixar a orelhas e o olhar. Ele não era assim, ele não tinha nada a ver com o irmão. Mas não podia evita sentir-se culpado por ter contribuído com a mentira e ter-lhe causado mal.

Seu primeiro impulso foi pedir-lhe desculpas. Ibrahim já tinha lhe contado o que acontecera na tarde anterior e temia que esse momento chegaria, embora não esperasse que fosse tão cedo. Surpreendeu-se e sentiu-se ainda pior ao ver a atitude de Adriana: essa aparente tranquilidade só podia significar que, por dentro, ela havia ruído como um castelo de cartas.

— Khalid, preciso que desta vez você seja sincero comigo.

— Tentarei.

— Além de mim, Ibrahim tinha mais alguém?

— Não me envolva nisso...

— Por favor, preciso saber se ele estava brincando só comigo.

— Não, você não era a única. Há uma siciliana que ele vê algumas vezes no ano, além das garotas de Malta com quem ele sai à noite. Adriana, me desculpe, de verdade. Eu sinto muito ter que ser eu a dizer isto.

— Pode parecer estranho, mas me sinto melhor assim. Não queria ser a única culpada por ter me metido nesse casamento.

— A culpa nunca é do terceiro, Adriana. Ninguém entra sem ser convidado. Além disso, você não sabia. Falei com ele hoje... Me contou o que aconteceu e está muito arrependido. Disse que você foi a primeira que conseguiu mexer com ele de verdade e percebeu que vai demorar para conseguir te esquecer. É meu irmão, mas... se ele te ligar, se tentar convencer você de que vai mudar, não caia nisso. Não cometa o mesmo erro mais uma vez. Como eu disse, é meu irmão, por isso sei melhor do que ninguém que você não merece esse sofrimento. Afaste-se agora enquanto é tempo... espero.

— Eu estou, eu estou... Obrigada Khalid.

De volta à casa, tornou a submergir embaixo dos lençóis. Continuava sem ter vontade de nada, mas pelo menos não teria que arcar com o duro peso da culpa.

Por sua parte, Kate não sabia o que era isso de sentir culpa por ser uma má pessoa. No caminho à casa, foi pensando como poderia tirar proveito, por onde começar. Era certo que não sabia de nada sobre a vida anterior de Adriana. Somente sabia que vivera em Madri e o nome da escola de aviação onde havia estudado. Fim. Talvez por ali pudesse tentar averiguar algo.

Localizar o telefone da escola não foi nada difícil. Agora precisava inventar um pretexto crível. Felizmente, criatividade sempre fora o seu forte. Apresentou-se como Kate, responsável pelo Departamento de Recursos Humanos da companhia aérea. Estavam fechando as fichas das últimas incorporações à equipe de tripulantes de cabine da companhia e não encontravam a carta de recomendação de Adriana. A secretária que atendeu, muito gentilmente, pediu-lhe um e-mail para enviá-la o mais brevemente possível. Agora que havia funcionado, era o momento de tentar tirar mais informações.

— Poderia, por favor, enviar também a documentação comprovativa de ter superado o curso com sucesso? Devo tê-la aqui, mas vai me economizar muitas horas de procura nesta bagunça, então, eu agradeceria de coração — sacou suas melhores armas e a garota ao telefone pareceu cair em sua graça, pois aceitou-as sem nenhum problema.

Naqueles documentos encontraria alguma pista de onde conseguir mais informações. Felizmente, a amável recepcionista demorou apenas algumas horas para enviar-lhe um punhado de documentos que poderiam ser de muita ajuda. Seu disfarce funcionou muito bem ao utilizar seu e-mail profissional do servidor da companhia aérea, de modo que não suspeitou que a ligação não procedia realmente do Departamento de Recursos Humanos.

À primeira vista, não parecia que conseguiria qualquer coisa útil: nome completo, identidade, data de nascimento, um endereço de contato em Madri e uma fotografia de identificação, junto com suas notas. Exemplares, certamente.

Fez uma pesquisa rápida no Google com os dados obtidos, mas não encontrou nada. Está limpa, o que era o mais estranho de tudo. É muito suspeito quando não há nenhum resultado de busca sobre você em plena era digital.

Continuou comprovando com pesquisas mais genéricas. Pessoas desaparecidas na Espanha nos últimos anos. Viu dezenas de fotografias, mas nenhuma era de Adriana. Tentou buscar na memória se, em algum momento, ela havia deixado alguma migalha de pão, algo sobre seu passado que pudesse servir agora. Nada. Tanto receio com sua própria intimidade era outro fator inequívoco de culpa.

Lembrou-se então de Paul, um velho amigo da polícia que lhe devia alguns favores e decidiu telefonar-lhe. Depois de trocarem algumas palavras amenas, foi direto ao assunto:

— Preciso de informações sobre uma pessoa. Se eu te der sua identidade, você me diz se encontra algo suspeito sobre ela?

— Você vai me meter em confusão?

— Posso te convidar para um café como agradecimento e depois vemos se te meto em confusão ou não — a clássica estratégia do flerte nunca falhava.

— Você sempre me convence. Ligo em seguida.

Dez minutos depois, Paul já retornava a chamada.

— Nada estranho. Não tem antecedentes nem qualquer outro episódio digno de interesse. Parece uma pessoa normal.

— Nada? Nunca pisou numa delegacia?

— Nunca. Bem, sim, para renovar a identidade, como todo mundo — só ele rei da piada ruim. Kate começava a ficar nervosa. — E talvez outra vez para denunciar que a tinha perdido, embora certamente não o fez em sua delegacia habitual, parece que foi numa viagem, porque o boletim de ocorrência foi realizado em um lugar chamado Motril. Mas além disso, nada. Sinto não poder ajudá-la.

— Perdeu a identidade? Pode me dizer em que data? — o nome Motril soava vagamente familiar, talvez Adriana o tivesse mencionado sem querer em alguma ocasião.

— Foi em 10 de outubro de 2006.

— Obrigada, Paul. Te devo um café.

— Eu te lembro.

Voltou ao computador e pesquisou notícias de Motril de 2006. Nervosa, sentia que estava cada vez mais perto e não queria ir trabalhar deixando sua investigação pela metade, o motor de busca não demorou em retornar milhares de resultados.

Não precisou se esforçar muito: abriu o primeiro resultado e ali estava ela. Com outra cor de cabelo e outra expressão no rosto, mas não havia dúvidas, a garota da foto era Adriana. E o título que acompanhava a notícia era de dar calafrios.

Capítulo 24

Não acreditava no que seus olhos viam, aquilo era muito mais que poderia sequer imaginar. Com as mãos trêmulas e a boca seca, levantou-se para fechar a porta e evitar que Alexandra pudesse ver. Precisou de alguns segundos para assimilar a notícia a que a foto de Adriana acompanhava:

“ASSASSINA DE ALEJANDRO MARTÍNEZ DESAPARECIDA.

Fontes policiais pediram à população modrilenha máxima atenção e colaboração ante fuga da mulher de Alejandro Martínez, assassina confessa do empresário. Alejandro, que era proprietário de dois restaurantes da comarca, foi assassinado na semana passada por Andrea Delgado, com quem foi casado há vários anos e, inclusive, planejava ter filhos, segundo declararam a este jornal os familiares da vítima.

Foi a própria mulher quem chamou a polícia na noite do ocorrido, apresentando-se a quatro agentes na cena do crime. Apesar de não opor resistência no momento de sua detenção, em uma das visitas de seu advogado à penitenciária de Albolote, onde estava presa de maneira preventiva à espera de julgamento, Andrea Delgado conseguiu fugir.

Dirigiu-se à Motril, na casa de seus pais, para reunir alguns pertences e, em seguida, foi vista nas festas padroeiras de Salobreña. Testemunhas afirmam que vestia roupas normais e encontrava-se bem asseada, mas movia-se nervosa entre a multidão, como se procurasse algo ou alguém.

O rastro foi perdido às 5 da tarde após verem-na discutindo intensamente com um homem de meia-idade que prestou depoimento e atualmente encontra-se em liberdade.

A polícia investiga agora se a última pessoa que esteve com ela pode ter algo a ver com seu desaparecimento por motivo de vingança ou se Andrea Delgado desapareceu por vontade própria.

Em qualquer circunstância, recomenda-se à população extrema precaução ante a possibilidade de ter um assassino a solta pela cidade e que entre em contato com a polícia imediatamente caso acreditem vê-la ou tenham alguma indicação que possa ajudar a revelar sua localização.”

Kate estava de queixo caído. Leu a notícia duas vezes sem acreditar que a tal Andrea Delgado, aquela mulher que assassinara o próprio marido era, na realidade, sua colega Adriana, a doce e boa Adriana.

As peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Agora entendia porque nunca queria contar nada de seu passado e porque ficava tão nervosa toda vez que precisavam voar à Espanha. Era uma maldita assassina.

Continuou pesquisando mais informações sobre o caso e encontrou outras notícias de jornais locais, inclusive um ou outra em meios nacionais. Alguns jornalistas acreditavam que o motivo do crime era financeiro: as empresas de Alejandro Martínez estavam dando bons frutos e por estarem casados em um regime de divisão de bens e sem filhos, ela seria a única herdeira do império. Outros acreditavam tratar-se de um crime passionai, um surto de ciúmes que teria terminado tragicamente. Topou com outra notícia que falava sobre os maus tratos do falecido para sua assassina, mas não pôde ler o texto completo, já que tinha sido tirado do ar ante a avalanche de comentários negativos que recebera por parte dos leitores.

Abriu outra notícia que antecipava um final trágico para Andrea Delgado.

“ANDREA DELGADO, A CONHECIDA ‘ASSASSINA DO PÁLIDO’, PODERIA TER FALECIDO NO MEDITERRÂNEO.

Completados 10 dias da morte de Alejandro Martínez, o querido hoteleiro da Costa Tropical, assassinado por sua mulher, novas informações podem lançar um pouco de luz ao assunto. Andrea Delgado, autora do crime e com mandato de busca e apreensão dado à fuga da penitenciária de Albolote, pode ter falecido no Mar Mediterrâneo enquanto tentava cruzar as costas africanas. Apesar

de nenhum corpo ter sido encontrado, a hipótese ganha força ao terem sido encontradas à deriva roupas femininas e uma pequena embarcação alugada.

O proprietário da embarcação, responde à sigla J.S.P, reconheceu Andrea Delgado nas fotografias apresentadas pela polícia. Visivelmente emocionado, assegurou não saber quem era aquela moça, que insistiu em pagar-lhe em dinheiro e parecia ter muita pressa em lançar-se ao mar, segundo declarações da própria testemunha.

Andrea Delgado escapou da prisão de Albolote depois de três dias e foi vista em Motril e em Solobreña no mesmo dia de seu desaparecimento. A Assassina do Pálido, conhecida assim por ter assassinado o marido com uma dose letal de medicamentos em um copo de rum pálido, poderia ter estado escondida durante estas 72 horas na casa de algum amigo ou familiar.

A tranquila cidade de Motril vive entre a consternação e o medo, à espera de novas notícias que deem fim a um dos episódios mais obscuros de sua história.”

Enfim, Kate chegou a uma série de notícias em que a polícia dava a jovem como morta, alegando que a distância em que a embarcação fora encontrada e levando em consideração o frágil estado de saúde que havia demonstrado durante sua estadia em Albalote, era teoricamente impossível que sobrevivesse. Seus familiares inclusive realizaram um velório íntimo sem o corpo da moça, um ato de dimensões muito menores do que o realizado à honra de Alejandro poucos dias antes, no qual não cabia nem mais um alfinete e que manteve as bandeiras da prefeitura a meio mastro durante três dias, em luto oficial. Somente uns poucos parentes muito próximos e algumas amigas quiseram dar um último adeus à jovem.

Como costuma ocorrer com a maioria das notícias, logo a cidade esqueceu o dramático incidente e nunca mais voltou a falar da cruel Andrea nem do bom Alejandro. Deixaram de ocupar as primeiras páginas dos periódicos impressos do local assim como os meios digitais não voltaram a dar protagonismo à história.

Kate não conseguiu encontrar nenhuma outra notícia sobre o terrível evento, de modo que compreendeu que a história se encerrava aí. Havia sido dada como morta, mas a cadela conseguira escapar. E agora estava ali. Em Malta, com outra identidade e outra vida, enganando, mais uma vez, todos os que a rodeavam.

Debatia-se entre a raiva e o medo, sabe-se lá que barbaridade poderia fazer se descobrisse que Kate sabia de tudo. Mas não podia guardar um segredo assim. Tinha que chamar a Embaixada Espanhola e contar que uma assassina estava se escondendo na ilha. Mas antes, tinha que falar com Paolo. Ele corria um grave perigo se continuasse em contato com ela.

Capítulo 25

A tripulação voltava a se preparar para o embarque que estava prestes a começar. Enfim, era o último voo do *planning* e de volta à Malta, Kate perambulava nervosa de um lado para outro no avião, sem poder sequer olhar nos olhos de Paolo, consciente da notícia que ia lhe dar. Se gostava minimamente de Adriana (ou deveria começar a chamá-la de Andrea?), quando conhecesse sua verdadeira personalidade, acabaria repudiando-a igual fizera com Kate? Como ela fora capaz de cometer tal atrocidade e começar do zero sem se importar com nada? Não, Adriana, um passaporte novo e um corte de cabelo não apagam seus erros.

Felizmente, Kate conseguira se esquivar das incessantes perguntas de Alexandra, que a cada dia que passava, notava-a mais estranha. Ultimamente sentia que não conhecia mais a amiga, estava esquiva, ausente e não tinha mais a vitalidade que antes a caracterizava. Alexandra acreditava que Kate talvez estivesse começando um relacionamento com alguém. Não passou batido o detalhe de que sequer comera ao meio-dia, encerrando-se no quarto com o computador para sair dali com cara de quem devia ter visto um fantasma. Estava preocupada com ela, mas não quis insistir muito, sabia que quando se fechava em seu mundo, não havia maneira de derrubar esse muro invisível.

Alexandra conseguira falar pelo telefone com Adriana enquanto estava no táxi a caminho do aeroporto. Propôs uma sessão de cinema no dia seguinte, mas rejeitou com delicadeza alegando que se estava de licença, não era adequado deixar-se ver por aí, aproveitando. O plano B foi jogar pôquer no apartamento de Adriana, ao que aceitou um pouco reticente. Alexandra não sabia se aquilo era só para não passar por mal-educada ou se realmente gostava do plano, mas, de qualquer maneira, sabia que sua companhia ia fazer-lhe bem. Tivera ocasião de falar com Paolo e ele contara sobre Ibrahim, mas sem entrar em detalhes. Outro motivo para utilizar um jogo de cartas como desculpa para passar um tempo a sós com Adriana. Estava certa de que aquela garota indefesa precisava da companhia de uma boa amiga, ainda mais se também sofria de mal de amores. E se tinha algo que Alexandra entendia, era de confissões. E de problemas do coração.

Quando, enfim, o avião aterrissou, Kate ofereceu a Paolo que dividissem um táxi e fossem beber algo em sua casa. Algo que, apesar de, a princípio, soar como uma proposta indecente, pela expressão assustada da irlandesa, podia suspeitar que não se tratava disso. Ou, ao menos, essa não era sua principal razão para enfiá-la em sua casa na metade noite.

A contragosto, aceitou. Não gostava da ideia de ter Kate em seu apartamento sem saber o que exatamente ela queria, mas algo dentro dele dizia que era importante. Se ela demonstrasse que havia crescido o suficiente para deixar que a obsessão sobre o que acontecera naquela noite não definisse mais sua relação, então, ele também estava disposto a retomar a amizade que tinham até que aquele erro arruinasse seu relacionamento com Alexandra e entrasse no caminho de sua relação profissional com Kate.

Não trocaram uma palavra durante todo o caminho. Quando o táxi parou na porta do apartamento de Paolo, ambos pareceram despertar de um estado de hibernação no qual tinham submergido e voltaram a trocar algumas palavras somente por cortesia. Conversas de elevador sobre o tempo ou um comentário divertido sobre um passageiro que insistiu em verificar se embaixo de seu assento havia um colete salva-vidas “*porque, naquela noite, havia sonhado que o avião estava com os parafusos soltos*”, literalmente.

— Se todos soubessem tudo o que precisa funcionar em um avião para que se mantenha voando, acho que ficaríamos sem trabalho — Paolo, alheio ao que estava prestes a saber, brincava com os medos

absurdos e a ignorância da maioria dos passageiros. — Entre, desculpe pela bagunça. Não esperava companhia e você sabe que homens podem ser um desastre quando se trata de organização.

— Só vocês? Isso depende da pessoa — Kate estava muito mais tensa do que ela sequer poderia ter imaginado.

— Eu sei, era só um comentário para quebrar o gelo. O que está acontecendo, Kate? Você está estranha. Há algum problema comigo? Fiz algo de errado? Ou...? Não gosto dessa situação, me incomoda e se posso fazer algo para que você se sinta melhor, conte comigo.

— Não é você. Deus! Isso é mais difícil do que eu esperava.

— Sente-se, deixe eu te servir uma água.

— Paolo, você soube daquela história de uma garota que assassinou o marido na Espanha, em 2006? — decidiu era melhor botar logo na quinta marcha.

— Não... — pensou um instante. — Acho que não. Talvez escutei a respeito em algum momento, mas não lembro agora. Não acompanho as notícias internacionais mais além das conversas que escuto entre os passageiros. Por quê? Eu deveria saber?

— Deveria... Posso olhar o computador, por favor. Tenho que te mostrar uma coisa.

Paolo não entendeu nada. Não sabia que jogo Kate estava jogando ou se havia algum sentido naquilo, mas, sem questionar, foi buscar seu notebook. Estava cansado, voar cansa muito mais do que as pessoas imaginam. Embora, da galeria parecesse que dedicavam-se apenas a sorrir para os passageiros, seu trabalho envolvia uma carga muito maior que se dava a ver, para não falar dos milhares de metros caminhados diariamente. Não estava para jogos, mas conhecia bem Kate e sabia quando enfiava algo na cabeça, era melhor ir na dela. Entregaria seu computador e arranjaría qualquer desculpa para pedir que fosse embora.

— Aqui está. Estou muito cansado, Kate. Desculpe se não estou te dando muita atenção, mas não consigo mais juntar lé com cré.

— Acho que você vai ficar mais atento depois que ver isso. — Me dê um segundo... Pronto, aqui está. Paolo, antes de ver isso, quero que saiba que não estou fazendo para te perturbar a vida nem nada disso. Só acho que você precisa conhecer a verdade.

— Por favor, Kate, já te falei que estou muito cansado. Diga logo o que for e me deixe ir deitar. Foi um dia longo e noite passada não dormi nada. Desculpe se estou sendo grosseiro, mas...

Kate não o deixou terminar a frase. Girou o computador deixando a mostra o rosto de Adriana junto ao título devastador.

Paolo permaneceu olhando absolutamente inexpressivo durante alguns segundos, até que Kate, assustada, tirou-o de seu estado estupefato.

— Você está bem, Paolo?

— Que merda é esta, Kate? Agora você deu para fazer montagens? Você se incomodou tanto com nosso beijo para chegar a... isso?

— Como pode me acusar de algo assim? Pega o computador — passou-o a ele de maneira insolente. — Pesquise o quanto quiser sobre o tema, está tudo aí. Não posso manipular toda a merda da Internet, cacete! — Kate estava começando a perder a cabeça. A última coisa que lhe faltava era que Paolo também defendesse Adriana ante aquilo.

Com muita calma, talvez fruto da incredulidade que sentia, Paolo foi abrindo em diferentes abas as notícias que ia encontrando sobre o assunto. Não, isso não podia ser uma invenção de Kate. Mas como...?

— Não entendo, aqui diz que ela se chama Andrea.

— Ela está com uma identidade falsa agora.

— Mas...? Não entendo, de verdade, não entendo nada.

Leu três, quatro, cinco notícias. Seguiu a linha cronológica da história até que os meios deixassem de ecoar uma história que não parecia mais interessar a ninguém. Mortos os dois, acabou-se o problema. O

mundo seguira seu curso, mas Paolo não pôde evitar o completo assombro. Como aqueles olhos cristalinos podiam abrigar tanta maldade? Tudo se revirava dentro dele, sentiu-se tonto, muito tonto. Também sentia dor, sentia-se enganado e raiva, muita raiva.

Em um movimento rápido, levantou-se do sofá, pegou seu casaco preto de couro e avançou para a porta sem sequer dar-se conta de que estava deixando Kate sozinha em sua casa. A moça não teve tempo de sequer tentar alcançá-lo, mas já sabia aonde ia.

As cartas estavam sobre a mesa. Tinha conseguido separar Adriana e Paolo para sempre e, agora, era o momento de devolver aquela rata ao esgoto de onde nunca devia ter saído. Sabendo que Paolo ia à casa de Adriana, com o sangue frio, esperou meia hora tomando um copo de gim, tempo suficiente para que os pombinhos discutissem. Então, pegou o telefone e, decidida, discou:

— 191, Polícia, em que posso ajudar? — uma voz masculina respondeu do outro lado do aparelho.

— Polícia? Estou ligando para fazer uma denúncia. Localizei uma fugitiva.

Capítulo 26

Adriana não sabia quem poderia estar tocando a campainha de forma tão desesperada às 3 da madrugada, mas sem dúvida era algo muito urgente. Desceu as escadas correndo, quase tropeçando devido à má iluminação e ao sono. Ao abrir a porta, não conseguiu evitar esboçar um sorriso ao ver Paolo do outro lado. Um sorriso que se desvaneceu ao perceber que seu rosto não trazia boas notícias.

Sem esperar, a afastou de seu caminho e subiu as mesmas escadas por onde ela tinha acabado de descer. Adriana não entendia o que estava acontecendo, beliscou-se pensando que podia tratar-se de um sonho absurdo, mas infelizmente, aquilo era real.

Paolo havia entrado na pequena e humilde casa de Adriana sem poder deixar de revirar-se por dentro. Antes que a garota de olhos tristes pudesse pedir-lhe explicações sobre seu comportamento, sacudiu o celular a poucos milímetros de seu rosto.

— O que significa isso, Adriana? — seu tom, mais agressivo do que precisava, não podia esconder seu estado. — Ou eu deveria te chamar... como era? Ah, sim... Andrea?

Embora a mão de Paolo não parasse de tremer e não pudesse ver claramente o que estava mostrando, reconheceu a si mesma naquela foto de seu passado. Escutar seu verdadeiro nome tampouco a ajudou. Aqui era onde tudo acabava. Sua mínima probabilidade de sobreviver em liberdade, sua esperança, sua pouca vontade de seguir adiante, tudo isso voltava a morrer naquele instante.

Talvez ela devesse ter morrido, não Alejandro. Talvez assim todos saíssem ganhando. Ela poderia descansar em paz e ele seguiria com sua vida exemplar de bom filho e chefe.

Não soube o que responder. O que dizer a uma pessoa a quem desapontou de maneira tão colossal? Paolo havia confiado nela, havia estendido a mão e havia oferecido sua amizade e, quem sabe, um pequeno espaço em seu coração. E ela havia pagado com segredos, com mentiras, escondendo até seu verdadeiro nome. Não tinha vontade de continuar lutando, deixar-se morrer em vida seria a decisão mais inteligente.

— Não vai dizer nenhuma maldita palavra?

— Desculpe...

— Desculpe? Você é tão hipócrita a ponto de pedir perdão a mim? Você tinha que pedir perdão ao seu marido! Esse pobre homem que você assassinou!

E então, pela primeira vez em dois anos, Adriana explodiu. E gritou, gritou com raiva e dor. Gritou como deveria ter feito há muito tempo para que sua voz fosse ouvida.

— Pobre homem? Pobre de mim! Você se incomodou em conhecer o meu lado da história, Paolo?

— Ah, então há uma desculpa? Não me faça rir, não há justificativa alguma, Adriana!

— Me escuta! Dois minutos e prometo que te deixo em paz.

E então, Adriana começou a contar sua esmagadora história:

Havia conhecido Alejandro quando era muito jovem. Tinha apenas 16 anos e uma gana imensa de conhecer o mundo. Sua vida eram seus estudos, suas amigas e sua família, mas conheceu um rapaz um pouco mais velho que ela e logo se apaixonou. O que parecia ser um relacionamento normal, pouco a pouco transformou-se em algo doentio. Era um rapaz muito ciumento e suas amigas davam pouca importância ao problema quando contava a elas parte do que ocorria, inclusive, diziam que isso demonstrava o quanto ele a amava. A esta altura, não tinha a menor dúvida que não tinham má intenção, mas talvez se a tivessem incentivado a deixá-lo, nada disto teria acontecido.

Estiveram juntos por dois anos e justamente quando ela começou na universidade em outra cidade, a apenas 100 quilômetros de onde viviam, ele a pediu em casamento. “*Vamos fazer uma loucura, vamos casar! Vamos casar sem que ninguém saiba, agendamos no cartório, vamos usando jeans e nunca*

ninguém mais poderá nos separar. Podemos viver em um dos apartamentos dos meus pais, além disso, os restaurantes não vão mal, dinheiro não será um problema. Vamos, Andrea, mostre que você me ama tanto quanto eu te amo.” E embora parecesse uma loucura, o medo de perdê-lo foi mais forte. Deixou tudo, absolutamente tudo por ele: sua nova vida em Málaga, seus estudos, fechou-se em si mesma e esqueceu-se dos amigos. Ao passo que ele a cada dia começava a tratá-la um pouco pior...

Até que um insulto foi acompanhado de um grito, um grito de um empurrão, um empurrão... Medo, muito medo. O momento em que Alejandro chegava em casa depois do trabalho já não era motivo de felicidade, como em qualquer casamento normal. Já não se levantava e ia à porta recebê-lo e dar a ele o primeiro dos muitos beijos do dia. Até que, uma manhã, descobriu que já não sonhava com uma vida com ele. Teria dado qualquer coisa para voltar àquele dia em que tomou a pior decisão de sua vida e casou-se com ele, ainda uma criança, sem saber que estava unindo sua vida a de um animal.

Mas já não era tão fácil como esfregar uma lâmpada e pedir a um gênio que a devolvesse ao ponto mais feliz de sua vida ou simplesmente ao ponto em que cruzou com ele. Teria tomado outro caminho, incerto talvez, triste provavelmente, mas muito menos obscuro que aquele beco onde havia se condenado a permanecer por toda a vida.

Uma noite, depois de embriagar-se com analgésicos para a dor nos ossos, caiu profundamente adormecida e teve um sonho revelador. Se ele não estivesse presente, ela poderia voltar a ver a luz. Se ele não estivesse, ela voltaria à vida. Se ele não estivesse... se ele não estivesse.

As brigas eram cada vez mais frequentes, mais fortes, mais próximas da morte e quando se deu conta de que era sua vida ou a dele, armou-se de um pouco da coragem que ainda restava em sua patética vida e preparou um coquetel molotov com uma boa dose de rum que disfarçaria o sabor dos medicamentos.

Então, depois de tanto ruído, silêncio.

Não foi capaz de continuar com o planejado. Percebeu que nada sairia como esperava, que, mesmo depois de morto, ele tinha escapado ileso, ela seria uma desgraçada para sempre. Seu fantasma na recordação nunca a deixaria viver em paz. Ela mesma havia assinado sua pior sentença.

E desmoronou. Quis poder mudar os papéis, ser ela quem estivesse estendida no chão como tantas vezes esteve, mas desta vez, sem despertar. Com as mãos limpas de sangue, mas a consciência muito suja, chamou a polícia para confessar seu crime e procurar alguma forma de ajuda. Talvez com um bom tratamento psiquiátrico, com o tempo, poderia esquecer-se de que fora capaz de tirar a vida de um homem.

Mas longe de encontrar proteção, deram-lhe as costas. Ninguém acreditou em sua versão, ninguém, mesmo vendo os hematomas gravados em púrpura na sua pele. *“Você inventou uma boa história”,* diziam-lhe.

Seu advogado não lhe quis dar muita esperança. Iam condená-la por muito tempo e nem mesmo ele poderia evitar. Foi ele quem a ajudou a escapar ante a impotência de não poder fazer nada por ela. Ele, sim, acreditava e sabia que ela não merecia apodrecer em uma prisão esquecida por Deus.

Comprou em dinheiro uma passagem de ônibus de volta a Motril. Os 75 km que separavam a prisão da província de sua cidade natal eram intermináveis. Sabia que não tinha muito tempo antes que comessem a procurá-la e dessem o alerta de sua fuga. Chegou à casa de seus pais e prometeu que tentaria cuidar de si mesma como nunca antes. Pegou um par de mudas de roupas, mais dinheiro em espécie e passou pela casa de sua tia Carla, vizinha de seus pais, para também se despedir dela. *“Andrea, lembra daquele restaurante que fomos quando você fez 14 anos? O Adriana? Você me falou de seus sonhos e soube que seria uma mulher incrível. Lute, meu amor, lute! Não perca o brilho que você tinha nos olhos naquela noite. Eu acredito em você”*.

Teve que se despedir dela, sabia que ali seria o primeiro lugar onde a procurariam. E então, a ficha caiu. Não ia deixar-se morrer, não merecia. Sua mente ágil foi capaz de montar um plano em poucos segundos. Pegou outro ônibus para a cidade vizinha, Salobreña, e procurou uma antiga conhecida com

quem sempre passava os verões e as festas dos padroeiros. Chamava-se Adriana. Encontrou-a com outros jovens da cidade no lugar de sempre. Não se importavam com os olhares acusatórios de todos que passavam. Habilmente, trombou com ela e enquanto desculpava-se com uma mão, com a outra pegou a carteira sem que ninguém percebesse nada. Quando a necessidade bate, tornamos todos os sentidos e habilidade mais agudos e certos, como nunca imaginamos antes.

Poderia ter roubado a documentação de qualquer outra garota de sua idade, mas quis que seu novo nome fosse Adriana. Se alguma vez sua tia chegasse a saber de seu paradeiro, seria a melhor forma de dizer a ela em silêncio que tudo estava bem. A melhor piscada de olho que poderia dar a uma das poucas pessoas em quem foi capaz de confiar quando caíra na vida.

Deixou passar três dias antes de fazer o próximo movimento, escondida como um sem teto em uma casa em ruínas abandonada. Pensou melhor em seu plano de fuga para que deixassem de procurá-la. Alugou uma pequena embarcação e partiu sem ser notada. Levava consigo algumas tábuas que a ajudaram a manter-se flutuando quando decidiu se lançar ao mar. Quando já estava a uma distância suficiente para que ninguém tivesse dúvida de que não sobreviveria, jogou suas cartas em um tudo ou nada, o último salto mortal. E, mais uma vez, conseguiu cair em pé. Conseguiu alcançar a praia antes do amanhecer e voltou a pegar um ônibus, desta vez, rumo a Madri.

E o resto é história.

Capítulo 27

Era a primeira vez que Andrea contava sua história em voz alta. Um Paolo impressionado olhava-a do outro lado da sala sem ser capaz de articular uma só palavra. Quis abraçá-la, consolá-la e prometer que já estava a salvo, que nada mais de ruim voltaria a lhe acontecer.

Porém, justamente nesse instante, o silêncio foi ocupado por ruídos; Um esquadrão da polícia irrompeu no apartamento 405 da Alamein Road.

Capítulo 28

— Mãos ao alto! Ninguém se mova!

Andrea não opôs nenhuma resistência. Havia chegado o momento de deixar rolar e, mesmo que Paolo não quisesse voltar a saber dela, alegrava-se por ter passado seus últimos momentos em liberdade na companhia dele. O que a garota de olhos tristes não sabia é que aquela história tinha mexido com seu amigo que, longe de odiá-la agora sentia-se mais próximo dela do que jamais tinha estado.

Sempre soube que seu olhar de olhos tristes escondia algum segredo, só nunca imaginara que fosse algo desta magnitude.

Ela não era uma assassina, era uma sobrevivente, uma lutadora que conseguira escapar de uma vida que não merecia. Não foram as formas mais adequadas, mas há vezes em que a vida nos embaça tanto a visão, que nem sempre percebemos que há outra saída. Porque sempre há: seja uma porta, uma janela ou a mão de alguém para nos erguer do buraco.

Paolo lamentava profundamente não poder estender essa mão que ela agora tanto necessitava. Talvez algumas palavras de consolo teriam bastado enquanto a via afastar-se cabisbaixa e escoltada como uma delinquente qualquer, mas... como dizer a alguém que somente o seu sorriso bastava para voltar a recompor os minúsculos pedacinhos em que a vida havia se partido? Como explicar a uma pessoa que abriria mão do restante de seus dias ante a pior oferta somente para saber o que era dormir entre seus braços?

Perderam tempo, perderam vida e como camicazes sem retorno, puderam ter tudo e se empenharam em não ter nada. As estrelas olhavam zombeteiras aquela cena em que Andrea já não era mais Adriana e Paolo... Paolo simplesmente deixava de ser.

Sabia que, naquele instante, aquelas sensações que experimentava, ao ver sua Adriana partir como uma delinquente, ficaram inevitavelmente registradas em seu diário de bordo. Não sabia se era amor, talvez amizade ou simplesmente vontade de descer de um mundo que tornava-se cada vez mais louco, mas... como rotular algo que nunca aconteceu?

As luzes dos carros da polícia desapareceram na noite e o silêncio retornou ao sempre tranquilo bairro de Pembroke. Como o último convidado em uma festa, Paolo ficou imóvel nas sombras de um apartamento que durante muitos meses fora o refúgio de uma alma despedaçada. No silêncio da solidão, pôde escutar o ruído de tudo o que Andrea, sob a pele de Adriana, havia vivido desde sua chegada a Malta: o ruído de seus sapatos marcando o novo rumo, o apito da cafeteira anunciando o momento de transformar os sonhos em realidade, os fantasmas dos poucos pertences que conseguira resgatar de sua vida na Espanha, a alegria de uma alma pura que nem sempre conseguiu desfazer-se em risos, o rumor de tantos sonhos distantes... desvanecendo entre os corredores daquele lugar, seu lar.

E então, Paolo desatou a chorar. Porque mesmo aqueles que não querem reconhecer, eles também choram.

Capítulo 29

Adriana passou a noite prestando depoimento nos calabouços de La Valeta. Seu ódio por aquela cidade continuou crescendo: há apenas alguns dias, perdeu o amor, a honra e, ali e naquele momento, a capital de Malta voltava a ser testemunha de como sua vida de desfazia em pedaços.

Tratada como uma insignificante impostora e uma assassina sem escrúpulos, agradeceu por, pelo menos, não precisar passar o restante dos seus dias ali. Pôde escutar de sua cela que o governo espanhol já havia autorizado sua extradição para ser julgada e encarcerada lá.

Sete horas. Voltaria no primeiro voo da manhã, sob a custódia de dois agentes da autoridade maltesa. Tanto alvoroço por uma mulher que, no fundo, ainda era uma menina... Garantiram que alguém passaria em seu apartamento para pegar seus pertences e enviá-los de volta à Espanha, mas... quem devolveria as noite que nunca poderia dormir? Como poderia empacotar um último abraço de todas as pessoas que tinha chegado a amar ali?

A garota dos olhos tristes sentiu-se entorpecida, desamparada, mas quando acreditava que nada poderia piorar... dormiu... Dormiu e com isso se esfumaçaram as últimas horas que passariam em um lugar que tinha ficado gravado a fogo em seu coração.

Foi despertada pelos gritos de uns homens uniformizados, sem ter tempo para pentear-se ou mesmo escovar os dentes, colocaram-na em um carro rumo ao aeroporto.

As algemas, a roupa desastrosa e o fato de estar rodeada de policiais não deram margens para dúvidas e teve que suportar o olhar vaidoso daqueles que até pouco tempo atrás eram seus colegas. Somente rezava para não precisar cruzar com sua tripulação habitual.

Um agente, o mais alto de todos, convidou-a a afastar-se momentaneamente do grupo e explicar o que ocorreria dali em diante. Voltaria à penitenciária de Albolote e seria julgada por tripla infração: homicídio, suplantação de identidade e evasão de estabelecimento prisional. Em resumo, sem nenhuma prova com qual demonstrar que o crime que cometeu foi em autodefesa, Adriana passaria um bom tempo atrás das grades.

Ainda restavam alguns minutos para que se iniciasse o embarque ao voo que a levaria de volta para casa. Pediu, como último favor antes de voltar a ser privada de sua liberdade, que alguém avisasse sua família para poder vê-los no aeroporto de Málaga nos poucos 5 minutos que demorariam para percorrer o terminal de desembarque. Aparentemente, o governo espanhol já tinha se adiantado e já tinham sido informados. Imaginou que, a esta altura, seu rosto estaria outra vez nos jornais de cadeia nacional e que sua história já fora lançada a céu aberto. Mas nem isso a comoveu: quando você se rende, nada mais importa.

Receberia sua pena, pagaria por seus delitos e, se depois restasse algo de vida em seus olhos, voltaria à Malta, sendo, enfim, Andrea. Talvez grisalha, provavelmente arruinada pela má vida que a aguardava na prisão, mas livre. Livre de verdade.

Enfim, a voz metálica dos auto-falantes anunciou o início do embarque de seu voo. A polícia informou que podiam esperar que os passageiros embarcassem. Eles iriam depois para não armar mais alvoroço e tomariam os assentos reservados na zona dianteira do avião, separados do restante por cortinas.

Levantou o olhar para assentir sem vontade e, então, viu-os. Parados a meros 20 metros dela, Alexandra e Paolo, emocionados, haviam usado suas influências no aeroporto para passar o controle de segurança e dar à amiga uma despedida minimamente aceitável. Paolo foi o primeiro que se adiantou quando viu Andrea avançar em sua direção. Na metade do caminho, fundiram-se em um abraço carregado de eletricidade e ternura.

— Adriana... desculpe, Andrea... Isso é muito estranho para mim, como quer que eu a chame?

— Como quiser — apesar das circunstâncias, foi capaz de esboçar um leve sorriso, perdendo-se na paz que lhe davam os olhos de Paolo.

— Não me importa o nome, só me importa você, Vim dizer que acredito em você, acredito em sua história e que não te julgo.

— Você não faz ideia do quanto isso significa. Quem dera pudesse ter sido de outra maneira.

— Quem dera, mas fico com o que vivemos, com a sorte de ter te conhecido e com o pedacinho que você sempre ocupará em minha vida.

— Não sei o que dizer, Paolo.

— Não diga nada. Não arruinemos este momento. Me escreva e, se quiser, algum dia estarei aqui. Voltaremos a este lugar, prometo, sempre volte àquilo que você ama, aonde pertence. Mesmo que os anos passem, quero voltar a ver você. Promete isso para mim.

— Não quero que me espere, Paolo.

— Não vou — e mesmo com a aspereza de suas palavras, continuou: — mas não vou esquecer de você.

Se aquilo fosse um filme, o rapaz beijaria a mocinha e iria prometer-lhe amor eterno, enquanto os passageiros aplaudiriam emocionados. Mas era a vida real, em que os bons às vezes perdem e o Cupido nem sempre acerta suas flechas no alvo. No entanto, no fundo, Andrea e Paolo tinham vivido uma história muito mais bonita que todos aqueles sentimentalismos de Hollywood. O que tiveram fora real e mesmo que não pudessem ter um final feliz, restava-lhes a recordação da mais bela história de duas pessoas que tiveram a sorte de se cruzar nesta viagem chamada vida. E aquilo, sim, seria eterno.

Perderam a noção do tempo naquele último abraço, até que notaram os braços de uma terceira pessoa. Alexandra uniu-se a eles e sussurrando entre lágrimas, disse à amiga que devia embarcar.

— Obrigada, Alex, por tudo. Você foi uma grande amiga. Por que Kate não veio?

— Foi Kate quem chamou a polícia. Descobriu a sua história.

— Então, ela é a traidora...

— Sim... desculpe por dizer, mas você precisava saber. Fico muito triste por tudo terminar assim.

— Tudo bem, no fim, cada um recebe aquilo que merece. Acredito cegamente no carma. Tenho que pagar por meus erros e posso dizer que agora, sim, vou em paz, pois a vida me ensinou uma lição muito valiosa. De que me serve ser quem eu não sou de verdade? É melhor morrer com os sapatos calçados que viver uma vida de alguém que não é você. Nunca teria sido feliz fugindo para sempre e, agora, pelo menos tenho uma mínima possibilidade de voltar a ser eu um dia, — depois de uma breve pausa, continuou: — Alexandra, posso te pedir um último favor?

— O que quiser.

— Cuide de Paolo e deixe que Paolo cuide de você — piscou um olho e acrescentou: — sei interpretar esses olhares.

Sua aventura tinha terminado. Subiu ao avião sem olhar para trás, nem sequer quis ver a paisagem maltesa enquanto decolavam. Não queria ver se distanciar aquele lugar que tanto havia dado a ela e que tanto tirava agora. Fechou os olhos e deixou que fossem suas próprias recordações que desenhassem seu final.

Capítulo 30

Mas não foi suficiente. Somente lhe ocorreu uma maneira de encerrar aquele belo capítulo do drama em que havia se transformado sua vida: escrevendo. Há poucos minutos, no aeroporto de Luqa, onde tudo começou, havia prometido a Paolo que escreveria. E não havia melhor momento que aquele.

— Poderia me emprestar papel e caneta, por favor?

— Claro, aqui está.

E então, as mãos de Andrea, com o coração de Adriana em carne viva, começaram a escrever sua verdadeira despedida:

“SE PUDESSE VOLTAR A COMEÇAR:

Há vezes em que a vida te leva por caminhos em que você pensa que nunca se perderia. No entanto, é a única forma que temos de voltar a começar. Se eu pudesse, hoje, voltar a começar, não cometeria os mesmos erros somente por voltar ao dia em que nos conhecemos. Nós não merecemos outra vez este final.

Se pudesse voltar a começar, faria para mim um par de asas e iria te buscar. Perto... ou talvez no fim do mundo. Mas o teria feito antes, muito antes.

Se pudesse voltar a começar, somente tentaria aprender a tempo que, às vezes, quando se perde, ganha-se. E que quando se ganha, também é possível perder. Quem sabe se, eu e você, nos perdendo hoje, talvez estejamos ganhando.

Na realidade, sobram-me as razões para te escrever, mas quero somente te dar, se me permite, um pequeno conselho: VIVA, porra, VIVA. Com letras maiúsculas, com ardor e com raiva. Viva de forma que não queira voltar a nascer, para que uma só vez seja suficiente. Viva com a certeza de que se algo te move, que seja sempre o coração. Somente dessa maneira você ganhará sempre. Embora logo aconteça de você perder.

Deixe que eu me despeça, não sem antes dizer que desejo que você tenha uma boa vida. Que a cada dia você encontre um motivo para continuar. Que a cada noite você caia rendido, porque transformar sonhos em realidade cansa. E muito. Que você encontre alguém que te ame e que você a ame também. E que não fique triste por mim.

Quem sabe você a ame mais que nada, mais que a você mesmo. Mas quem sabe, que você também lembre de mim. Mesmo que seja só por um instante, a cada dia do resto de sua vida.

Com amor,

Sua garota dos olhos tristes”.

Fim

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!